

## **Agradecimentos**

Ao meu namorado que sempre acreditou que eu iria conseguir apesar de todas as adversidades. Por ter estado sempre ao meu lado nos bons e nos maus momentos dando força e coragem para continuar.

Aos meus pais pelo apoio, ajuda e encorajamento que me deram ao longo destes anos.

Às minhas amigas Ana, Ana Rita e Rute que me acompanharam ao longo destes anos, obrigada pelas viagens divertidíssimas de ida e vinda do ISCE, pelos dias e tardes de estudo em nossas casas e por terem sempre uma palavra amiga quando eu mais precisava.

À instituição onde estagiei e coordenadora por permitirem a minha presença na sala azul durante este ano. À psicóloga da instituição, pela imensa simpatia e pela forma como me fez sentir parte da instituição.

À educadora cooperante pela disponibilidade, colaboração, apoio, ajuda durante todo o tempo de estágio bem como por nunca ter deixado “penduradas” as minhas atividades e mesmo o projeto que continuou após ter terminado o estágio.

Às auxiliares da sala que me receberam muito bem, fazendo com que me sentisse muito mais um elemento da equipa. À auxiliar estagiária pela colaboração e empenho no meu projeto.

Ao grupo de crianças da sala azul, pelo seu empenho, dedicação e envolvimento na realização das atividades deste projeto.

Às famílias das crianças pelo envolvimento e colaboração no projeto, bem como pela disponibilidade nos registos no diário do monstinho.

Às minhas colegas de trabalho que acreditaram em mim e nas minhas capacidades obrigada Teresa e Fernanda pelas horas que fizeram a mais e pelas trocas de horários para que eu pudesse ir para as aulas.

À coordenadora e professora Celeste Rosa pela orientação deste relatório, corrigindo sempre para uma melhoria e pelo apoio e estímulo para continuar e ultrapassar os obstáculos que surgiram, um muito obrigada.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Ao Instituto Superior de Ciências Educativas de Odivelas, funcionários e todos os professores que me acompanharam ao longo destes quatro anos e que contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

## **Resumo**

O presente documento faz parte integrante da avaliação final de mestrado em Educação Pré-Escolar, que tem como finalidade a obtenção de grau de mestre e habilitação para a docência.

Este estudo tem como objetivo identificar os contributos de um fantoche (monstrinho João) e o próprio envolvimento parental de forma a fomentar atitudes de respeito e responsabilidade nas crianças. Foi então formulada a seguinte questão de investigação: Quais os contributos de um fantoche para o desenvolvimento das competências sociais num grupo de crianças?

A amostra do estudo integra a Creche e Jardim de Infância de uma instituição pertencente ao concelho de Torres Vedras, mais precisamente o grupo de crianças de 3, 4 e 5 anos da Sala Azul que fazem um total de 21 crianças com idades compreendidas entre os três, quatro e cinco anos, sendo na sua maioria de quatro anos e pertencentes a níveis sócio económicos diferentes.

Em relação à metodologia foi utilizada a investigação-ação onde foram desenvolvidas práticas que estimulavam à responsabilidade e ao respeito pelo outro através de um fantoche

Os dados foram obtidos através da observação participante nas práticas e também através de grelhas de avaliação e entrevistas realizadas às crianças, pais e educadora cooperante.

Ao terminar este projeto notou-se no grupo uma grande evolução nas crianças no que diz respeito à aquisição de competências sociais tais como cooperação, entreajuda, partilha, amizade, responsabilidade e uma maior autonomia no que concerne à resolução dos seus próprios problemas.

**Palavras-chave:** Competências Sociais, Responsabilidade, Pré-Escolar, Fantoche, Formação Pessoal e Social.

### **Abstract**

The present document is part of the final evaluation of the masters degree in Preschool Education, its purpose is the achievement of the masters degree and license to teach.

This study aims to identify the contributions of a puppet (monster John) and own parental involvement in order to foster attitudes of respect and responsibility in children. Was then formulated the following research question:

What are the contribution of a puppet for the development of social skills in a group of children?

The sample includes the Nursery and Kindergarten an institution belonging to the municipality of Torres Vedras, more precisely the group of children aged 3, 4 and 5 years of the Blue Room to make a total of 21 children aged between three , four and five years, mostly four years and belonging to different socio-economic levels.

Regarding methodology was used action research where practices were developed that encouraged responsibility and respect for others through a puppet

Data were collected through participant observation in practice and also through evaluation grids and interviews with children, parents and educators cooperative.

In the end this project was noted in the group a major evolution in children with regard to the acquisition of social skills such as cooperation, mutual support, sharing, friendship, responsibility and greater autonomy with regard to solving their own problems.

**Keywords:** Social Skills, Responsibility, Preschool, Puppet, Personal and Social Education.



## **Índice**

Agradecimentos.....	II
Resumo .....	IV
Abstract.....	V
<b>Índice de Figuras</b> .....	VII
<b>Índice de Anexos</b> .....	VIII
<b>Índice de Apêndices</b> .....	VIII
1. Introdução.....	1
2. Caraterização do Contexto Institucional.....	3
2.1. Caraterização do meio .....	3
2.2. Caraterização do Grupo .....	3
2.3. Caraterização do ambiente educativo .....	6
3. Enquadramento teórico.....	16
3.1. Formação Pessoal e Social.....	16
3.2. Competências Sociais .....	17
3.3. Envolvimento das famílias em projetos do jardim-de-infância .....	19
3.4. Fantoche/monstrinho como estratégia para o desenvolvimento das competências sociais .....	20
3.5. O papel do educador no desenvolvimento de competências sociais.....	21
3.6. Metodologia de trabalho de projeto .....	22
4. Descrição e Avaliação do plano de ação .....	26
4.1. Apresentação e justificação do plano de ação.....	26
4.1.1. Planificação em teia.....	28
4.1.2. Recursos .....	29
4.1.3. Avaliação .....	29
4.1.4. Cronograma .....	33
4.2. Implementação do plano de ação.....	34
4.2.1. Atividades desenvolvidas .....	34
4.2.2. Análise crítica das atividades desenvolvidas.....	52
4.3. Avaliação do plano de ação .....	54
	VI

5. Reflexões Finais .....	60
5.1. Implicação do plano de ação para a prática profissional futura.....	60
5.2. Potencialidades e limites do estágio na promoção do desenvolvimento profissional do formando.....	62
Anexos.....	69
Apêndices .....	71

### **Índice de Figuras**

Figura 1: Divisão do grupo por género e idade .....	4
Figura 2: Habilitações literárias dos pais.....	5
Figura 3: Profissões dos pais agrupadas por sectores.....	5
Figura 4: Planta da sala Azul.....	7
Figura 5: Apresentação dos resultados referentes à subescala ESPAÇO E EQUIPAMENTOS .....	9
Figura 6: Apresentação dos resultados referentes à subescala ROTINAS DE CUIDADOS PESSOAIS.....	10
Figura 7: Apresentação dos resultados referentes à subescala LINGUAGEM/RACIOCÍNIO .....	11
Figura 8: Apresentação dos resultados referentes à subescala ATIVIDADES .....	12
Figura 9: Apresentação dos resultados referentes à subescala INTERAÇÃO .....	13
Figura 10: Apresentação dos resultados referentes à subescala ESTRUTURA E PROGRAMA .....	14
Figura 11: Pontuações médias nas subescalas da ECERS.....	15
Figura 12: Lançamento do projeto.....	34
Figura 13: Resposta do monstinho às crianças.....	36
Figura 14: Desenhar o retrato do monstinho .....	36
Figura 15: Registo das regras .....	37
Figura 16: Desenho eleito.....	37
Figura 17: Desenho do monstinho .....	40
Figura 18: Desenho do monstinho .....	40
Figura 19: Abraço comboio.....	46
Figura 20: História “Grunxo e Roncão” .....	49
Figura 21: História inventada .....	49
Figura 22: Grelha ilustrativa da evolução das crianças .....	56

## **Índice de Anexos**

Anexo A – Sistema de Cotação da escala ECERS-R .....	69
Anexo B - Escala de avaliação do Ambiente em Educação de Infância .....	70

## **Índice de Apêndices**

Apêndice A – Planificações das atividades realizadas .....	71
Apêndice B – Avaliação feita através da observação direta, de registos fotográficos e escritos das atividades realizadas .....	78
Apêndice C – Grelhas de avaliação aplicadas às crianças.....	85
Apêndice D – Diário do Monstrinho .....	93
Apêndice E– Primeira carta do Monstrinho .....	179
Apêndice F - Resposta das crianças à carta do monstrinho.....	180
Apêndice G - Resposta do Monstrinho às crianças .....	181
Apêndice H - Uma música para o monstrinho .....	184
Apêndice I - Nova história: “Grunxo e Roncão a portar bem” .....	185
Apêndice J - Entrevistas às crianças.....	201
Apêndice K - Análise de conteúdo da entrevista realizada às crianças.....	233
Apêndice L - Questionários aos pais .....	236
Apêndice M - Análise de conteúdo dos questionários realizados aos pais .....	258
Apêndice N - Entrevista à educadora cooperante.....	260
Apêndice O - Análise de conteúdo da entrevista realizada à educadora .....	262

## **1. Introdução**

O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Prática Pedagógica II, que faz parte da prática de ensino supervisionado do Mestrado em Educação Pré-escolar. Esta decorreu num Jardim de Infância situado no centro de Torres Vedras.

Este relatório incide num projeto sobre a utilização de um fantoche como estratégia para levar as crianças a conversar sobre os seus problemas e a procurar soluções para os mesmos. Pretende-se envolver as famílias neste projeto, estimulando o envolvimento destas pela ida deste fantoche a casa de cada criança, com o intuito de estimular o sentido de responsabilidade das crianças.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (ME, 2009), quando as crianças estão em grupo, surgem sempre conflitos em que será necessário debater, procurar soluções, confrontar opiniões de maneira que sejam mais tolerantes para com os outros.

Tal como referido nas OCEPE, a Formação Pessoal e Social “...é considerada uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida.” (ME, 2009, p. 59)

Este grupo de crianças mostrou-se um pouco conflituoso, evidenciando escasso sentido de responsabilidade e de respeito pelos outros, pelo que consideramos pertinente e relevante explorar estas competências sociais com as crianças, proporcionando uma apropriação das mesmas.

O relatório incidirá na problemática que surgiu no contexto de prática que diz respeito ao estímulo para o sentido da responsabilidade e respeito pelo outro pois estas crianças mostraram-se um pouco conflituosas.

Estabeleci como objetivos para este projeto:

- Desenvolver a capacidade de resolução de conflitos;

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

- Favorecer a aquisição de atitudes responsáveis;
- Favorecer a aquisição de competências sociais.

Este relatório encontra-se organizado em várias partes. A introdução onde é identificada a área temática de estudo e se faz referência aos objetivos gerais, segue-se a caracterização do meio institucional, do grupo e do espaço onde decorreu o estágio curricular. No enquadramento teórico pretende-se abordar a Formação Pessoal e Social, as Competências Sociais, o envolvimento das famílias em projetos do jardim-de-infância, o fantoche/monstrinho como estímulo para o desenvolvimento das competências sociais, o papel do educador no desenvolvimento de competências sociais e finalmente a metodologia de trabalho de projeto. No ponto seguinte apresentamos a descrição e avaliação do plano de ação desenvolvido e finalmente a reflexão final que demonstra os contributos deste plano de ação para a prática profissional futura e revela as potencialidades e limitações encontradas durante o estágio curricular.

## **2. Caraterização do Contexto Institucional**

### **2.1. Caraterização do meio**

Este estágio foi desenvolvido numa instituição em Torres Vedras, designadamente uma instituição particular, com o estatuto de IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social), pois esta conta com apoios mensais do Instituto de Solidariedade e Segurança Social (ISSS), e do Ministério da Educação.

Esta instituição foi fundada por carta de El-Rei D. Manuel I, datada de Évora de 26 de Julho de 1520, que tem como linha condutora a implementação de padrões de qualidade em todas as suas respostas sociais. É uma preocupação da instituição organizar os seus serviços em função dos princípios de acessibilidade; adequação às necessidades físicas, psicológicas e sociais dos utilizadores; adequação às atividades e cuidados prestados; direito à privacidade; respeito/incentivo das relações interpessoais com as famílias e restante comunidade.

Esta instituição foi remodelada há relativamente pouco tempo e é constituída por quatro salas de creche e cinco salas de jardim-de-infância.

### **2.2. Caraterização do Grupo**

Tal como referido nas OCEPE:

Há diferentes fatores que influenciam o modo próprio do funcionamento de um grupo, tais como as caraterísticas individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades das crianças, a dimensão do grupo (ME, 2009).

Para a caraterização do grupo de crianças recorreu-se a várias fontes de dados, nomeadamente documentos referentes a cada uma das crianças e a entrevistas informais à educadora responsável pelo grupo de crianças.

Inicialmente o grupo era constituído por crianças com 3 e 4 anos de idade, mas atualmente o grupo é constituído maioritariamente por crianças de 4 anos e algumas 5 anos. É um grupo equilibrado em relação ao género, sendo que 11 são meninos (seis de 4 anos e cinco de 5 anos) e 10 são meninas (nove de 4 anos e uma de 5 anos), tal como ilustra a Figura1.

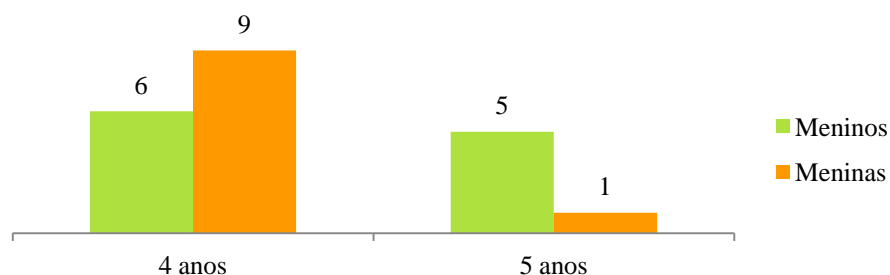


Figura 1: Divisão do grupo por género e idade

Gostam muito de falar e têm uma grande dificuldade em aguardar pela sua vez. Todos se atropelam para falar e todos querem ser os primeiros em tudo. Brincam muito uns com os outros, organizam-se em pequenos grupos por simpatias ou por interesses.

Estas crianças são um pouco conflituosas, por vezes surgem conflitos por exclusão, ou pela disputa de um mesmo objeto, gerando situações de agressão física ou mesmo falta de respeito para com o outro, a que o adulto está sempre atento para atenuar e suavizar estes momentos mais intempestivos, ajudando a criança a encontrar soluções mais adequadas e menos agressivas. Decidi por isso incidir nesta problemática tentando contribuir para a aquisição de competências sociais por parte das crianças. É um grupo que tem alguma dificuldade em ouvir o adulto e prestar atenção ao que se lhes diz. Em situações de aprendizagem em grande grupo dispersam-se com alguma facilidade.

Este grupo integra uma criança com necessidades educativas especiais e outras quatro que beneficiam de acompanhamento de uma terapeuta da fala duas vezes por semana.

Uma criança do grupo frequentou uma ama até entrar aos 3 anos nesta instituição. Todas as restantes crianças frequentaram a Creche desta mesma instituição excetuando três crianças que frequentaram creches de outras instituições.

A área de residência das crianças é maioritariamente na cidade, porém algumas crianças estão dispersas por várias localidades do concelho de Torres Vedras. Na sua maioria as crianças vivem com os pais e irmãos e apenas quatro crianças estão em situação monoparental, vivendo com mãe e irmãos.

Relativamente às habilitações literárias dos pais, a Figura 2 mostra que predominam os pais que têm o ensino secundário, seguindo-se os com habilitações literárias superiores.

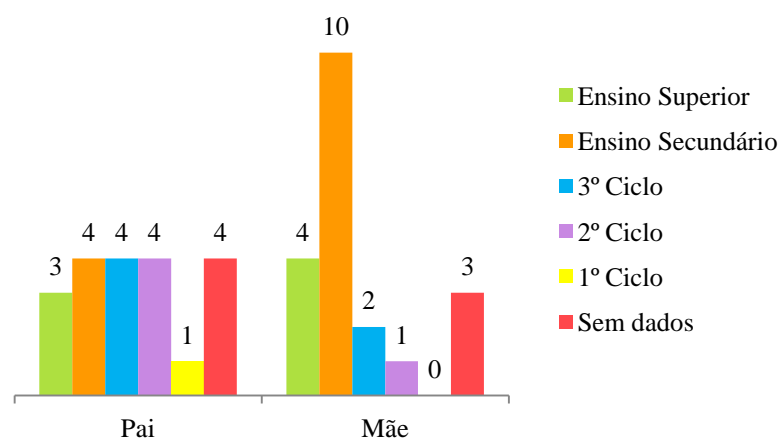


Figura 2: Habilitações literárias dos pais

Já em relação às profissões dos pais das crianças, pelo que se observa na Figura 3, o sector que predomina é o sector terciário com profissões como assistentes técnicos, assistentes administrativos, assistentes operacionais, operadores de hipermercado, advogados. Podemos também verificar que há pais desempregados.

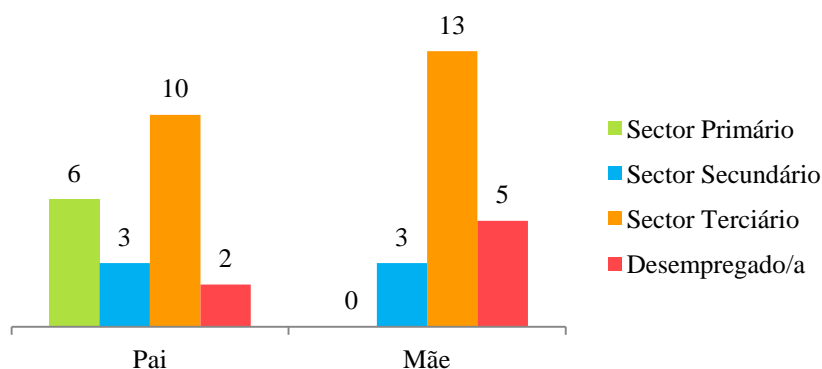


Figura 3: Profissões dos pais agrupadas por sectores



A maioria dos pais das crianças é de nacionalidade portuguesa, contudo também existem vários de outras nacionalidades tais como: espanhola, ucraniana, angolana e russa.

Este grupo é muito ativo, conversador, interessado e alegre. Gostam de colaborar e participar nas tarefas diárias da sala e de um modo generalizado são crianças com iniciativa própria, demonstrando curiosidade em conhecer, explorar e aprender coisas novas. São bastante estimulados para o mundo das letras e números mostrando grande interesse em reproduzi-los espontaneamente.

### **2.3. Caraterização do ambiente educativo**

A diversidade do grupo, as caraterísticas individuais de cada criança, bem como as especificidades do contexto educacional e cultural onde se insere o jardim de infância, constituíram-se como fatores determinantes na organização do ambiente educativo. De seguida apresenta-se a organização do espaço, organização do tempo e a organização social da sala. Para a avaliação destas dimensões utilizou-se uma escala, a Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância – Edição Revista (Early Childhood Environment Rating Scale Revised - ECERS-R) (2008) da autoria de Thelma Harms, Richard M. Clifford e Debby Cryer.

A ECERS-R destina-se a avaliar a qualidade de programas pré-escolares em salas com crianças dos 3 aos 5 anos. Esta escala é um instrumento de avaliação que surgiu em 1998 em consequência de uma revisão da primeira versão da ECERS de 1980. A primeira versão teve de ser revista devido ao aumento do número de crianças com incapacidades inseridas nos contextos educativos regulares, e também devido à diversidade cultural.

Esta escala foi aplicada em dois momentos distintos nomeadamente em Dezembro e Maio, em ambos os momentos a avaliação foi efetuada através de observação direta e conversas informais com a educadora pelo que se denotam algumas diferenças entre ambas pois ao avaliar pela segunda vez dei conta de situações que estavam mal avaliadas.

### 2.3.1. Organização do Espaço Sala

“Na sua consideração educativa, o espaço é um acúmulo de recursos de aprendizagem de desenvolvimento pessoal. Justamente por isso é tão importante a organização dos espaços de forma tal que constituam um ambiente rico e estimulante de aprendizagem.” (Forneiro, 1998, p. 241)

Na Figura 4 podemos observar a planta da sala Azul.

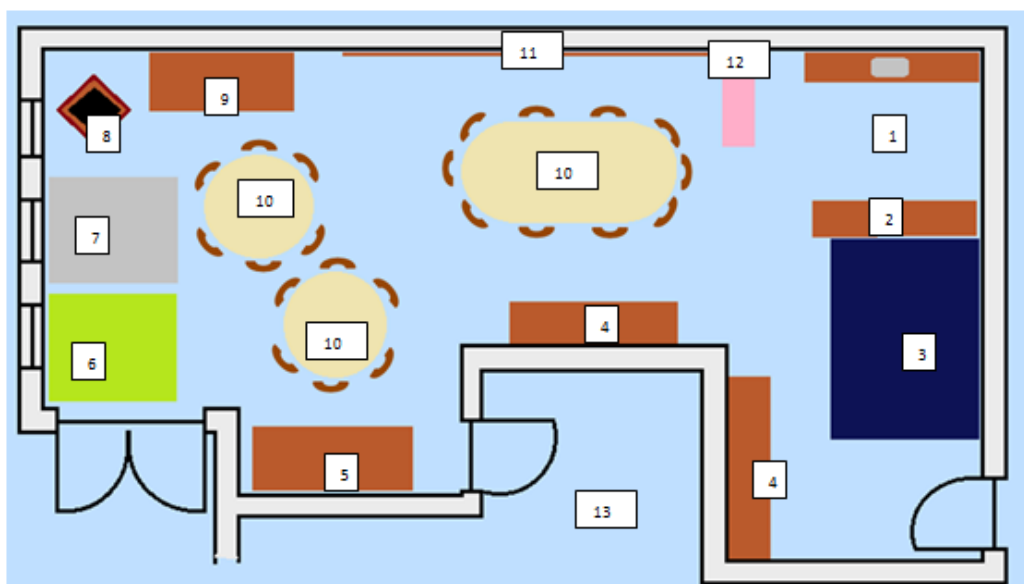


Figura 4: Planta da sala Azul

Legenda:

1. Área da casinha
2. Estante da biblioteca
3. Área da Manta
4. Móveis de apoio
5. Móvel de arrumação dos catres
6. Área das construções
7. Área da garagem
8. Televisão
9. Área dos jogos
10. Mesas
11. Placar para exposição dos trabalhos das crianças
12. Área da fantasia

### 13. Casa de banho comum à sala Azul e à sala Verde

Através de conversas informais com a educadora responsável pelo grupo de crianças apuraram-se os princípios educativos que considerou para a organização do espaço sala. Assim considerou designadamente a dinâmica, interesses e necessidades das crianças e características do grupo, tais como autonomia, responsabilização, equipamento e material disponível. Assim, a organização do espaço da sala permitiu que se formassem áreas de atividades que permitiram às crianças fazer escolhas e que possam intervir espontaneamente no seu processo educativo, ajudando-a a tornar-se um ser autónomo e consciente através do relacionamento com os outros (crianças/adultos/objetos) de uma forma aberta.

Tal como já referido, foi usada a escala ECERS-R para avaliar a qualidade do contexto educativo.

A ECERS-R é composta por um total de 43 itens que estão distribuídos por sete subescalas sendo: Espaço e Mobiliário; Rotinas/Cuidados Pessoais; Linguagem - Raciocínio; Atividades; Interação; Estrutura do Programa e Pais e Pessoal que se dividem por vários itens de avaliação.

“As cotações dos itens vão de 1 (Inadequado) até 7 (Excelente) onde 3 corresponde a uma avaliação de Mínimo e 5 corresponde a Bom, existe ainda NA (Não Aplicável), sendo esta permitida apenas nos itens em que está assinalada.” (Harms, Clifford, & Cryer, 2008)

Para proceder à sua cotação seguimos o sistema de cotação descrito no Anexo A e apresentamos a folha de perfil resultante da mesma no Anexo B.

#### ➤ Relativamente ao ESPAÇO E MOBILIÁRIO:

Nesta subescala, segundo os dados, nos 8 itens pontuados (1-8) resultaram 40 pontos totais (Figura 5) o que perfaz uma pontuação média de 5 pontos ou seja, está num nível BOM.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

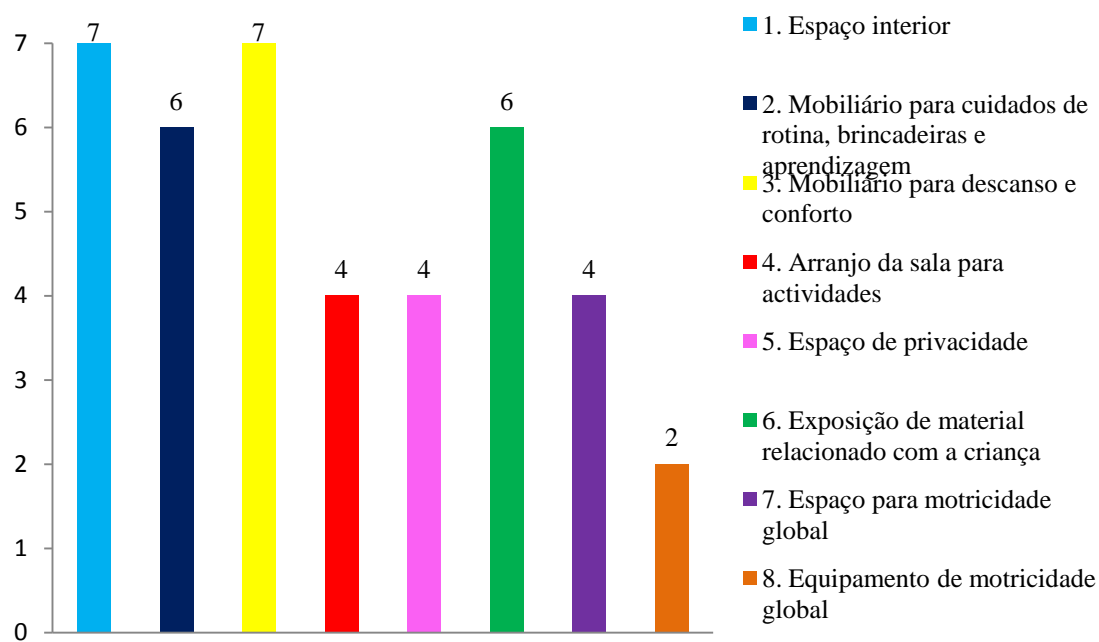


Figura 5: Apresentação dos resultados referentes à subescala ESPAÇO E EQUIPAMENTOS

Em relação ao Espaço e Equipamentos posso afirmar que a instituição está bem preparada, com boas condições de espaços e com equipamentos apropriados mas como refere no item 8, o equipamento para motricidade deveria estar acessível às crianças durante pelo menos uma hora por dia, neste caso não está, avaliei por isso este item em 2 pontos. Os itens 4, 5 e 7 estão pontuados com 4 pontos visto as áreas tranquilas não estarem separadas das áreas ativas, não existe um espaço reservado para uma ou duas crianças estarem sossegadas e o espaço não está organizado de modo a que diferentes atividades possam decorrer sem interferirem umas com as outras. O item 2 e 6 estão pontuados com 6 pontos visto não existir um banco de carpinteiro, nem mesa de areia ou água assim como também não predomina o trabalho individualizado da criança, as crianças não realizam projetos que sejam seleccionados por elas. Já os itens 1 e 3 estão com pontuação máxima por reunirem todas as condições.

➤ Relativamente às ROTINAS/CUIDADOS PESSOAIS

Nesta subescala, segundo os dados, nos 6 itens pontuados (9-14) resultaram 32 pontos totais (Figura 6) o que perfaz uma pontuação média de 5,33 pontos, ou seja 5 pontos e com 5 pontos está num nível BOM.

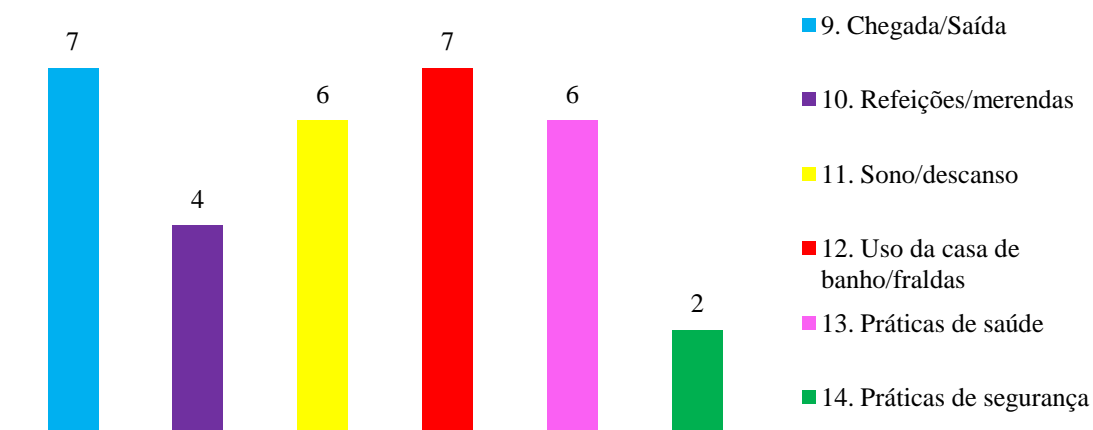


Figura 6: Apresentação dos resultados referentes à subescala ROTINAS DE CUIDADOS PESSOAIS

Em relação às rotinas/cuidados pessoais pontuei os itens 9 e 12 em 7 pontos pois seja o acolhimento seja a saída, são feitos de forma calma e calorosa onde os pais trocam informações com as funcionárias e relativamente ao ponto 12 (uso de casa de banho/fraldas) as crianças são incentivadas a ser autónomas desde o início do ano tendo para isso sanitas e lavatórios adequados ao tamanho das crianças.

Relativamente aos itens 11 e 13 estão ambos pontuados com 6 pontos visto que, em relação ao item 11 o horário de sono/descanso é flexível sendo permitido às crianças descansar mas na hora da sesta quando alguém acorda tem de esperar pela hora do levantar na cama. Já no que diz respeito ao item 13 as crianças são incentivadas a vestir/despir/calçar/abotoar/lavar as mãos de forma autónoma mas não é permitido o uso de escovas de dentes.

No item 10 (refeições/pequenas refeições) atribuí 4 pontos porque as crianças comem autonomamente, as funcionárias seguem as indicações que lhes são dadas em relação a restrições alimentares mas o pessoal não se senta com as crianças durante as refeições.

E finalmente no item 14 verifica-se uma ausência de riscos de maior importância para a segurança tanto no interior como no exterior sendo a vigilância adequada mas não se verificam as condições adequadas para lidar com situações de emergência, dei conta num momento de que para contactar alguém é necessária a deslocação à secretaria pois na secretaria é que estão os contactos e o telefone, avaliei por isso este item em 2 pontos.

➤ Relativamente à LINGUAGEM/RACIOCÍNIO

Nesta subescala, segundo os dados, nos 4 itens pontuados (15-18) resultaram 27 pontos totais (Figura 7) o que perfaz uma pontuação média de 6,75 pontos, ou seja 7 pontos e com 7 pontos está num nível EXCELENTE.

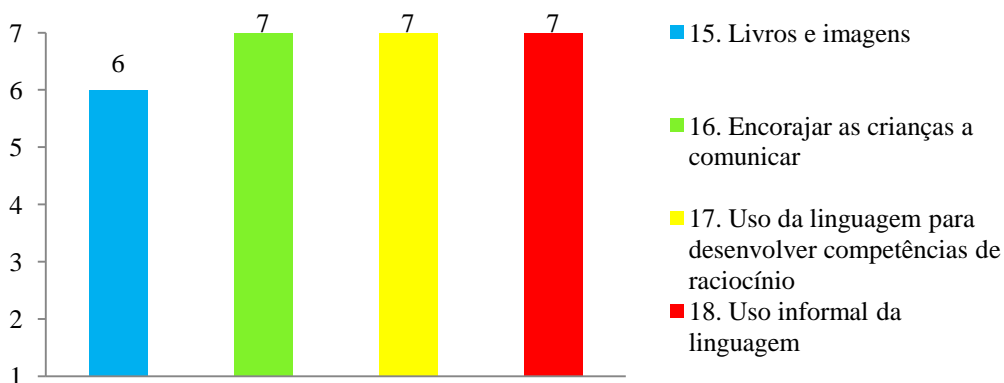


Figura 7: Apresentação dos resultados referentes à subescala LINGUAGEM/RACIOCÍNIO

Em relação ao item 15, existe o cuidado por parte da educadora em alguns livros se relacionarem com as atividades mas os livros e material de linguagem não são mudados regularmente e por isso pontuei este item em 6 valores. Os itens 16, 17 e 18 foram pontuados em 7 pontos visto que observei uma preocupação por parte de todos os adultos em verbalizar de forma adequada para as crianças, ajudavam aquelas que tinham dificuldades de comunicação e sempre que possível liam o que escreviam, sempre que há uma oportunidade a educadora estimula o raciocínio das crianças através do que vai acontecendo ao longo do dia. E quando surgem curiosidades acerca de certos conceitos estes não lhes são negados assim como, também nos momentos de conversa as crianças são questionadas de forma a obterem respostas mais longas.

➤ Relativamente às ATIVIDADES

Nesta subescala, segundo os dados, nos 10 itens pontuados (19-28) resultaram 38 pontos totais (Figura 8) o que perfaz uma pontuação média de 3,8 pontos ou seja, 4 pontos por isso está num nível BOM MENOS.

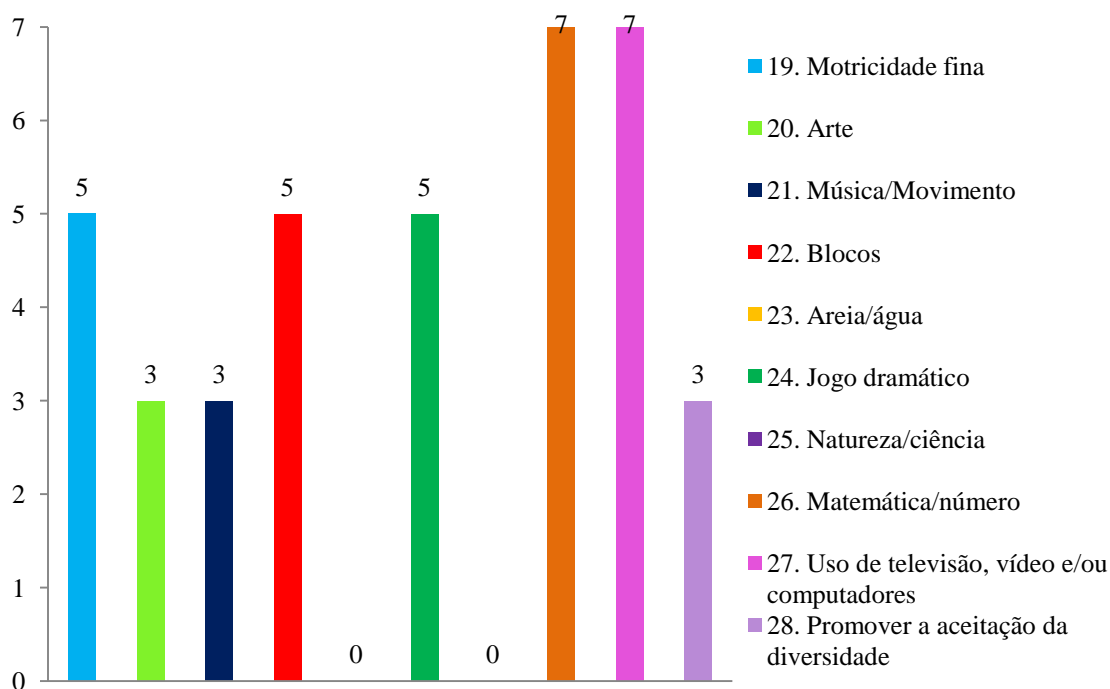


Figura 8: Apresentação dos resultados referentes à subescala ATIVIDADES

Os itens 26 e 27 estão pontuados com pontuação máxima uma vez que reúnem todas as condições para tal. Já os itens 19, 22 e 24, estão pontuados com 5 pontos uma vez que em relação à motricidade fina existe uma grande variedade de materiais disponíveis durante a maior parte do dia mas não existe uma rotatividade desses materiais nem existem rótulos que identifiquem as caixas ou prateleiras. Em relação aos blocos estes não estão arrumados em prateleiras nem etiquetados e também não existem blocos no exterior para brincarem. E ainda em relação ao jogo dramático não existe rotatividade de materiais, não existem adereços que representem diversidade, não existem adereços para jogo dramático no exterior e as imagens, histórias e passeios não são usados para enriquecer o jogo dramático.

Em relação ao item 28 está pontuado com 3 pontos uma vez que existem alguns jogos que evidenciam alguma cultura racial e cultural mas não existem adereços que

remetam para outras culturas no jogo dramático, assim como não existe material que demonstrem papéis não estereotipados. Os itens 20 e 21, arte e música/movimento respetivamente, estão igualmente pontuados com 3 pontos visto que os materiais de arte não são numerosos e não se encontram acessíveis à exceção dos lápis de cor ou marcadores, assim como também não existem materiais musicais acessíveis às crianças, apenas são contadas algumas canções e algumas vezes são colocadas músicas para dançar, também é colocada música suave durante a sesta.

Os itens 23 e 25 não foram avaliados por não existirem condições para brincar com areia ou água nem no interior, nem no exterior, assim como também não existem materiais acessíveis para atividades de natureza/ciência.

#### ➤ Relativamente à INTERAÇÃO

Nesta subescala, segundo os dados, nos 5 itens pontuados (29-33) resultaram 35 pontos totais (Figura 9) o que perfaz uma pontuação média de 7 pontos e com 7 pontos está num nível EXCELENTE.

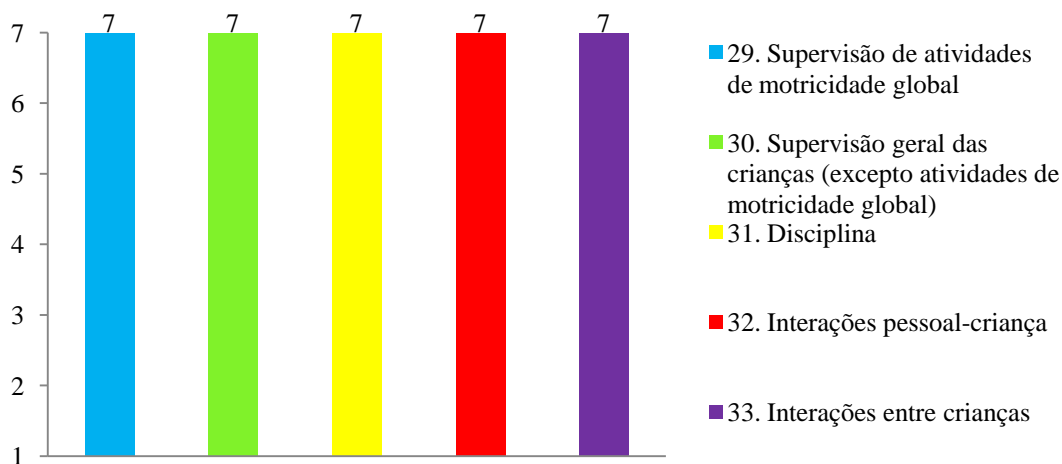


Figura 9: Apresentação dos resultados referentes à subescala INTERAÇÃO

Em relação à Interacção, pontuei todos os itens em 7 pontos visto que são proporcionadas atividades que levam as crianças a colaborar entre si e foi visível uma melhoria nas relações entre as crianças depois da implementação do projeto. Já em relação



aos itens 29, 30, 31 e 32 estão também pontuados em 7 pontos visto reunirem todas as condições para tal.

➤ Relativamente à ESTRUTURA DO PROGRAMA

Nesta subescala, segundo os dados, nos 4 itens pontuados (34-37) resultaram 21 pontos totais (Figura 10) o que perfaz uma pontuação média de 5,25 pontos, ou seja 6 pontos o que quer dizer que está num nível BOM MAIS.

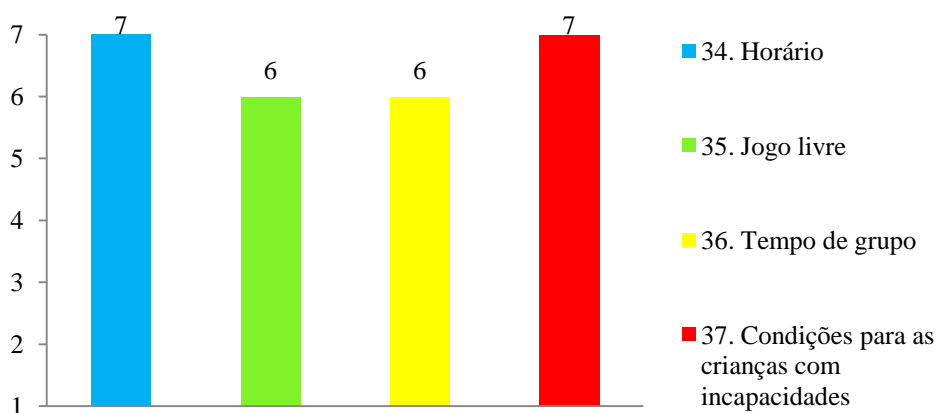


Figura 10: Apresentação dos resultados referentes à subescala ESTRUTURA E PROGRAMA

Em relação à Estrutura do programa pontuei os itens 34 e 37 em 7 pontos visto que observei que as transições entre as atividades é suave, pois a assistente operacional prepara os materiais com antecedência e é tido em conta o ritmo natural de cada criança.

Os itens 35 e 36 estão pontuados com 6 pontos uma vez que em relação ao jogo livre existe muito material para o mesmo mas não existe rotação de materiais.

➤ Pontuações Médias nas Subescalas da ECERS

Como podemos observar na Figura 12, nas 7 subescalas pontuadas (I-VII) resultam 39 pontos totais, estes pontos perfazem uma pontuação média de 5,57 pontos, ou seja 6 pontos. O que quer dizer que segundo as minhas observações na Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras, esta instituição encontra-se num nível BOM MAIS relativamente à avaliação da ECERS.

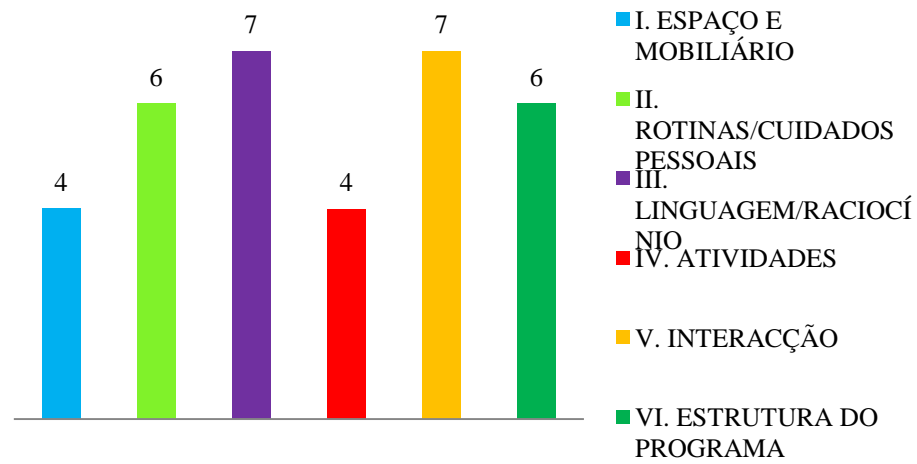


Figura 11: Pontuações médias nas subescalas da ECERS

### **3. Enquadramento teórico**

#### **3.1. Formação Pessoal e Social**

Tendo em conta que a área de Formação Pessoal e Social é definida como transversal pelas OCEPE esta deve corresponder “(...) a um processo que deverá favorecer, de acordo com as fases do desenvolvimento, a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos” (2009, p. 51). Assim, a educação pré-escolar torna-se essencial ao desenvolvimento pessoal e social da criança que lhe vai permitir “(...) interagir com outros adultos e crianças que têm, possivelmente, valores diferentes dos que interiorizou no seu meio de origem”. (OCEPE, 2009, p. 52)

Este projeto focaliza-se em torno de atividades de grupo numa perspetiva de levar as crianças a terem consciência de si e do outro.

Segundo as OCEPE:

a vida em grupo implica o confronto de opiniões e a solução de conflitos que permite uma primeira tomada de consciência de perspetivas e valores diferentes, que suscitarão a necessidade de debate e negociação, de modo a fomentar atitudes de tolerância, compreensão do outro, respeito pela diferença (2009, p. 54).

Através de conversas/reflexões acerca das suas atitudes as crianças são levadas a desenvolver noções de cooperação, interajuda, justiça, partilha, amizade, levando as crianças a refletir acerca das suas ações pois segundo Ramiro Marques:

As crianças aprendem essas noções quando colocadas perante dilemas morais, que as levem a discutir, a interagir e a tomar posição. O papel do adulto não é tanto o de ensinar diretamente essas noções mas o de introduzir situações de desequilíbrio que obriguem as crianças a confrontar opiniões e pontos de vista e, em muitos casos, a mudarem de posição perante os argumentos mais fundamentados dos colegas” (s/d, p. 74).

Ao refletirem acerca das atitudes tomadas em sala, as crianças desenvolvem o pensamento e a compreensão. Hohmann & Weikart (2011) referem ainda que “ao resolver as disputas com os colegas as crianças começam por perceber como respeitar as necessidades dos outros, ao mesmo tempo que resolvem as suas. Começam também a ver que (...) é possível resolver conflitos de forma a que ambas as partes fiquem satisfeitas com o resultado (p. 615).

Tal como defendem as OCEPE (2009) “Admitir que a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objeto do processo educativo” (p. 19). E ainda de acordo com as OCEPE (2009), “Adquirir maior independência, significa, na educação pré-escolar, ir dominando determinados saber – fazer – vestir – despir-se, comer utilizando adequadamente o talher (...)” (p. 53). Para que esta autonomia se dê será necessário promove-la durante as práticas educativas dentro da sala de atividades e não só. Mas também “a construção da autonomia supõe a capacidade individual e coletiva de ir, progressivamente, assumindo responsabilidades. Este processo de desenvolvimento pessoal e social decorre de uma partilha do poder entre o educador, as crianças e o grupo” (2009, p. 53).

### **3.2.Competências Sociais**

Hohmann e Weikart (2011) atribuem muita importância às relações que as crianças mantêm com os companheiros e adultos, “porque é a partir destas relações que as crianças de idade pré-escolar geram a sua compreensão do mundo social.” (p. 574)

Estes autores defendem ainda que:

Conforme as crianças de idade pré-escolar vão ganhando experiência no levar a cabo as suas intenções sociais, no manter de amizades, e no resolver de necessidades conflituosas entre amizade e autonomia, encontram-se a desenvolver um alargado leque de competências sociais. A sua capacidade social crescente reflete-se na possibilidade progressiva em discriminar e escolher entre interações sociais positivas e negativas, e na tomada de consciência, igualmente progressiva, das necessidades e sentimentos dos outros. (p. 573).

A educação pré-escolar, tal como a família são os principais responsáveis pelo desenvolvimento das competências sociais e emocionais das crianças. Os educadores precisam assim de estar atentos às competências sociais e comportamentos interpessoais para o seu desenvolvimento futuro, visto que, tal como referem Katz e McClellan (2006) “as crianças pequenas passam cada vez mais tempo em contexto grupal, os professores têm oportunidade de desempenhar um papel importante na modulação das experiências das crianças com os seus colegas”. (p. 17)

Enquanto interagem, é natural que ocorram conflitos entre as crianças e segundo Katz e McClellan (2006) “os problemas sociais espontâneos e inevitáveis, que aparecem quando as crianças trabalham e brincam em conjunto, colocam o professor numa posição ideal para promover o desenvolvimento social das crianças” (p. 22). Mas as mesmas autoras defendem que a intervenção do adulto não quer dizer que seja a melhor opção pois uma boa intervenção depende do “conhecimento de cada indivíduo do grupo e o acompanhamento constante do progresso de cada um” (p. 22).

Em relação à intervenção do adulto, Katz e McClellan (2006) defendem ainda que:

Os professores devem intervir tão pouco quanto possível, de forma que as crianças possam tentar resolver os seus problemas, mas com a frequência necessária de forma que as crianças possam tentar resolver os seus problemas, mas com a frequência necessária de forma a assegurar que nenhuma criança caia num ciclo recorrente negativo. As boas decisões acerca de quando intervir dependem de se observar de perto as interações e da avaliação das capacidades individuais das crianças para resolverem conflitos sem a ajuda dos adultos, para afirmarem e defenderem os seus direitos, e para se envolverem de uma forma satisfatória e construtiva no trabalho e nas brincadeiras. (p. 22)

Uma opção à intervenção poderão ser as conversas durante as reuniões de grupo tal como defende Roberts (2007):

Uma pequena reunião (...) durante a qual as crianças falam regularmente e se ouvem umas às outras, bem como aos adultos, pode ser uma boa altura para conversar. É uma boa oportunidade para rever e valorizar os esforços e os progressos, e para discutir as experiências partilhadas e as representações das experiências (brincadeira, imagens, modelos, etc.). Esta reunião também pode ser usada para planear em conjunto as actividades futuras, bem como uma variedade de jogos em que as crianças brincam à vez e em que têm de saber partilhar. É nesta altura que as crianças e os adultos podem conversar uns com os outros acerca dos muitos assuntos que surgem em relação ao desenvolvimento pessoal e social. (p. 155)

### **3.3. Envolvimento das famílias em projetos do jardim-de-infância**

“A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança, importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (OCEPE, 2009, p. 43).

As famílias são as primeiras responsáveis pela educação dos seus filhos e os principais interessados no seu bem-estar, sendo que é no seio da família que a criança realiza a maior parte das suas relações/interações pessoais.

O diálogo entre os pais e o educador permite conhecer e compreender melhor a criança. A troca de informação e o encontro no dia-a-dia são indispensáveis para a articulação entre o jardim-de-infância e a família. Segundo Zabalza (1998):

ao participar em algumas atividades (festas, projetos, encontros,...) os pais enriquecem “(...) o trabalho educativo que é desenvolvido na escola (...), enriquece os próprios pais e mães (...) e enriquece a própria acção educativa que as famílias desenvolvem depois em suas casas” (p. 55).

Segundo Parente (2004), a criança entende a família e a instituição como “(...) dois contextos educativos diferentes que predominam na vida da criança e que partilham a tarefa de educar a mesma criança” (p. 50).

Assim a ação educativa da família e a educação pré-escolar completam-se e devem estabelecer uma estreita relação. Tal como referido no preâmbulo das OCEPE (2009) o educador deve ser um gestor do currículo devendo construí-lo com a equipa pedagógica “(...) deve construir esse currículo com a equipa pedagógica, escutando os saberes das crianças e suas famílias e os desejos da comunidade bem como as solicitações dos outros níveis educativos. Ou seja, cada vez mais pretende-se um maior envolvimento dos pais e de todos os demais agentes de educação na escola mas para tal também é necessário que o educador esteja disposto a aceitar este envolvimento contribuindo assim para uma educação de qualidade e um desenvolvimento pleno e equilibrado da criança.

### **3.4. Fantoche/monstrinho como estratégia para o desenvolvimento das competências sociais**

“O fantoche aparece como um amigo, como um conhecido, como alguém que gostaria de conhecer aqueles meninos, etc. Basta criar alguma expectativa e o desejo de o conhecer aparece” (Costa & Baganha, 1989, p. 14).

Nesta perspetiva o fantoche é um objeto que ganha vida e se torna alguém ao ser manipulado, ganha uma vida que não é a sua mas que se torna sua (Costa & Baganha, 1989).

Costa & Baganha (1989) defendem ainda que a criança tem consciência de que é apenas um boneco mas entretanto essa consciência dissipa-se. Assim, à medida que a criança atribui vivências ao fantoche, este começa a ter a sua própria vida, a sua história, acabando por se tornar um outro eu que não o eu que o manuseia.

É notório que um fantoche oferece uma grande variedade de atividades que o educador pode aplicar no processo educativo das crianças, proporcionando diversas aprendizagens como a responsabilidade, o cuidado pelo outro, o afeto, a partilha,... através do lúdico recheado de uma componente afetiva.

De acordo com Costa & Baganha (1989) é benéfico para as crianças quando são introduzidas referências do imaginário no seu quotidiano, podemos contribuir para a descoberta de novas aprendizagens de uma forma lúdica e atrativa funcionando como um instrumento que as crianças podem usufruir e construir as suas aprendizagens recorrendo ao mundo da fantasia, ao faz-de-conta.

Costa & Baganha (1989) afirmam ainda que:

Os fantoches, esses, considero-os como o instrumento privilegiado para alimentar o sonho anímico das crianças. E creio que, cada vez mais, se reconhece que os fantoches desempenham um papel de relevo no processo educativo, muito especialmente ao nível do jardim de infância. Aí o educador se serve deles na sua missão de trilhar, junto com as crianças, os caminhos maravilhosos do imaginário. (p. 14)

O recurso a um fantoche para ajudar a refletir acerca das suas atitudes é o que se pretende com este estudo pois como refere o Guia de Atividades Curriculares para a Educação Pré-Escolar:

O processo criativo que envolve a manipulação de fantoches estimula o desenvolvimento da linguagem e do pensamento e faz com que a criança aprenda a tomar decisões, a expressar-se, para além de: canalizar a imaginação infantil; descarregar tensões emocionais; resolver conflitos de ordem afetivo emocional; ampliar as experiências; ampliar o vocabulário; desenvolver a atenção, a observação, a imaginação, a percepção da relação entre causa e efeito, a percepção do BEM e do MAL, de outros valores e o interesse por histórias e teatro. (s/d, p. 56)

E ainda:

“Quando os adultos manipulam os fantoches, têm nas mãos um recurso mágico de fácil comunicação com a criança” (idem) pois consegue captar um grande envolvimento por parte das mesmas e tal como refere Ferré Leavers (cit. por Oliveira Formosinho, et al.) defende que o envolvimento é uma aptidão da atividade humana caracterizado “pela motivação, fascinação, abertura aos estímulos e intensidade da experiência, tanto a nível físico como cognitivo e ainda por uma profunda satisfação e forte fluxo de energia” (2010, p. 25). Toda a criança que se sente motivada, empenha-se completamente na atividade que está a desenvolver, e ao mesmo tempo está muito atenta aos estímulos mais importantes, demonstrando desta forma uma imensa sensação de prazer.

### **3.5. O papel do educador no desenvolvimento de competências sociais**

O educador assume um papel muito importante no percurso de uma criança no pré-escolar. Por isso, compete ao educador promover experiências de aprendizagem e desenvolvimento do seu grupo de crianças. Assim, “deverá familiarizar a criança com um contexto culturalmente rico e estimulante que desperte a curiosidade e desejo de aprender” (OCEPE, 2009, p.93) e consequentemente resultarão aprendizagens significativas e diversificadas.

Tendo em conta que a criança é por natureza um ser sociável, compete ao educador proporcionar “um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e auto-estima” (OCEPE, 2009, p. 52). Desta



forma, proporcionando momentos de diálogo, apoio, partilha, troca de saberes e experiências entre as crianças e o adulto os laços entre ambos ficam mais fortes. Ao assumir esta postura, poderá ser uma mais valia para o educador aquando o aparecimento de “(...) problemas sociais espontâneos e inevitáveis (...)” (Formosinho, Katz, McClellan, & Lino, 2006, p. 22) durante uma brincadeira ou atividade.

Formosinho, Katz, McClellan, & Lino (2006) referem ainda que:

Os professores devem intervir tão pouco quanto possível, de forma que as crianças possam tentar resolver os seus problemas, mas com a frequência necessária de forma a assegurar que nenhuma criança caia num ciclo recorrente negativo. As boas decisões acerca de quando intervir dependem de se observar de perto as interações e da avaliação das capacidades individuais das crianças para resolverem conflitos sem a ajuda dos adultos, para afirmarem e defenderem os seus direitos, e para se envolverem de uma forma satisfatória e construtiva no trabalho e nas brincadeiras. (p. 22)

Mas nem sempre é fácil ajudar as crianças a adquirir ou desenvolver competências sociais nas crianças pois Formosinho et al. (2006) defendem que depende da idade da criança e da sua capacidade de refletir sobre o seu próprio comportamento.

Assim, para que superem as dificuldades sociais, “(...) é sempre apropriado providenciar um contexto no qual as crianças, individualmente, possam aprender formas de lidarem com seus impulsos e de interagirem com os seus colegas” (Formosinho, Katz, McClellan, & Lino, 2006, p. 23).

Hohmann & Weikart (2011) referem que “a acção por si só, não é suficiente para a aprendizagem. Para compreenderem o seu mundo imediato as crianças necessitam interagir de forma consciente e refletida sobre ele.” (p. 23) Assim, compete a o educador levar as crianças a refletir sobre atitudes tomadas em sala, conversar, resolver problemas, transmitir emoções e ajudar a adquirir alguns valores através de reuniões de grupo.

### **3.6. Metodologia de trabalho de projeto**

Silva (1998) refere que, O termo “projeto” vem do latim *projicere*, cujo significado é “lançar para a frente” relacionando-se com o verbo latim “projectare” que significa “lançar para a frente, atirar”. Projetar significa investigar um tema, um problema, uma

situação onde o objetivo é conhecer e apresentar novas soluções. Projeto define-se como um conjunto de atividades que requerem a utilização de diversos recursos que levam à concretização de um objetivo. Projeto em educação é visto muitas vezes para unir aspetos e processos de aprendizagem, envolvendo a comunidade educativa no contexto onde se está inserido.

Vasconcelos, Rocha, Loureiro, Castro, Menau, Sousa, Hortas, Ramos, Ferreira, Melo, Rodrigues, Mil-Homens, Fernandes e Alves (2012), referem que o “método de projeto” foi iniciado nos Estados Unidos por W. Kilpatrick, que era um discípulo de John Dewey em 1918, nas escolas do 1º ciclo, sendo que esta metodologia correspondeu ao “Movimento da Educação Nova na Europa”.

Segundo Kilpatrick (2006), o método de projeto “surtiu com o intuito de dar resposta a uma crise educativa, sendo necessária uma reforma da mesma, em 1972, nos Estados Unidos” (p. 5). Para este autor a “ciência trouxe tempos de mudança” (p. 5), originando uma revolução industrial, assim os avanços exigiam que os indivíduos dispusessem de um maior conhecimento intelectual. Deste modo, foi necessário preparar a população e sobretudo de modificar o sistema educativo, pois havia falta de ação e era necessária uma mudança.

O mesmo autor defende ainda que os jovens não estavam preparados para enfrentar a vida adulta futura porque a educação não havia “sido o processo através do qual os atuais detentores da educação decidem o que a nova geração deve pensar” (2006, p. 6). Sabendo que com a revolução industrial surgiram novas existências, os indivíduos deveriam ter mentes mais abertas para assim “preparar uma nova geração” (p. 6), pois era necessário formar mentes críticas, assim a educação “deveria aumentar a capacidade de julgar” (p. 6).

Kilpatrick (2006) critica o ensino tradicional, dizendo que era antidemocrático, expositivo e limitava o desenvolvimento crítico dos alunos, sendo que o método utilizado era a memorização. Assim, este autor defendeu um novo conceito de educação “reconstrução contínua de experiências” (2006, p. 7), um currículo que se baseava nas experiências dos alunos e nos conteúdos, o desenvolvimento curricular que era construído consoante as necessidades das crianças. Assim, de acordo com Kilpatrick o método de “trabalho de projeto” é uma alternativa ao método que estava em vigor e veio dar resposta às necessidades apesar de ter sido um pouco contestado por outros autores que

argumentavam a falta de preparação dos alunos relativamente aos conteúdos que precisariam de saber no futuro.

Em Portugal esta metodologia foi promovida em 1943 pela pedagoga Irene Lisboa, na sua obra intitulada de “Modernas tendências de educação”. Esta afirmava que “cada projeto contém uma ideia sujeita a desenvolvimento. Quanto mais oportuna e interessante for, maior será o seu alcance” (cit in. Vasconcelos (coord) *et al.*, 2012, p.9), o que quer dizer que os projetos têm de ser interessantes e estimulantes para as crianças e que vá ao encontro dos interesses destas. Em 1975 um curso de formação de formadores que foi desenvolvido no âmbito do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação reintroduziu a metodologia de trabalho de projeto nas escolas portuguesas, envolvendo vários docentes dos diferentes níveis de ensino.

Destes encontros, surgiu um grupo de educadoras de infância que estavam destacadas na delegação do norte do país da Direção Geral do Ensino Básico, que introduziram esta metodologia de trabalho nos jardins-de-infância da rede oficial.

O método de trabalho de projeto é utilizado em diversos modelos curriculares. Entretanto outros documentos foram elaborados para apoiar este método nomeadamente, um documento escrito pelo Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar, em que Vasconcelos (1998) defende que esta metodologia de trabalho de projeto poderá ser um instrumento de base à implementação das OCEPE.

Vasconcelos *et al.* (2012), defendem que desenvolver a metodologia de projeto com as crianças pequenas promove práticas de qualidade na educação de infância e através destes projetos as crianças vão tendo uma participação cada vez mais ativa e autónoma nestes, tendo o adulto como mediador das aprendizagens visando a aquisição de diversas competências como “curiosidade, procura de competência, reciprocidade e narrativa” Marques (2004, cit in. Vasconcelos, 2012, p.8). Segundo Vasconcelos *et al.* (2012) ao desenvolver a metodologia de trabalho de projeto poderá “antecipar, desenvolver e estimular os processos de aprendizagem e de construção do conhecimento” (p. 8).

Katz e Chard (1997) definem duas perspetivas de abordagem de educação a “intelectual” e “escolarizante” (p. 7), sendo que a metodologia de projeto promove o desenvolvimento intelectual das crianças e ao mesmo tempo dos seus educadores. As

autoras afirmam ainda que estes projetos não desenvolvem só as capacidades e conhecimentos das crianças como também “a sensibilidade emocional, moral e estética das crianças” (1997, p. 6). Pois as crianças resolvem problemas, colocam questões e procuram perceber o mundo que as rodeia. Assim, as autoras afirmam também que a perspetiva “intelectual” fortalece as disposições inatas da criança colocando hipóteses, analisando questionando, prevendo, tomando iniciativas, resolvendo problemas, ou seja “como forma de aprendizagem, dá ênfase à participação ativa das crianças nos seus próprios estudos” (1997, p. 5). Dando também “(...)ênfase ao papel do professor no incentivo às crianças a interagirem com pessoas, objetos e com o ambiente, para que tenham um significado pessoal para elas” (1997, p. 5), deste modo a perspetiva intelectual vai de encontro à metodologia de projeto.

De acordo com Katz e Chard a perspetiva “académica” (1997, p. 7) é o contrário da perspetiva “intelectual” pois a sua organização é uniforme, as crianças são ensinadas formalmente em grupos desenvolvendo fichas e livros de exercícios e praticando os mesmos até se ter o domínio completo de determinado conteúdo, nesta perspetiva não há espaço para a aprendizagem através da descoberta.

Para estimular e ativar o desenvolvimento intelectual das crianças o educador deve colocar questões, problemas, situações com dilemas, interrogações, ou seja, para que seja estimulado o conflito cognitivo com outras crianças do grupo, de forma a poderem surgir problemas dessas trocas de saberes, tornando-se o desenvolvimento cognitivo uma forma de promover o crescimento intelectual e social da criança.

Loris Malaguzzi evidencia que:

Quanto mais amplas são as possibilidades que oferecemos às crianças, tanto mais intensas serão as suas motivações e mais ricas serão as suas experiências (...). As crianças são capazes de autonomamente construir o significado das suas experiências – o papel do adulto sendo o de ativar as competências das crianças para construírem significados (...). Entre aprender e ensinar, nós (em Reggio Emilia) honramos a primeira; o fim de ensinar é proporcionar condições para aprender (cit in. Vasconcelos, 2012, p.12).

Assim, realizar projetos com crianças proporciona-lhes uma ajuda considerável na medida em que influencia o seu desenvolvimento, pois estas sentem-se ativas e apoiadas pelo educador tornando-se competentes em trabalhar com os outros e sendo as crianças um

“recurso” de outras crianças, bem como o educador se torna um “recurso” (p. 3), que orienta e modera a aprendizagem das crianças.

#### **4. Descrição e Avaliação do plano de ação**

##### **4.1. Apresentação e justificação do plano de ação**

Tendo em conta o que dizem os autores citados na fundamentação teórica é notória a importância dos momentos de reflexão para o desenvolvimento das competências sociais das crianças assim como o potencial sentido de responsabilidade que um boneco de trapos desperta nas crianças quando estas o assumem não como um boneco mas como alguém como elas.

Assim, este plano de ação visa promover aprendizagens significativas através de atividades que levaram à reflexão acerca das atitudes através de um boneco de trapos que serve de mote para iniciar as reflexões.

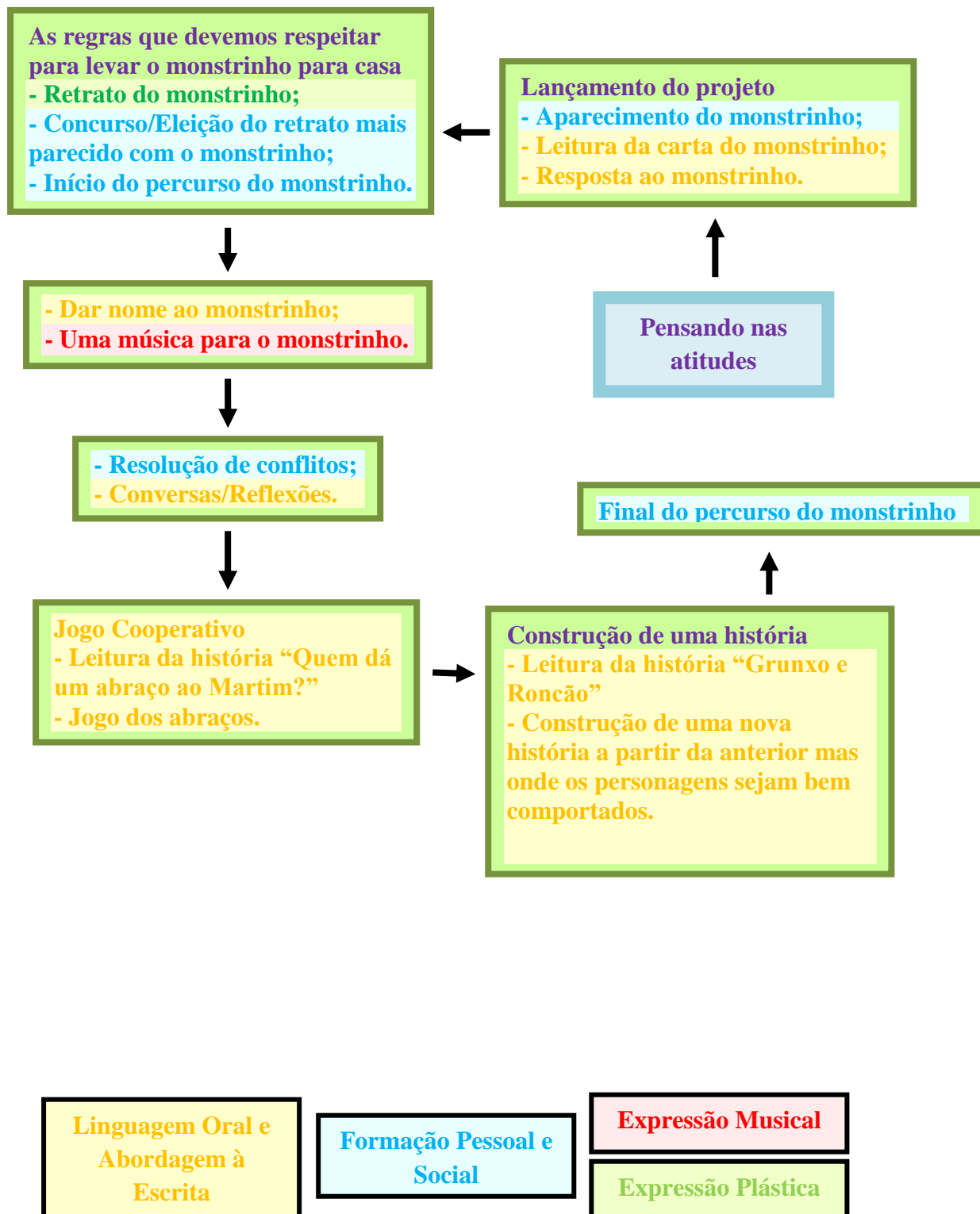
A utilização de um fantoche facilita “a expressão e comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (2009, p. 60)

O fantoche foi o incentivo para desenvolver as reflexões visto que deste modo as atitudes foram abordadas de uma forma lúdica e assim as crianças não se sentem intimidadas para falar e consequentemente adquirem consciência de como devem agir em sociedade ao colocar-se no lugar do outro.

Tendo em conta o imaginário e a fantasia que é característica nestas idades é importante agarrá-los e utilizá-los como estímulo para o desenvolvimento deste projeto articulando sempre com as outras áreas de saber da educação pré-escolar (Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Conhecimento do Mundo, Matemática, Expressões e Formação Pessoal e Social). Deste modo, este projeto centra-se na área de Formação Pessoal e Social interligando-se com todas as outras mencionadas anteriormente.

As famílias também assumiram uma grande importância neste projeto devido à sua participação ativa ao levar o monstinho João para as suas casas com o objetivo de aproximar as famílias ao ambiente escolar, proporcionar momentos de fantasia e essencialmente despertar o sentido da responsabilidade nas crianças ao terem de cuidar do monstinho. Foi igualmente importante a colaboração dos pais na construção do diário do monstinho onde foram registados todos os momentos partilhados nas casas das famílias.

#### 4.1.1. Planificação em teia



#### **4.1.2. Recursos**

Para o normal desenrolar deste projeto foram necessários diversos recursos humanos e materiais. Enunciarei de seguida, de forma global os recursos que foram utilizados para a realização deste projeto.

- Recursos Humanos:
  - Grupo de crianças;
  - Famílias das crianças;
  - Assistentes operacionais;
  - Educadora Cooperante;
  - Educadora Estagiária.

- Recursos Materiais:

Foram diversos os recursos materiais utilizados no desenrolar do plano de ação, por isso cada atividade tem os seus recursos materiais utilizados na sua planificação (Apêndice A).

#### **4.1.3. Avaliação**

No que respeita à avaliação, as OCEPE (2009) referem:

Avaliar o processo e os efeitos implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é o suporte do planeamento. (p. 27).



Também Guerra (2000) refere que:

a avaliação é entendida como um caminho para a aprendizagem. Um caminho que, ao ser percorrido de forma inteligente e responsável, nos ajudará a compreender o que acontece e porquê e nos facilitará a retificação do rumo, o reconhecimento dos erros e a melhoria das práticas.

Recorri à metodologia de investigação-ação por contribuir para a melhoria das práticas educativas e por favorecer o diálogo, colocando ambas as partes ao mesmo nível, aproximando-as.

Para a avaliação do plano de ação recorri à observação direta através de registos fotográficos que “são uma técnica de excelência na investigação-acção, na medida em que se converte em documentos de prova da conduta humana com características retrospectivas e muito fiáveis no ponto de vista da credibilidade” (Coutinho, et al., 2008), vídeos que também são “uma ferramenta indispensável quando se pretende realizar estudos de observação em contextos naturais. Associa a imagem em movimento ao som, permitindo (...) ao investigador obter uma repetição da realidade (déjà vu) e, assim, detectar factos ou pormenores que, por ventura lhe tenham escapado durante a observação ao vivo” (Coutinho, et al., 2008) e também através da gravação de áudio visto permitir “captar a interacção verbal e explorar os aspectos narrativos” possibilitando “analisar com rigor e maior distanciamento os seus padrões de conduta verbal” ajudando “no acto de reflexão sobre a (...) prática lectiva” (Coutinho, et al., 2008). Além destas três formas de avaliação ainda recorri ao diário de bordo e registos escritos das atividades realizadas e apresentadas na planificação em teia (Apêndice B).

Escolhi também oito crianças do grupo para avaliar a sua evolução no decorrer do projeto através de uma grelha de avaliação (Apêndice C) que construí tendo como apoio, Registo de Observação da Criança, este é um instrumento de avaliação que permite avaliar as crianças dos 2,5 anos aos 6 anos através da observação das mesmas em atividades em contexto. No que concerne ao instrumento recorri às Categorias Iniciativa e Relações Sociais e alguns dos itens aí contemplados, designadamente: Resolução de Problemas, Relações com outras crianças; Envolvimento na resolução de problemas de relações sociais; Compreensão e expressão de sentimentos.

Segundo Katz (2006):

a utilização do COR é mais apropriada quando usado para a avaliação da criança num contexto de um programa organizado em torno do desenvolvimento, no qual as crianças podem ser observadas a iniciar e a participar numa ampla variedade de atividades e comportamentos.” (p. 79)

Assim o educador/observador poderá planear as suas práticas de acordo com os interesses das crianças bem como as suas necessidades desenvolvimentais.

A avaliação destas grelhas foi conseguida através de observação direta durante as interações das crianças nas atividades ou em brincadeiras livres. Esta observação foi contínua ao longo de todo o projeto, primeiramente, antes de iniciar o projeto e depois no decorrer e até ao final do projeto. Selecionei 8 crianças para amostra do grupo em que 2 crianças sentiam alguma dificuldade em falar perante o grupo, uma era muito sensível, outra recorria muito a birras para resolver os seus problemas, 3 recorriam à agressão física e uma outra que não era agressiva mas que estava sempre envolvida em conflitos por achar que as brincadeiras tinham sempre de acontecer como ela queria.

Apliquei também a técnica de inquérito por entrevista, designadamente a estruturada com questões abertas mas no decorrer da entrevista foi necessário recorrer a perguntas ou comentários que encorajassem as crianças a falar mais, perguntas como: “E mais?”, “A sério? E depois?”, o objetivo era que as crianças detalhassem, pormenorizassem o seu relato. Esta entrevista teve como finalidade analisar de que forma o monstrinho contribuiu para o desenvolvimento das competências sociais nas crianças e por isso foi realizada apenas no final do estágio. Esta era composta pelas seguintes questões:

- Quem é o monstrinho João?
- Levaste-o para casa?
- E o que fizeste com ele?
- Ele portou-se bem em tua casa?
- E tu portaste-te bem?
- O que lhe ensinaste?
- Gostaste de o levar para casa? Porquê?
- Achas que ele gostou de nos conhecer? Porquê?
- O que aprendeste com ele?
- O que é que ele ensinou aos meninos da nossa sala?

- Gostavas que ele continuasse na sala? Porquê?

Segundo Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira (2008) sendo um complemento da observação, a entrevista é uma das estratégias mais utilizadas na investigação-ação visto permitir recolher dados sobre acontecimentos ou aspetos relativos às pessoas como crenças, atitudes, opiniões, valores ou conhecimentos, mostrando o ponto de vista do entrevistado e permitindo, assim, analisar significados.

Também os encarregados de educação foram avaliados ao longo do decorrer do projeto através da sua participação e empenho na construção do diário do monstinho (Apêndice D) que passou pelas casas de todas as crianças juntamente com o monstinho de forma a que registassem todas as atividades realizadas com o mesmo. Também enviei um questionário aos encarregados de educação onde constavam questões relacionadas com o projeto desenvolvido, seguidas de espaços destinados às suas respostas e opiniões. Este questionário foi realizado na fase final do projeto e tinha como objetivos perceber a importância que os pais atribuíram ao projeto desenvolvido, o nível de satisfação com o mesmo e o empenho que sentiram por parte das crianças, através de questões como:

- Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade?
- Quando o seu educando levou o monstinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?
- Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstinho para casa?
- Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?
- O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?
- O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Todas as famílias receberam um questionário mas num total de 21 famílias, apenas 12 responderam ao questionário.

O questionário é o instrumento mais universal na área das ciências sociais. Consiste num conjunto de questões sobre determinado assunto ou problema em estudo, cujas respostas são apresentadas por escrito e permite obter informação básica ou avaliar o efeito de uma intervenção quando não é possível fazê-lo de outra forma.

À educadora cooperante também foi feita uma entrevista que teve como objetivo compreender a sua metodologia e a importância que atribui à temática abordada no projeto. Esta entrevista, foi também aplicada na fase final do projeto e tinha objetivos como compreender a sua metodologia, procurar saber a sua opinião acerca do envolvimento parental e das estratégias utilizadas durante o desenrolar do projeto através das questões:

- Qual a metodologia que utiliza na sua prática pedagógica?
- Na sua opinião acha que fez sentido todas as conversas de grupo acerca dos seus comportamentos?
- Na sua opinião o que pode proporcionar à criança a utilização de um boneco de trapos?
- E em relação ao envolvimento parental, qual a sua opinião acerca da sua importância?
- Como descreve o grau de interesse das crianças face a este projeto?

#### **4.1.4. Cronograma**

Atividades	Abril	Maio
Lançamento do projeto	X	
Concurso/eleição do retrato mais parecido com o monstinho		X
Início do percurso do monstinho		X
Dar nome ao monstinho		X
Uma música para o monstinho		X
Jogo cooperativo		X
Construção de uma história		X
Final do percurso do monstinho		X

Ao longo do desenvolvimento do projeto, sempre que surgiam conflitos ou atitudes menos aceitáveis, recorríamos a reuniões de grande grupo para refletirmos acerca do assunto e procurarmos soluções para esses problemas.

## **4.2. Implementação do plano de ação**

### **4.2.1. Atividades desenvolvidas**

- **Atividade 1**



Figura 12: Lançamento do projeto

#### Atividades:

- Explorar o novo amiguinho;
- Leitura da carta do monstinho (Apêndice E);
- Resposta do grupo ao monstinho (Apêndice F);
- O que queremos saber sobre o monstinho;
- Plantação dos feijões.

#### Objetivos:

- Respeitar e escutar o outro;
- Compreender que o que é dito pode ser escrito;
- Promover momentos de reflexão;

Descrição da atividade:

Para iniciar este projeto, coloquei o monstinho num local estratégico: a manta. Quando o encontraram deixei que o explorassem sem a minha intervenção de modo que descobrissem a carta que o monstinho trazia na barriga. Essa carta permitiu um tempo de reflexão em que se privilegiou o respeito pelos outros, escutando o que cada um tem para dizer.

A carta do monstinho despertou muito a atenção das crianças, surgindo por isso a vontade de responder ao monstinho e de lhe fazerem perguntas para ficarem a saber mais sobre ele, pelo que se decidiu escrever uma carta ao monstinho, onde se expunham as suas questões. A carta das crianças foi escrita pela educadora estagiária no chão (ao nível das crianças que se encontravam sentadas na manta) ao mesmo tempo que estas iam expondo as suas questões tais como:

**Criança IT:** “Ele faz os trabalhos que a professora manda?”

**Criança IT:** “Ele tem uma namorada?”

**Criança DG:** “Eu quero saber o nome dele.”

**Criança VR:** “Eu quero saber se ele é a sério.”

**Criança LC:** “Os monstros comem flores?”

**Criança DG:** “Posso levar o monstro para casa para ele tomar conta de mim?”

*(Retirada de: Diário de bordo, 29 de abril 2013)*

Depois de colocadas as questões tivemos de resolver um problema, como devolver a nossa carta ao monstinho? A criança DG encontrou imediatamente a solução:

**Criança DG:** “Olha, podemos pôr na barriga dele, a dele estava lá!”

*(Retirado de: Diário de Bordo, 29 de abril 2013)*

Reflexão:

O aparecimento do monstinho na sala despertou muito o interesse das crianças, estas ficaram muito empolgadas para saberem mais sobre o monstinho. O momento de reflexão que se seguiu ao aparecimento do monstinho também foi muito importante pois as crianças começaram logo a falar do que o monstinho devia fazer para se portar bem, o que indica que reconhecem as atitudes como sendo positivas ou negativas, por exemplo:

**Criança IT:** “Vamos dizer para ele portar-se bem!”

**Criança AA:** “Sentado a portar-se bem.”

**Criança DG:** “Ouvir muito bem e aprender muito bem.”

**Criança MS:** “Vamos dizer para ele não roubar os brinquedos aos amigos!”

*(Retirado de: Diário de Bordo, 29 de abril 2013)*

A carta que o monstinho trazia foi uma forma de proporcionar ao grupo o contacto com a escrita e com uma das suas funcionalidades, levando-os a compreender que o que é dito também pode ser escrito. Por outro lado, esta atividade ainda proporcionou ao grupo uma situação problemática: como devolver a resposta à carta do monstinho?

- **Atividade 2**



Figura 13: Resposta do monstinho às crianças



Figura 14: Desenhar o retrato do monstinho



Figura 15: Registo das regras



Figura 16: Desenho eleito

#### Atividades:

- Resposta do monstinho à carta das crianças (Apêndice G);
- Partilha dos momentos que o monstinho passou com a educadora estagiária durante o fim-de-semana;
- Desenhar o retrato do monstinho;
- Concurso/Eleição do desenho mais parecido com o monstinho;
- Registo das regras que devem respeitar para levar o monstinho para casa;
- Início do percurso do monstinho pela casa das crianças.

#### Objetivos:

- Desenvolver o sentido da responsabilidade;
- Desenvolver o sentido estético;
- Desenvolver a linguagem oral;
- Incentivar ao cumprimento das regras de convivência social.



Descrição da atividade:

No momento de reunião da manhã ouvimos a resposta do monstinho à nossa carta. De seguida, desenharam o monstinho que foi colocado numa mesa de frente para as crianças e as mesas foram dispostas de maneira a que todas as crianças pudessem vê-lo. Após, foi eleito pelas crianças aquele que no entender das mesmas estava mais parecido com o monstinho, referindo o porquê da sua seleção.

Durante a tarde sentámo-nos na manta em pequenos grupos para falarmos sobre as idas do monstinho a casa de cada criança e as regras que devemos respeitar quando o levamos. Registando tudo o que fizeram conjuntamente no diário do monstinho que também vai a casa. Apresento de seguida as regras estabelecidas pelas crianças:

**O QUE PODEMOS FAZER COM O MONSTRO:**

**Criança MS:** “Podemos brincar.”

**Criança VR:** “Podemos fazer festinhas.”

**Criança SV:** “Ele vai ensinar os meninos a dançar.”

**Criança MA:** “Podemos abraçar, podemos dar beijinhos. Podemos ficar com ele todo o dia em casa quando é domingo e sábado, podemos brincar e podemos dar comer a ele.”

**Criança SV:** “Podemos fazer uma cama no nosso quarto. E podemos dormir com ele.”

**Criança MA:** “Ficar um bocadinho com ele e conversar com ele.”

**Criança PS:** “Pedir ao pai e à mãe para ler uma história para nós.”

**Criança DZ:** “Podemos passear com ele.”

**Criança AA:** “Podemos ir passear ao parque.”

**O QUE NÃO PODEMOS FAZER AO MONSTRO:**

**Criança FP:** “Não puxar a barriga!”

**Criança MS:** “Não puxar os olhos.”

**Criança FP:** “Nem estragar.”

**Criança GS:** “Nem zangar!”

**Criança DG:** “Não estragar o monstro!”

**Criança AP:** “Não fazer mal ao monstro.”

**Criança LV:** “Não se pode bater ao monstro.”

**Criança FP:** “Não se pode cuspir.”

**Criança MS:** “Não se pode tirar o boneco do monstro para ele dormir.”

**Criança RP:** “Não se pode puxar os braços do monstro.”

**Criança SV:** “Não se pode puxar os dentes do monstro senão fica estragado e ele é tão fofinho.”

**Criança MD:** “ E depois vai ao dentista. Não se puxa a crista do monstro.”

**Criança PS:** “Não podemos deixar o monstro sozinho.”

**Criança DZ:** “ Não podemos gritar com ele.”

**Criança TV:** “Não podemos rasgá-lo!”

**Criança AA:** “Não podemos dar comer senão fica sujo.”

*(Retirado de: Diário de Bordo, 2 de maio 2013)*

### Reflexão:

Na sua carta o monstinho afirmou que gostava muito de visitar a casa dos amiguinhos mas as crianças ficaram um pouco relutantes em levá-lo pelo que, como até ao fim do dia não se lembraram dele, pelo que, neste dia levei-o comigo, assim quando contei o que se tinha passado durante o fim-de-semana as crianças ficaram entusiasmadas e todos o queriam levar. O facto de ter levado o monstinho comigo serviu de incentivo às crianças para também o quererem levar assim como também serviu para as famílias perceberem o que se pretendia com a ida do monstinho a casa.

Enquanto as crianças desenhavam o monstinho pude perceber que poucas crianças desenharam com pormenores e poucas conseguiram também organizar o trabalho tendo em conta o espaço que tinham para desenhar. Esta atividade foi muito entusiástica para as crianças, pois todas queriam ser as primeiras a desenhar e diziam os pormenores que iam desenhar. Assim que acabavam vinham todos orgulhosos mostrar os desenhos. Podemos observar nas Figuras 16, 17 e 18 o envolvimento das crianças na atividade proposta tendo em conta os pormenores que estas colocaram nos seus desenhos:



Figura 17: Desenho do monstinho



Figura 18: Desenho do monstinho

Através dos desenhos das crianças fizemos a eleição do retrato mais parecido com o monstinho, foi muito interessante ver como as crianças reagiram ao ver os seus desenhos expostos. Criticaram, fizeram comparações e descreveram o que fizeram até iniciarmos a eleição, deixei que as crianças falassem entre si por uns momentos acerca dos desenhos para poder perceber o seu espírito crítico. Surgiram críticas tais como:

**Criança VR:** “O teu desenho é muito pequenino, mas o monstro é muito grande!”

**Criança DG:** “Eu fiz o coração da barriga, dois braços ali [direita], dois braços ali [esquerda], as pestanas, os pés que parecem corações e os botões!”

**Criança MP:** “Mas o coração não tem aquelas cores olha!”

**Criança MD:** “E as mãos também não!”

**Criança LV:** “O da SV é preto e roxo, ó SV o monstro não é preto!”

**Criança SV:** “Eu fiz como eu sei!”

**Criança TV:** “Eu fiz com cabelos castanhos!”

**Criança DG:** “O meu é o mais parecido!”

**Criança LC:** “O teu tem os dentes tortos!”

**Criança MS:** “Não tem nada, é assim que ele é, olha!”

*(Retirado de: Diário de Bordo, 2 de maio 2013)*

Para a escolha do desenho mais parecido com o monstinho decidi recorrer novamente à decisão em grupo de modo a favorecer a independência das crianças no que respeita à sua própria tomada de decisão. O desenho eleito foi o desenho da Figura 16.

- **Atividade 3**

Atividades:

- Conversa acerca da visita do monstinho a casa de um amiguinho;
- Uma música para o monstinho (Apêndice H);
- Escolha de um nome para o monstinho.

Objetivos:

- Desenvolver o gosto pela partilha dos momentos vividos com o novo amiguinho fora do contexto escolar;
- Desenvolver a linguagem oral;
- Desenvolver a memorização;
- Desenvolver a capacidade de comparação de grandezas;
- Desenvolver a capacidade e compreensão musical das crianças.

Descrição da atividade:

Durante o momento da reunião matinal, logo após a marcação de presenças, do quadro de tempo e algumas novidades contadas, ouvimos o que a criança DZ tinha para contar acerca da visita do monstinho a sua casa. Aqui a criança teve liberdade total para falar e mostrar as fotografias assim como as outras crianças também tiveram liberdade para questionar o colega. Apresento de seguida um excerto do que foi dito:

**Criança DZ:** Aqui sou eu e ele [Monstinho] na cama, a minha mãe fez uma cama para ele ficar ao pé de mim!

**Criança MA:** É a tua cama?

**Criança DZ:** Claro! A minha e do monstinho! Eu não tinha pijama para ele por isso ele não vestiu! Dormiu assim!

**Criança AM:** Pois era preciso um pijama especial.

**Criança DG:** Um pijama de monstros!

**Criança DZ:** Eu emprestei brinquedos a ele mas ele não quis brincar, ele não fala! Esteve sempre quieto!

**Criança IT:** O monstro é tão giro!

**Criança DZ:** Ele foi dormir primeiro porque eu fui tomar banho!

**Educ. Coop.:** Então e ele não tomou banho?

**Criança DZ:** Não, ele tem uma crista! Nesta fotografia, eu comi uma maçã e ele não comeu nada porque não gosta de comida.

**Criança FP:** Estavas a ver televisão?

**Criança DZ:** Sim, o Panda! Depois fomos passear ao parque e eu esqueci-me de levar um chapéu para ele, mas não sei se dava, por causa da crista.

*(Retirado de: Diário de Bordo – 6 maio 2013)*

Entretanto o monstinho apareceu com um bilhetinho na barriga, o qual abrimos e reparei que parecia ser uma canção e tentámos encontrar um ritmo para a cantar. Combinámos que entretanto iríamos tentar encontrar uma dança para ele.

A tarefa seguinte foi pedir às crianças que sugerissem um nome para o novo amiguinho, e procedermos à escolha de forma democrática, pois cada criança votou no nome que mais gostava. O nome mais votado foi o selecionado e o monstinho passou a chamar-se João.

### Reflexão:

Penso que o facto de todas as manhãs nos reunirmos e dedicarmos tempo para que a criança que levou o monstinho para casa possa contar aos colegas o que fizeram, é importante porque é um momento de partilha e de respeito e de escuta uns dos outros, em que eu própria fiquei maravilhada com o entusiasmo, orgulho e envolvimento com que as crianças falavam deste assunto. Este era um momento favorável ao desenvolvimento da linguagem oral e em alguns casos, uma forma de levar as crianças a expressarem-se perante os amigos sem que sentissem vergonha ou algum tipo de incómodo.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

A escolha da primeira criança a levar o monstinho foi estratégica, pois as crianças ficaram muito entusiasmadas com o monstinho mas estavam um pouco relutantes em levá-lo para casa, porque a educadora cooperante sugeriu que fosse a criança DZ por ter a certeza que aquela família ia colaborar com o que se pretendia e assim seria um estímulo e um bom exemplo para que as outras famílias pudessem ver o que era pretendido com o diário do monstinho.

Foi muito gratificante ver o envolvimento das crianças na aprendizagem da canção do monstinho. Alguns pais, no dia seguinte, pediram a letra da canção para poderem cantar em casa com os filhos porque estes quiseram ensinar os pais a cantar. A partir deste dia cantámos a canção do monstinho todos os dias.

De modo a proporcionar um momento de partilha de poder mas também de responsabilidade propus às crianças que pensassem num nome para o monstinho e através de um jogo lá decidimos o nome do monstinho.

### • **Atividade 4**

#### Atividades

- Resolução de conflitos
- Registos no caderno do monstinho

#### Objetivos

- Procurar soluções para os seus próprios problemas;
- Proporcionar momentos de reflexão;
- Relembrar algumas regras de convivência social;
- Desenvolver a linguagem oral e a expressividade;
- Promover o contacto com a escrita.

Descrição da atividade

Em reunião de grande grupo, antes do almoço, descobrimos três bilhetinhos do monstinho sobre os quais ficámos a refletir. Enquanto a conversa foi decorrendo fomos registando o que cada um dizia no caderno do monstinho.

Reflexão

Esta estratégia serve como mote para iniciarmos as nossas reflexões. Quando nos sentávamos na manta o chefe do dia tinha de ir ver se o monstinho tinha algo para nos dizer e neste dia tinha 3 bilhetes. Apresento de seguida as nossas reflexões referentes a cada um dos bilhetes:

**Bilhete 1: “ONTEM O TV, O DG E O AM JÁ SE ESTAVAM A ZANGAR POR CAUSA DO ROBOT DO TV. PORQUÊ? COMO É QUE RESOLVERAM?”**

**Criança AM:** “Porque o DG estava sempre a correr e não nos dava.”

**Criança DG:** “Sim mas depois quando o TV foi embora eu dei a ele. E não dei ao AM porque ele se ia embora.”

**Criança DG:** “Combinámos que cada um quando não queria brincar mais dava ao outro.”

**Criança AM:** “O brinquedo era do TV e depois levou para casa.”

**Criança BJ:** “O TV emprestava o brinquedo.”

**Criança RP:** “O DG não emprestou porque andava a correr.”

**Criança AM:** “Ele disse que não dava o brinquedo porque disse que não brincou muito mas brincou.”

**Criança TV:** “O DG mandou para o chão quando a minha mãe chegou.”

**Criança GS:** “Não se atira os brinquedos dos amigos para o chão.”

**Criança AM:** “É muito feio.”

**Criança TV:** “O DG partiu uma perna do transformer.”

**Criança AM:** “ Se nós mandarmos as coisas para outros sítios podemos perder as peças se forem pequeninas.”

**Criança IT:** “Podemos pôr ali nas regras.”

*(Retirado de: Diário de Bordo, 7 de maio 2013)*

Quando esta situação aconteceu entre estas três crianças, eu estava perto deles e apercebi-me do que se estava a passar, dirigi-me a eles e perguntei o que se estava a passar ali. A criança TV respondeu-me que queria brincar e que o brinquedo era dele, o AM também disse que queria brincar e o DG respondeu que era ele que tinha por isso podia brincar. Então perguntei se ele já tinha o brinquedo há muito tempo, ele disse que quando viemos para a rua pediu ao TV e foi buscá-lo ao cesto dos brinquedos de casa. Então sugeri: “Se já foste brincar quando viemos para a rua, já brincaste um bocadinho, o que achas de deixares agora o TV que é o dono do brinquedo, brincar um bocadinho, depois quando o TV já não quiser brincar mais, dá ao AM que também quer brincar e depois quando o AM também já não quiser brincar mais, pode dar-te outra vez. Que acham, pode ser assim?”. Responderam que sim e foram brincar os três.

**Bilhete 2: “OUVI O VR QUEIXAR-SE À RAQUEL QUE A MA E A IT O EMPURRARAM. O QUE ACONTECEU?”**

**Criança VR:** “Elas estavam a brincar comigo à apanhada e depois empurraram-me.”

**Criança AM:** “Elas chegaram perto do VR e empurraram porque estavam a tentar apanhar a parte de trás do bibe.”

**Educadora estagiária:** “Foi de propósito?”

**Criança VR:** “Acho que não.”

**Criança AM:** “Acho que a IT e a MA estavam com o motor muito acelerado.”

**Criança VR:** “Elas empurraram-me com muita força e fizeram-me saltar um botão do bibe.”

**Educadora estagiária:** “Como é que elas devem fazer para a próxima?”

**Criança MS:** “Não empurrar.”

**Criança AM:** “Nem magoar.”

**Criança RP:** “Nem puxar o bibe.”

**Criança TG:** “Nem fazer um dói dói.”

**Criança MA:** “O VR corre depressa e nós corremos devagar.”

**Criança IT:** “Falamos com ele. E passamos à frente, não é empurrar. Assim vamos à frente e ele apanha-nos.”

**Bilhete 3: “O AA E O DG ZANGARAM-SE NO RECREIO, MAS NÃO PERCEBI MUITO BEM O QUE ACONTECEU... PODEM EXPLICAR-ME?”**



**Criança AA:** “Nós estávamos a brincar aos animais.”

**Criança DG:** “Foi ele que zangou-se comigo, tas a ver isto aqui vermelho, foi ele que fez assim (beliscão na bochecha).”

**Criança AA:** “Porque ele não tinha o raio pulsor.”

**Criança DG:** “Tinha, tinha!”

**Educadora estagiária:** “Achas bem fazer isso?”

**Criança RP:** “Não, não se faz isso!”

**Criança MS:** “Porque dói.”

A criança AA, não respondeu à pergunta apenas acenou a cabeça dizendo que não.

Estas reflexões assumem extrema importância na medida em que leva as crianças a colocarem-se no lugar do outro e a encontrarem soluções para os seus próprios problemas. Levar as crianças a falar sobre os seus próprios problemas permite que estas exponham as suas frustrações, as suas razões e que falem sobre o que está certo ou errado tendo em conta as regras de convivência social.

- **Atividade 5**



Figura 19: Abraço comboio

### Atividades

- Leitura da história “Quem dá um abraço ao Martim?”

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

- Exploração da história
- Jogo dos abraços
- Conversa sobre qual o abraço que mais gostaram

### Objetivos

- Promover o contacto com o livro;
- Estimular a imaginação;
- Criar o sentido de cooperação entre o grupo;
- Proporcionar momentos de avaliação e reflexão.

### Descrição

Sem que as crianças percebessem coloquei uma carta na barriga do monstinho que dizia que trazia uma história que falava de um urso que um dia acordou cheio de vontade de receber um abraço. Propunha então que lêssemos a história e que após voltássemos à carta. Sentados em grande grupo ouvimos a história, e conversámos sobre a história e cada um na sua vez falou sobre qual era para elas o melhor abraço.

Voltámos depois à carta do monstinho e desta vez ele propunha um jogo “o jogo dos abraços”, vimos várias imagens de abraços e tentámos adivinhar o nome de cada um. O jogo era muito parecido com o jogo das cadeiras: enquanto a música tocasse todos tinham de dançar, mas quando a música terminasse tinham de ouvir o nome do abraço e executá-lo com um colega ou mais, ou mesmo com todo o grupo ou sós.

Este jogo tinha como objetivo incentivar o sentido de cooperação entre as crianças do grupo, tal como podemos observar na Figura 19, para efetuar o abraço comboio é necessário que todos cooperem. Também foi estimulada a criatividade ao terem de tentar reproduzir abraços que não constavam nas imagens que lhes foram mostradas.

No final conversámos sobre qual o abraço que mais gostam.

### Reflexão

As atividades foram iniciadas com a leitura da história “Quem dá um abraço ao Martim?” visto que através das histórias as crianças aprendem e interessam-se pelas temáticas e daí esta ter sido utilizada como estímulo para iniciar as restantes atividades.

Depois de explorarmos a história as crianças espontaneamente começaram a dizer quais eram os melhores abraços para elas:

**Criança MS:** “Eu gosto dos do meu pai!”

**Criança DG:** “A minha mãe aperta muito!”

**Criança MA:** “Eu gosto de dar à minha mãe!”

**Criança DZ:** “A minha avó dá com muitos beijinhos!”

*(Retirado de: Diário de Bordo, 24 de maio 2013)*

Talvez por não estarem muito habituados a este tipo de jogos, inicialmente as crianças tiveram alguma dificuldade em seguir as regras do jogo, mas após uma interrupção e uma pequena conversa, então o jogo já correu muito melhor.

Concluímos que esta atividade foi relevante para as crianças, na medida em que estas crianças não estão habituadas a abraçarem-se uns aos outros.

A meu ver estas atividades proporcionaram momentos ricos de partilha e boa disposição até porque inventei alguns abraços que não constavam nas imagens que lhes mostrei inicialmente e por isso tiveram de desenvolver a imaginação para executarem o abraço pedido.

Para finalizar a atividade refletimos sobre os abraços, de quais gostámos mais, aqui o objetivo era levar as crianças a refletir e avaliar o que tinham acabado de fazer apresentando razões que explicassem a preferência em determinados abraços. Aqui obtivemos respostas tais como:

**Criança VR:** “Gostei do abraço de grupo porque depois caímos todos!”

**Criança DG:** “Eu gostei do abraço comboio!”

**Criança LV:** “Eu gostei daquele de pernas para o ar e daquele que o MP se agarrou à minha perna!”

**Criança IT:** “Aquele de pernas para o ar era difícil!”

**Criança AM:** “Alguns tu não mostraste o desenho e eu não sabia como se fazia!”

**Criança MA:** “Vamos fazer outra vez?”

*(Retirado de: Diário de Bordo, 24 de maio 2013)*

- **Atividade 6**

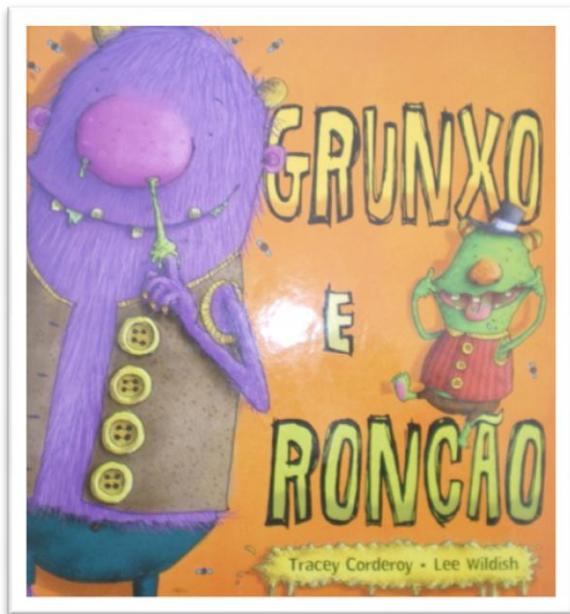


Figura 20: História “Grunxo e Roncão”



Figura 21: História inventada

### Atividades

- Leitura e exploração da história “Grunxo e Roncão” (Figura 20);
- Construção de uma nova história a partir da história que ouviram anteriormente (Figura 21);
- Leitura e exploração da nova história, comparação entre ambas as histórias;
- Decisão em grupo de um título para a nova história.

### Objetivos

- Refletir sobre como é bom ter amigos e como as atitudes incorretas podem deixá-los tristes;
- Estimular a criatividade;

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

- Desenvolver a expressão oral;
- Promover o contacto com a escrita.

### Descrição

Esta atividade iniciou-se com uma história “Grunxo e o Roncão” e a consequente exploração durante a reunião matinal. Daqui surgiu o desafio de criarmos uma nova história onde o Grunxo e o Roncão se portassem bem.

A história foi discutida individualmente com cada criança. Assim, abordavam o que acontecia na história (desde o início até à parte que a criança ia fazer) o que o monstinho fazia, se estava certo, se estava errado, como é que haveríamos de escrever, o que desenhar, e para facilitar as crianças no momento de desenhar, o livro estava à disposição para que pudessem ver.

No dia seguinte continuámos a fazer a nova história. Após terminarem a história, lemos a original e depois a nova história. Entretanto alertei que a nossa história não tinha capa nem título e por isso era necessário fazer. Sugerir ao grupo que fosse a criança MP porque tinha faltado no dia anterior e por isso não tinha ouvido a história, assim, seria mais fácil para ele fazer a capa.

### Reflexão

As crianças estiveram sempre muito atentas, penso que não só porque o texto era apelativo e as ilustrações também mas porque lemos a história com expressividade e foi interessante ver aquele brilho nos olhos à espera do que aconteceria de seguida.

A partir desta história surgiu o desafio de criarmos uma nova história onde o Grunxo e o Roncão se portassem bem (Apêndice I).

Esta atividade correu bem e foi bem recebida pelas crianças, desenvolvemo-la individualmente e conforme a história ia avançando líamos sempre o que as outras crianças já tinham feito para que se situassem e também para que aquelas que demonstram mais dificuldades percebessem o que se pretendia.

Porque era uma atividade demorada e individualizada, não terminámos a atividade no mesmo dia pelo que, terminámos no dia seguinte com as crianças que faltavam.

Foi muito interessante, pois quando li novamente a história original as crianças estiveram novamente muito atentas e comentavam em determinados momentos: “isso não se faz”; “o Roncão só queria ser amigo”; “a casa dele está muito suja”; “pois está, deve cheirar mal”; “eles estão a comer minhocas”;... Quando li a história que fizemos conjuntamente e mudávamos de página as crianças diziam de imediato o nome de quem tinha feito aquele desenho, o que ilustra como todas as crianças participaram e estiveram muito envolvidos neste projeto. Estavam radiantes e revelara muito entusiasmo na audição da história completa. Quando terminámos a leitura procurámos algumas diferenças entre as duas histórias:

**Criança AM:** “Na outra história ele porta-se mal!”

**Criança IT:** “Ele já gosta de festas nesta!”

**Criança FP:** “Ele gosta do amigo aqui!”

**Criança DG:** “Ele não faz mal aos bebés na rua!”

**Criança BJ:** “Brinca com os amigos!”

**Criança LC:** “Vai ver as borboletas com os amigos!”

**Criança AA:** “Na outra, naquela (aponta) ele não tinha amigos!”

**Criança AM:** “E tinha tudo sujo!”

**Criança MA:** “Ele já não cheira mal pois não? Nesta (aponta)?”

*(Retirado de: Diário de Bordo – 21 de maio 2013)*

Depois desta conversa alertei as crianças para o facto de ainda não ter capa e perguntei-lhes o que achavam se fosse o MP a fazê-la porque ele tinha faltado no dia anterior e não tinha ouvido a história, por isso não fez um desenho, todos concordaram e quando o MP terminou eu perguntei:

**Educadora Estagiária:** “Então e agora, que nome vamos dar à história?”

**Criança MP:** “Grunxo e Roncão”

**Criança AM:** “Esse nome não pode ser, é da outra história e esta história é diferente! Eu acho que devia se chamar... Grunxo e Roncão a portar bem!”

*(Retirado de: Diário de Bordo – 21 de maio 2013)*

Mais ninguém sugeriu nomes para a história pelo que ficou decidido que seria: “Grunxo e Roncão a portar bem”.

#### **4.2.2. Análise crítica das atividades desenvolvidas**

Tendo em conta as OCEPE (2009), a criança só desenvolve relações em interação com os outros construindo também a sua própria personalidade, por isso é necessário o educador de infância promover atividades que estimulem essas relações, nunca esquecendo que nós adultos somos modelos de referência para as crianças. Na minha opinião, as diversas atividades promovidas permitiram que as crianças se sentissem interessadas e motivadas para as concretizarem favorecendo o desenvolvimento das competências sociais nas crianças bem como a aquisição de atitudes responsáveis para com os outros. Este projeto foi também bastante enriquecido pela colaboração e disponibilidade das famílias em suas casas.

Hohmann & Weikart (2011) referem que “a acção, por si só, não é suficiente para a aprendizagem. Para compreenderem o seu mundo imediato as crianças necessitam interagir de forma consciente e refletida sobre ele” (p. 23). Assim, através das atividades as crianças foram levadas a refletir sobre atitudes tomadas em sala, conversar, resolver problemas, transmitir emoções e a adquirir alguns valores através das reuniões que aconteciam todos os dias em grande grupo (por vezes em pequeno grupo quando era necessária intervenção imediata).

Ao refletirem acerca das atitudes tomadas em sala, as crianças desenvolvem o pensamento e a compreensão, reforçando-se o referido por Hohmann & Weikart (2011) referem ainda que “ao resolver as disputas com os colegas as crianças começam por perceber como respeitar as necessidades dos outros, ao mesmo tempo que resolvem as suas. Começam também a ver que (...) é possível resolver conflitos de forma a que ambas as partes fiquem satisfeitas com o resultado (p. 615).

O grupo demonstrou sempre muito entusiasmo e empenho nas atividades realizadas o que também desenvolveu em mim mais entusiasmo e empenho nas atividades propostas.

Posso concluir que atingimos os objetivos propostos, promovendo diversos aprendizagens e competências nas crianças. Percebi que as crianças já tinham vinculados diversos valores contudo, em situações de interação com os colegas, por vezes não sabiam gerir as suas emoções gerando situações de conflito.

Conforme o projeto foi decorrendo e através da observação da interação entre as crianças fui percebendo a evolução destes no que respeita à resolução dos seus conflitos pois ficava atenta e observava as interações das crianças principalmente naquelas situações em que sabia que havia um potencial motivo para gerar conflito, como quando alguma crianças trazia um carrinho e ia brincar com outro colega, ou quando alguém emprestava o seu brinquedo e que possivelmente entretanto já o queria de novo. Fiquei atenta a este tipo de situações, bem como a educadora cooperante que quando dava conta de alguma situação chamava-me discretamente e efetivamente foi notória a evolução das crianças.

As atividades não tinham um tempo definido para decorrer para que se respeitasse o ritmo individual de cada um de modo a que efetuassem as aprendizagens.

Este projeto foi muito bem recebido não só pelas crianças mas também pelos adultos da sala e também pelas famílias das crianças que fizeram um trabalho em parceria notável tendo em conta o tempo reduzido que tiveram para tal. Este trabalho em parceria com a família foi a que mais interesse despoletou nas crianças, foi um projeto novo que as crianças nunca haviam tido oportunidade de realizar, onde ganharam um novo amigo que ganha vida e de quem teriam de tomar conta e mostrar um pouco da sua vida fora da escola, a sua casa, a sua família,... As crianças demonstraram muito entusiasmo em relação à sua vez de levar o “Monstrinho João”, foram muitas as vezes que ouvi dizer: “Hoje sou eu a levar o Monstrinho João!” e muitas vezes também diziam o que queriam fazer ou ir com o “monstrinho”.

Como já referi, este projeto foi muito bem recebido pelas crianças e por isso não senti dificuldades por parte do grupo de crianças para pôr em prática as atividades propostas. Contudo, considero que um projeto desta natureza precisaria de mais tempo para surtir verdadeiros efeitos nas crianças, visto algumas delas serem um pouco introvertidas e só no final é que começaram a estar mais à vontade para falar perante o grupo ou para ter a iniciativa de falar durante as reflexões. Uma outra dificuldade que encontrei foi o facto de



ter uma criança NEE inserida no grupo, tentei sempre envolvê-la nas atividades e que estas fossem adequadas às suas limitações mas nem sempre foi fácil.

#### **4.3. Avaliação do plano de ação**

O plano de ação deste projeto desenvolveu-se de uma forma lógica, tentando sempre que as atividades estivessem interligadas assim como que fossem dotadas de interdisciplinaridade entre as áreas de saber.

Este plano foi estruturado com base na metodologia do projeto visto que este foi sendo elaborado de acordo com o que surgia das ideias das crianças.

Ao terminar todas as atividades deste plano de ação concluí que este projeto surtiu efeitos positivos sobre as crianças pois consegui observar as suas interações durante as brincadeiras a forma como as crianças passaram a tentar resolver alguns dos seus problemas através do diálogo e sem agressão física, como acontecia anteriormente, por vezes também recorriam ao “Monstro João” para lhe contarem o que tinha acontecido para depois conversarem em grande grupo (foi interessante ver que muitas vezes o problema nem estava relacionado com a criança em si mas com os seus colegas) e percebi também que ficaram muito mais cooperantes entre eles. Foi notória uma melhoria nas interações entre as crianças durante as brincadeiras, onde passou a existir mais partilha. As crianças começaram também gradualmente a ter mais respeito para com os colegas que falavam durante as reuniões de grupo.

As crianças foram avaliadas através de observação direta, registos, fotografias, vídeos, grelhas de avaliação e entrevista, através dos quais podemos evidenciar que existiu uma concretização dos objetivos propostos. Através das reflexões realizadas, foi possível avaliar através do que as crianças diziam pois demonstravam ser capazes de se exprimirem, falarem sobre as suas emoções e perceber também as emoções que os outros sentem em situações por eles conhecidas, e também serem capazes de sugerir soluções para os problemas que surgiam. Também foi notória uma melhoria nas suas interações ao longo dos dias, por vezes dei conta de pequenos grupos a tentar “negociar” uma forma de todos

poderem brincar sem que ninguém saísse prejudicado. Desta forma, constatou-se que as atividades e também as reflexões em grande grupo promoveram atitudes positivas nas crianças tais como cooperação, entreajuda, partilha, amizade.

Utilizei as grelhas de avaliação em dois momentos, em Março e depois em Junho, o que permitiu avaliar a evolução das crianças em relação à temática deste projeto e comparando os vários itens das grelhas respeitantes a cada momento de avaliação posso afirmar que as crianças evoluíram de uma forma generalizada. Apresento de seguida na Figura 22 uma grelha ilustrativa da evolução das crianças onde cada criança está identificada pelas suas letras que foram colocadas no nível em que se encontravam quando se procedeu à avaliação. A Figura 22, mostra que a maior evolução que se observa é no parâmetro 4 em relação à colaboração com os colegas para a resolução de problemas pois em Março ninguém revelava capacidade para resolver os problemas independentemente ou recorrendo a outros meios socialmente aceites, mas em Maio já revelavam essa capacidade. Verifica-se uma evolução em todos os parâmetros, em Março haviam três crianças que não demonstravam confiança ao falar no grupo mas em Maio já todos revelavam ou revelavam completamente essa confiança. No parâmetro 2 é visível uma evolução em relação à cooperação. Em Março apenas uma criança recorria ao adulto para resolver os problemas mas em Junho (ao invés de recorrerem à agressão física) já todas recorriam ao adulto quando não conseguiam resolver os problemas sozinhas. Em relação ao parâmetro 5 quase todas as crianças revelavam consciência dos sentimentos dos outros mas em Maio a maioria já revelava completamente essa consciência. O parâmetro 6 refere-se à participação nas reflexões acerca das atitudes tomadas em sala e onde se verifica que em Março existiam duas crianças que não participavam a não ser que fossem solicitadas mas em Maio já tomavam a iniciativa de participar.

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Parâmetros de avaliação	Avaliação realizada em Março				Avaliação realizada em Junho			
	NO	ANR	R	RC	NO	ANR	R	RC
1. Demonstra confiança a falar num grupo que lhe é familiar.		AP DZ PS	BJ	AM FP MA DG			AP PS	AM BJ FP DZ MA DG
2. Cooperar com duas ou três crianças numa atividade.		BJ	AM AP FP DZ PS MA DG				AM PS	AP BJ FP DZ MA DG
3. Procura o adulto para resolver os problemas.		AM AP BJ FP PS MA DG	DZ				AM AP FP PS MA DG	BJ DZ
4. Colabora com os colegas para a resolução de problemas (independentemente, verbalizando e negociando ou recorrendo a outros meios socialmente aceites).		AM AP BJ FP DZ PS MA DG					AM AP FP PS DG	BJ DZ MA
5. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.		BJ	AM FP AP PS MA DG	DZ			BJ PS	AM FP AP DZ MA DG
6. Participa nas reflexões verbalizando sobre atitudes tomadas em sala.		AP PS	BJ DZ	AM FP MA DG			AP PS	AM BJ FP DZ MA DG
Legenda:								
RC – Revela Completamente								
R – Revela								
ANR – Ainda Não Revela								
NO – Não Observável								

Figura 22: Grelha ilustrativa da evolução das crianças

Apresento no Apêndice C as grelhas de avaliação das crianças que selecionei.

A entrevista às crianças (Apêndice J) foi aplicada no final do projeto para poder indagar sobre os conhecimentos que as crianças adquiriram relativamente ao projeto desenvolvido, e se perceberam o objetivo do monstinho e a mensagem que pretendia transmitir. As oito crianças selecionadas foram as mesmas que foram avaliadas nas grelhas representando a amostra do grupo e através da sua análise de conteúdo das entrevistas (Apêndice K) podemos evidenciar que estas adquiriram conhecimentos relativamente às competências sociais e perceberam o objetivo do monstro na sala e qual a mensagem que ele pretendia passar.

Seguem as evidências recolhidas das entrevistas feitas às crianças:

- “...é o monstinho que ouve tudo, vê tudo e não se mexe!”
- “Ensinei a portar bem!”
- “Eu acho que ele gosta mais dos [meninos] que se portam bem!”
- “Eu gosto mais daquelas [cartas do monstinho] que os meninos portam-se bem. E gosto pouco das que os meninos portam-se mal. Porque se portarem mal ele faz uma carta do portar mal. Dos brinquedos ou bater...”
- “Eu ensinei a andar de baloiço! É só segurar no ferro e baloiçar!”
- “Era bom ficarmos com ele [monstinho]!”
- “Eu contei uma história para ele!”
- “Gostava que ele ficasse na nossa sala para ajudar a fazer os trabalhos da Mica!”
- “Para ajudar os amigos a brincar com os amigos!”
- “Para os meninos portassem bem, para brincar...”
- “Ele tem que se portar bem para não fazer as coisas mal!”

Os pais foram avaliados de duas formas diferentes: através da elaboração de um diário do monstinho juntamente com os filhos quando levavam o monstro para casa, este diário, era o sítio onde poderiam registar tudo o que quisessem acerca da visita do monstinho e também através de um inquérito por questionário (Apêndice L) que foi entregue a todas as famílias mas ao qual apenas 12 famílias responderam. Este inquérito foi alvo de uma recolha de dados e a sua análise encontra-se em apêndice (Apêndice M). Com base no diário do monstinho e nos questionários, posso inferir que a avaliação é positiva, tendo em conta que referem o projeto como importante na medida em que incutiu-lhes muita responsabilidade ao levar o monstinho para casa, exigiu que fossem

cuidadosos com ele, e que gostaram de participar no projeto bem como os filhos que estiveram bastante empenhados.

Apresento de seguida algumas evidências retiradas dos questionários às famílias:

- “Considero [importante este tipo de projetos] porque além de todos os dias haver uma criança que ficava responsável pelo monstinho, também na escola se falava diariamente sobre os comportamentos de cada um, afinal eram todos responsáveis pelo monstinho e tinham de dar o exemplo.”
- “Gostei muito de participar neste projeto e o DG também, até quis arranjar uma touca para o monstinho ir à natação e já pediu ao pai uns óculos, uns cal es de banho e para construir uns chinelos para o monstinho porque os p s dele são diferentes dos nossos.”
- “Não sei dizer concretamente mas percebi que a MA sabe as regras que lhe impomos em casa pois fez exatamente isto ao monstinho. Por exemplo, colocar o cinto de segurança no carro, lavar os dentes ao deitar e acordar, etc.”
- “Achei o projeto muito interessante, principalmente por ver o contentamento e o empenho do meu filho em cuidar do monstinho e a sua preocupa o pelo bem estar do mesmo.”
- “Sim, considero-os importantes [os projetos] na medida em que vivemos numa sociedade que, cada vez mais,   de filhos únicos e s  com iniciativas destas eles aprendem a cuidar e responsabilizar-se pelos outros.”
- “(...) ele respondia que era o amigo monstro e explicava que era mal educado. Tinha de aprender a portar-se bem.”
- Acho que foi uma ideia gira e por isso está de parabéns por este projeto.”
- “Este projeto também foi bom, para vermos e conhecermos melhor os nossos filhos. A maneira como encaram a responsabilidade, as regras a ter, a preocupa o pelo monstinho. Foi muito bonito de ver tudo isso. Desejamos tudo de bom para a Diana e muito sucesso na vida pessoal e profissional.”

Seguem-se as evidências recolhidas do diário do monstinho:

- “(...) a mana emprestou a espreguiçadeira dela para o monstinho dormir ao lado da minha cama.”

- “(...) eu gostei muito que o meu amigo tivesse ido comigo ver o meu treino, todos os meus colegas acharam muita piada e perguntaram-me o que era...”
- “(...) o João não come, mas eu sei que ele gosta de me ver portar bem e ele também se portou muito e não houve birras (...)”
- “ADOREI TER O MONSTRINHO JOÃO COMIGO E QUERIA SER CHEFE TODOS OS DIAS...”
- “Gostava que o monstinho ficasse mais dias na minha casa.”
- “Ensinei-o a escovar os dentes. Não sei se ele sabia.”
- “A mãe diz que eu portei-me mal mas o monstinho não.”
- “(...) eu, o meu pai e o monstinho equipámo-nos a rigor e fomos ver o Benfica jogar para a taça da liga. O monstinho é um benfiquista à sério.”
- “Adorei levar o monstinho João para casa e poder brincar com ele. A minha mamã, o meu papá e a minha mana gostaram muito de te conhecer. Foi muito divertido... Adoro-te meu monstinho, sou tua amiga...”
- “Hoje é dia do monstinho ir para a casa de outro amigo...por isso despedi-me dele com um grande abraço.”

Foi ainda aplicada uma entrevista à educadora cooperante (Apêndice N), a qual foi analisada, sendo utilizada a análise de conteúdos (Apêndice O). Após a análise da entrevista à educadora cooperante pude constatar que a educadora valoriza muito o envolvimento parental e que atribuiu muita importância ao facto de existir uma personagem mediadora mas indicando que o monstro deveria ter passado mais tempo na casa das crianças. Outro aspeto salientado pela mesma foi a importância da promoção das competências sociais e a forma como estas foram desenvolvidas com sucesso ao longo do projeto.

## **5. Reflexões Finais**

### **5.1. Implicação do plano de ação para a prática profissional futura**

No decorrer deste projeto foi necessário improvisar por várias vezes o que teria sido muito complicado caso não tivesse planeado nada para aquele dia, assim sendo, não senti dificuldades quando tive de improvisar, por isso saliento a importância de planejar as atividades antes de as realizar pois enquanto planeamos e pensamos em como queremos que a atividade decorra e assim torna-se muito mais fácil de reformular no caso de esta não decorrer como esperávamos.

Porque este era um grupo um pouco diversificado culturalmente, as atividades desenvolvidas foram planeadas de forma que as potencialidades de cada criança não fossem esquecidas bem como as suas características e necessidades.

Em relação às estratégias que utilizei para desenvolver as atividades penso que estas tenham sido bem-sucedidas pois tentei sempre encontrar formas de os motivar e de despertar a curiosidade e estimular a atenção. Para diversificar estas estratégias utilizei diversos recursos como livros, o computador, datashow, diversos materiais de desgaste e um fantoche pois considero importante que quanto mais experiências as crianças tiverem na educação pré-escolar mais benéfico será para o seu futuro. “A utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário. Este pode ser utilizado em expressão plástica e expressão musical, na abordagem ao código escrito e na matemática” (OCEPE, 2009, p.72).

Considero assim importante que se utilize o computador para contar histórias mas também para consulta ou mesmo para que as crianças tenham contacto com o código escrito.

Planeei mais atividades do que as que efetivamente consegui realizar, não só porque o tempo era escasso mas também porque por vezes tivemos de acabar atividades já iniciadas nos dias anteriores pela educadora cooperante e também porque não consegui controlar bem o tempo de realização das atividades, mas considero que isso foi uma aprendizagem da minha parte para que da próxima corra melhor.

Relativamente à avaliação das atividades fi-la com a educadora, com as crianças e também através de reflexões diárias das minhas práticas.

De acordo com as OCEPE (2009), “A avaliação do processo permite reconhecer a pertinência e sentido das oportunidades educativas proporcionadas, saber se estas estimularam o desenvolvimento de todas e cada uma das crianças e alargaram os seus interesses, curiosidade e desejo de aprender” (p. 93), assim, uma forma de perceber tudo isto será realizar a avaliação com as crianças onde estas falam sobre o que mais as agradou, desagradou e o que gostavam de aprender ou de fazer, e assim, partir do que observamos para planear as aprendizagens a desenvolver com cada criança.

As crianças mantiveram-se sempre muito envolvidas nas atividades, dei conta, muitas vezes de as crianças contarem aos pais o que tinham feito ou os pais no dia seguinte contavam-nos ou questionavam-nos acerca das atividades, isto demonstra que as crianças estiveram empenhadas, pois souberam contar e explicar o que tinham feito. Penso que o estímulo dado às crianças ajudou muito neste aspeto visto que todas as atividades partiram do monstinho e porque eles gostaram muito dele e as atividades partiram quase sempre de uma carta do mesmo que sugeria sempre alguma atividade, ou mesmo nas reuniões de grande grupo, havia sempre uma carta ou um bilhetinho para as crianças. Também o facto de partir das ideias das crianças, dos seus interesses e das suas curiosidades ajuda a que as crianças se envolvam nas atividades e consequentemente aconteça uma aprendizagem.

Ferre Leavers (cit. por Oliveira Formosinho, *et al.*) defende que o envolvimento é uma aptidão da atividade humana caracterizado “pela motivação, fascinação, abertura aos estímulos e intensidade da experiência, tanto a nível físico como cognitivo e ainda por uma profunda satisfação e forte fluxo de energia” (2010, p. 25). Toda a criança que se sente motivada, empenha-se completamente na atividade que está a desenvolver, e ao mesmo tempo está muito atenta aos estímulos mais importantes, demonstrando desta forma uma imensa sensação de prazer.

Como já referi anteriormente, as crianças mantiveram-se sempre muito envolvidas nas atividades e isso foi notório, por exemplo, ao ver que aquelas crianças que tinham mais dificuldades em comunicar, no dia em que levaram o monstinho estiveram sempre empenhadíssimas em relatar todos os acontecimentos aos colegas. Ou mesmo quando havia algum problema que os incomodasse em que me pediam ajuda para escrever um



bilhete ao monstro para que ele os ajudasse, ou simplesmente para que soubesse o que estava a acontecer.

As crianças tiveram sempre uma participação ativa e autónoma na realização das atividades e na distribuição das tarefas. Desde o início do ano que a educadora estimula as crianças para a autonomia, esta é mesmo uma preocupação constante na sala azul.

Procurei desenvolver noções de cooperação, interajuda, justiça, partilha, amizade, levando as crianças a refletir acerca das suas ações pois segundo Ramiro Marques:

As crianças aprendem essas noções quando colocadas perante dilemas morais, que as levem a discutir, a interagir e a tomar posição. O papel do adulto não é tanto o de ensinar diretamente essas noções mas o de introduzir situações de desequilíbrio que obriguem as crianças a confrontar opiniões e pontos de vista e, em muitos casos, a mudarem de posição perante os argumentos mais fundamentados dos colegas” (s/d, p. 74).

Assim, a atitude do educador não se deve restringir apenas à correção, quando a criança está errada deverá fazer-lhe perguntas, pedir a opinião a outras crianças ou confrontar a criança com o que aconteceria no caso de as coisas se passarem como a criança defende. Desta forma tentei proporcionar situações de confronto de ideias e opiniões para que as crianças pudessem refletir acerca das consequências das suas atitudes e desta forma poderem encontrar soluções para determinadas situações.

## **5.2. Potencialidades e limites do estágio na promoção do desenvolvimento profissional do formando**

No decorrer do meu estágio senti muita abertura por parte da educadora cooperante e também por parte das assistentes operacionais, a educadora cooperante pediu muitas vezes a minha opinião para certas atividades, o que mostra que não fui excluída, ou seja, fui considerada mais um elemento colaborativo para a aprendizagem de todos, não sendo só uma simples estagiária mas sim parte integrante da equipa. A educadora cooperante deixou-me sempre à vontade para implementar, nunca colocou o mínimo obstáculo, muito pelo contrário, mostrou-se sempre disponível para o que necessitasse, este aspeto foi muito

importante para mim para que me sentisse mais confiante na minha prática. Considero ser de extrema importância que exista uma boa relação entre os membros da equipa da sala para que as próprias crianças se sintam num ambiente estável e equilibrado que lhes favorece o desenvolvimento e a aprendizagem.

A instituição é dotada de muito boas condições não só em relação ao espaço, mas também em relação aos materiais e mesmo recursos humanos, ao longo do meu estágio pude observar que os profissionais utilizam os outros espaços disponíveis de forma produtiva para as aprendizagens das crianças.

De acordo com as OCEPE (2009):

O planeamento do ambiente educativo permite às crianças explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interações diversificadas com todo o grupo, em pequenos grupos e entre pares, e também a possibilidade de interagir com outros adultos. (p. 26)

A relação que mantive com as crianças foi muito positiva, as crianças aderiram muito bem às minhas atividades propostas e penso que o projeto que desenvolvi com elas aprofundou ainda mais essa relação, até mesmo com os pais que aderiram muito bem a este projeto, foram muito participativos, a própria educadora confessou que não esperava tanta aderência por parte dos pais.

De acordo com as OCEPE (2009) “O planeamento realizado com a participação das crianças, permite ao grupo beneficiar da sua diversidade, das capacidades e competências de cada criança num processo de partilha facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento de todas e de cada uma” (p. 26).

Tentei sempre dar voz às crianças para que estas sentissem que também podiam tomar decisões em relação ao projeto e desta forma penso que as crianças também se sentiram mais envolvidas nas atividades visto que eram do seu interesse.

Inicialmente não consegui ter um total controle no grupo mas com o tempo fui conseguindo gradualmente um maior controlo devido também à relação que fomos criando.

Apesar de trabalhar na área, nunca estive com um grupo homogéneo mas considero que este grupo apesar de ser heterogéneo em termos de idades, era muito homogéneo em termos de conhecimentos.

Considero este grupo muito alegre, ativo, conversador e interessado. São crianças que gostam de colaborar e participar nas rotinas diárias da sala e de um modo generalizado são crianças com iniciativa própria, demonstrando curiosidade em conhecer, explorar e aprender coisas novas. Apercebi-me durante este estágio que este grupo tem um grande potencial para trabalhar por projetos, é pena que a educadora não aproveite sempre esses momentos em que as crianças demonstram interesse por determinado assunto. Saliento um exemplo: um dia, uma criança (que por sinal é uma das que menos fala e participa nas atividades) apareceu na sala com um caracol, muito contente e falou muito para explicar o que encontrou e como fez para o trazer e a educadora deixou fugir esse entusiasmo. A meu ver, esse entusiasmo dessa criança deveria ter sido agarrado para que levasse a criança a fazer um projeto sobre o caracol e depois expusesse ao grupo o que aprendeu. Ao desenvolver este projeto com outras crianças, a criança desenvolvia atitudes de socialização com os colegas, o que considero que seria muito importante visto ser uma das suas dificuldades.

Estas crianças tinham alguma dificuldade em aguardar a sua vez para falar e, por isso, por vezes, atropelavam-se para falar. Durante as brincadeiras estas crianças eram um pouco conflituosas ou pela disputa de um brinquedo, por exclusão ou simplesmente porque queriam brincar numa área que já tinha muitas crianças e, por isso, retiravam o cartão de um dos colegas para poderem colocar o seu. Com o decorrer do projeto as crianças melhoraram o seu comportamento em relação a estes aspetos, em vez de se atropelarem para falar, punham o dedo no ar e durante as brincadeiras por vezes dei conta de que tentavam resolver os problemas sozinhos (por ex. “Não estás a ser meu amigo... Gostavas que eu também tirasse o teu cartão?”) ou então recorriam a mim para pedir ajuda a escrever um bilhete para o monstinho.

Penso que as estratégias que utilizei no decorrer do projeto foram adequadas pois incentivaram o interesse e curiosidade das crianças através do lúdico procurando desenvolver o seu potencial de aprendizagem. Também a opinião da educadora foi muito positiva em relação ao meu desempenho nas minhas práticas. A educadora foi

gradualmente deixando que eu tomasse a responsabilidade do grupo, inicialmente era necessário a ajuda dela para controlar o grupo.

Considero que este estágio foi muito importante para o meu percurso como futura educadora pois o facto da educadora cooperante me ter dado total liberdade para implementar (onde nunca colocou entraves, apenas deu sugestões para que pudesse melhorar, tendo em conta o que ela conhecia do grupo) pude assim sentir-me uma verdadeira educadora.

Em relação às planificações, foram pensadas e escritas por mim porque não havia disponibilidade de ambas as partes para reunir e planear em conjunto, assim, eu já tinha uma ideia do que iria planear e comunicava à educadora que, por sua vez, dava o seu parecer e era então que, com base também no seu parecer que eu planeava e no dia seguinte mostrava a planificação, modificando ou não, conforme o que decidíssemos, era uma planificação conjunta com um aumento gradual de autonomia de planificação.

Considero também muito importante o facto de a partir do momento que comecei a fazer parte do dia-a-dia daquele grupo de crianças as atividades que propus foram apresentadas e desenvolvidas como sendo da sala, eu e a educadora cooperante formámos uma equipa não esquecendo também as assistentes operacionais que foram fundamentais para o desenvolvimento das atividades e também para ajudarem a preparar o material.

Assim concluo a etapa final do meu percurso académico na certeza que as minhas expetativas e objetivos foram alcançados com sucesso e muito, muito esforço. Considero que foi uma experiência muito gratificante e através da qual tive oportunidade de observar as principais dificuldades e vivências que me esperam no futuro. Penso que o facto de também trabalhar na área, mas numa instituição diferente me fez alargar horizontes não só no que respeita à dinâmica da sala, como também em relação às metodologias de trabalho em sala, organização da sala e até o próprio funcionamento da instituição.

Ao longo das minhas reflexões apercebi-me dos aspetos onde tenho de melhorar nas minhas práticas e também fiquei muito sensibilizada para o facto de neste contexto onde estive inserida haver uma criança com NEE e algumas crianças que não dominam a língua portuguesa, pois é uma realidade com a qual todas estamos sujeitas a trabalhar. Em relação à criança com NEE apercebi-me das lacunas que existem em relação a esta pois tem apenas uma hora de apoio com educadora especializada, quando tem, pois houve pelo

### Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

menos duas semanas seguidas que não teve qualquer apoio a não ser aquele em que vai com a mãe a uma outra instituição, uma vez por semana também durante uma hora ou o apoio dado pela educadora cooperante mas que não pode ser constante.

Em suma, a meu ver o estágio correu muito bem, pois proporcionou-me novas experiências e novas vivências que contribuíram para o meu enriquecimento pessoal e profissional.

## **Referências Bibliográficas**

- Costa, I. A., & Baganha, F. (1989). *O fantoche que ajuda a crescer*. Lisboa: Edições ASA.
- Coutinho, C., Bessa, F., Sousa, A., Vieira, S., Ferreira, M. J., & Dias, A. (2008). *Metodologias de Investigação em Educação*. Obtido de Faadsaze: [http://faadsaze.com.sapo.pt/12\\_tecnicas.htm](http://faadsaze.com.sapo.pt/12_tecnicas.htm)
- Formosinho, J. O., Pascal, C., & Bertram, T. (2010). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Lisboa: DGIDC.
- Formosinho, J., Katz, L., McClellan, D., & Lino, D. (2006). *Educação Pré-Escolar - A Construção Social da Moralidade*. Lisboa: Texto editores.
- Forneiro, L. I. (1998). A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In M. A. Zabalza, *Qualidade em Educação Infantil* (pp. 229-280). São Paulo: ARTMED.
- Guerra, M. S. (2000). *A escola que aprende*. Porto: Edições Asa.
- Guia de Atividades Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. (s/d). Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário.
- Harms, T., Clifford, R. M., & Cryer, D. (2008). *Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância - Edição Revista*. Livpsic.
- Harms, T., Clifford, R. M., & Cryer, D. (2008). *Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância - Edição Revista*. Legis Editora.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Katz, L., & Chard, S. (1997). *A abordagem de projeto na educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Katz, L., & McClellan, D. (2006). O Papel do Professor no Desenvolvimento Social das Crianças. In L. Katz, D. McClellan, & D. Lino, *Educação Pré-Escolar - A Construção Social da Moralidade* (pp. 11-50). Lisboa: Texto Editores.
- Kilpatrick, W. (2006). *O método de projeto*. Viseu: Edições Pedago.
- Marques, R. (s/d). *A criança na Pré-Escola*. Livros Horizonte.
- ME. (2009). *OCEPE*. Lisboa: ME.
- Parente, M. C. (2004). A construção de práticas alternativas de avaliação na pedagogia de infância: sete jornadas de aprendizagem. Braga, Minho, Minho.

- Roberts, R. (2007). Pensando em Mim Mesmo e nos Outros: Desenvolvimento Pessoal e Social. In I. Siraj-Blatchford, *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância* (pp. 144-160). Lisboa: Texto Editores.
- Silva, M. (1998). Projetos em Educação Pré-Escolar e Projeto Educativo de Estabelecimento. In M. d. Pré-Escolar, *Qualidade e Projeto na Educação Pré-Escolar* (pp. 91-121). Lisboa: Editorial ME - DEB.
- Vasconcelos, T. (., Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., et al. (2012). Trabalhos por Projetos na Educação de Infância. In M. d. Direcção - Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, *Trabalho por Projetos na Educação de Infância: Mapear aprendizagens, Integrar Metodologias* (1ª ed., pp. 8-25). Lisboa: Ministério da Educação.
- Zabalza, M. A. (1998). Os dez aspectos-chave de uma educação infantil de qualidade. In M. A. Zabalza, *Qualidade em Educação Infantil* (pp. 49-62). São Paulo: ARTMED.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: ARTMED.

## **Anexos**

### **Anexo A – Sistema de Cotação da escala ECERS-R**

- Deve ser dada a cotação de 1 *se qualquer um* dos indicadores dessa cotação for registado com *Sim*.
- É dada a cotação de 2 quando todos os indicadores de 1 são registados com *Não* e, pelo menos, metade dos indicadores de 3 são registados com *Sim*.
- É dada a cotação de 3, quando todos os indicadores de 1 são registados com *Não* e todos os indicadores de 3 são registados com *Sim*.
- É dada a cotação de 4, quando são verificados todos os indicadores de 3 e, pelo menos, metade dos indicadores de 5 são registados com *Sim*.
- É dada a cotação de 5, quando todos os indicadores desta cotação são registados com *Sim*.
- É dada a cotação de 6, quando são verificados todos os indicadores de 5 e, pelo menos, metade dos indicadores de 7 são registados com *Sim*.
- É dada a cotação de 7, quando todos os indicadores desta cotação são registados com *Sim*.
- A cotação de NA (Não Aplicável) só pode ser utilizada para indicadores ou para itens na sua totalidade, quando a expressão "*NA permitido*" aparece na escala c na Folha de Cotação. Indicadores cotados com NA não são considerados para calcular a cotação do item; itens cotados com NA não são considerados para calcular a pontuação das subescalas ou da escala.
- Para calcular a pontuação média de cada subescala, devem ser somadas as cotações atribuídas aos itens dessa subescala, dividindo o resultado desta soma pelo número de itens cotados. A pontuação média global resulta da soma das cotações de todos os itens da escala dividida pelo número de itens cotados.

(Retirado de: *Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância – Edição Revista, 2008, p,10*)



## Anexo B - Escala de avaliação do Ambiente em Educação de Infância

**ECERS-R Folha de Perfil**

Jardim de Infância: São João Vedras Observação 1: m m / d a / a a  
 Educador/Sala: Raquel Marques Observação 2: m m / d a / a a

Observador: Diana Feliciano  
 Observador: Diana Feliciano

**I - Espaço e Mobiliário (1-8)**

Obs.1 4,5 Obs.2 5  
 pontuação média da subescala

**II - Rotinas / Cuidados Pessoais (9-14)**

5,83 5,33

**III - Linguagem / Raciocínio (15-18)**

6,75 6,75

**IV - Actividades (19-28)**

3,5 3,8

**V - Interação (29-33)**

6,8 7

**VI - Estrutura do Programa (34-37)**

5,75 5,25

**VII - Pais e Pessoal (38-43)**

NA NA

**Pontuações Médias das Subescalas**

5,9

**1 2 3 4 5 6 7**

1. Espaço interior  
 2. Mobiliário cuidados de rotina, brincadeiras e aprendizagem  
 3. Mobiliário para descanso e conforto  
 4. Arranjo da sala para actividades  
 5. Espaço de privacidade  
 6. Exposição de material relacionado com a criança  
 7. Espaço para motricidade global  
 8. Equipamento para actividades de motricidade global

9. Chegada/saída  
 10. Refeições/merendas  
 11. Sono/descanso  
 12. Uso da casa de banho / fraldas  
 13. Práticas de saúde  
 14. Práticas de segurança

15. Livros e imagens  
 16. Encorajar as crianças a comunicar  
 17. Uso da linguagem para desenvolver raciocínio  
 18. Uso informal da linguagem

19. Motricidade fina  
 20. Arte  
 21. Música/movimento  
 22. Blocos  
 23. Areia/água  
 24. Jogo dramático  
 25. Natureza/ciência  
 26. Matemática/número  
 27. Uso da televisão, vídeo e/ou computadores  
 28. Promover a aceitação da diversidade

29. Supervisão de actividades de motricidade global  
 30. Supervisão geral das crianças  
 31. Disciplina  
 32. Interações pessoal - criança  
 33. Interações entre crianças

34. Horário  
 35. Jogo livre  
 36. Tempo de grupo  
 37. Condições para crianças com incapacidades

38. Condições para pais  
 39. Condições para as necessidades individuais do pessoal  
 40. Condições para as necessidades profissionais do pessoal  
 41. Interação e cooperação entre o pessoal  
 42. Supervisão e avaliação do pessoal  
 43. Oportunidades para desenvolvimento pessoal

ESPAÇO E MOBILIÁRIO  
 ROTINAS / CUIDADOS PESSOAIS  
 LINGUAGEM / RACIOCÍNIO  
 ACTIVIDADES  
 INTERACÇÃO  
 ESTRUTURA DO PROGRAMA  
 PAIS E PESSOAL

*Não avaliado*

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

### Apêndices

#### Apêndice A – Planificações das atividades realizadas

Planificação: 29 e 30 de abril 2013			Grupo alvo: Pré-Escolar 3/4 anos				
Tema: Chegada do monstrinho à sala azul			Espaço: Sala Azul				
Áreas de Conteúdo		Conteúdos (Integrados nas OCPE'S e metas de aprendizagem)	Objetivos	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação (Critérios de Avaliação)
Área de Formação pessoal e Social		* Cidadania.	* Ser capaz de respeitar os elementos do grupo e as regras da sala; * Ser capaz de participar nas tarefas de grupo sugerindo e planeando.	* Acolhimento/Reunião de grande grupo; * Aparecimento do monstrinho e leitura da sua carta. O monstrinho aparece num sítio estratégico (a manta) onde as crianças possam explorá-lo e de modo que descubram a carta e esta seja lida; * Levantamento e escrita de perguntas para fazer ao monstrinho; * Lançar o desafio às crianças de responder ao monstrinho e de lhe perguntarem o que quiserem saber sobre ele;  * A carta do monstrinho sugere a plantação dos feijões por isso procedemos à sua plantação e registo onde se pretende que as crianças desenhem o feijão como está (respeitando o número de folhas) e depois construam uma torre com legos e contem o número de peças que precisem para construir a torre respeitando as cores e quantidades de legos da mesma. * Decidir quem leva o monstrinho para casa; * Brincadeiras nas áreas.	* Atividades a desenvolver durante a manhã.  <		

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

<div> <div>Planificação: 2 de maio 2013</div> <div>Tema: As regras que devemos respeitar para levar o monstinho para casa</div> </div> <div> <div>Grupo alvo: Pré-Escolar 3/4 anos</div> <div>Espaço: Sala Azul</div> </div>						
Áreas de Conteúdo		Conteúdos (Integrados nas OCPE'S e metas de aprendizagem)	Objetivos	Atividades/Estratégias	Tempo	Avaliação (Critérios de avaliação)
Área de Formação pessoal e Social		<ul style="list-style-type: none"> <li>* Autonomia;</li> <li>* Cooperação;</li> <li>* Convivência democrática/cidadania.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Ser capaz de cumprir as regras de convivência social;</li> <li>* Ser capaz de tomar atitudes responsáveis;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Acolhimento/Reunião de grupo;</li> <li>* Leitura da resposta do monstinho. O monstinho aparece com uma carta que responde ao que as crianças lhe perguntaram;</li> <li>* Leitura do diário do monstinho (a visita que fez à casa da educadora estagiária);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Atividades a realizar durante a manhã.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Perceber quem consegue organizar o trabalho tendo em conta o espaço que tem para desenhar;</li> <li>* Observar a criatividade (através dos pormenores) que cada um demonstra na sua criação do monstro;</li> </ul>
Área De Expressão e Comunicação	- Domínios das Expressões	* A expressão plástica como meio de representação e comunicação.	* Ser capaz de reproduzir um desenho à vista..	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Realização de um retrato do monstinho. Em pequenos grupos, sentados de frente para o monstinho, é pedido para desenharem o monstinho numa folha A3 o mais parecido que conseguirem;</li> <li>* Concurso/Eleição do desenho mais parecido com o monstinho. Todas as crianças se devem sentar de frente para o placar onde foram colocados os desenhos que fizeram do monstinho, será entregue a cada criança um autocolante (quadrado vermelho) para que colem (votem) no desenho que acham mais parecido com o monstinho;</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>* Humanos:</li> <li>* Educadora Cooperante;</li> <li>* Educadora Estagiária;</li> <li>* Assistente operacional;</li> <li>* Grupo de crianças.</li> <li>* Materiais:</li> <li>* Monstinho;</li> <li>* Carta do monstinho;</li> <li>* Folhas brancas A3;</li> <li>* Quadrados autocolantes;</li> <li>* Diário do monstinho.</li> </ul>
	- Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita	* Compreensão de discursos orais e interação verbal.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Ser capaz de usar a linguagem oral para se expressar;</li> <li>* Ser capaz de trocar ideias oralmente, ouvindo e falando.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Regras que devemos saber para podermos levar o monstinho para casa (o que podemos fazer/o que não podemos fazer). Em pequenos grupos, cada criança dita as regras que acha serem importantes para poderem levar o monstinho para casa. A educadora estagiária regista no diário do monstinho;</li> <li>* O monstinho irá passar uma noite em casa de cada criança, têm de o tratar bem e comportar-se exemplarmente. Este será um trabalho em parceria com a comunidade familiar promovendo uma interação escola/família. Junto com o monstinho irá um diário para que se registem como quiserem os momentos que partilharam fora do contexto escolar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Atividades a realizar durante a tarde.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Perceber quem tem mais facilidade de comunicação;</li> <li>* Desenvolver a atitude de responsabilidade nas crianças.</li> </ul>

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Planificação: 6 de maio 2013 Tema: Dar um nome ao monstrinho				Grupo alvo: Pré-Escolar 3/4 anos Espaço: Sala Azul			
Áreas de Conteúdo		Conteúdos (Integrados nas OCPE'S e metas de aprendizagem)	Objetivos	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação (Critérios de Avaliação)
Área de Formação pessoal e Social		* Autonomia; * Cooperação; * Convivência democrática/cidadania .	* Ser capaz de sugerir um nome para o monstrinho.	* Acolhimento/Reunião de grande grupo; * Conversa em grande grupo acerca da visita do monstrinho à casa do DZ. A criança mostra as fotografias ao grupo e fala sobre o que fizeram; * Leitura da letra de uma música para o monstro. O monstro aparece com a letra de uma música na barriga, sentados na manta vamos tentar encontrar um ritmo para a canção. A auxiliar estagiária canta para que as crianças ouçam;  * Decidir um nome para o monstrinho recorrendo a um jogo. Cada criança dará a sua opinião sobre o nome que quer dar ao monstrinho, posteriormente faremos um jogo com os nomes que as crianças disseram, faz-se um círculo para cada nome com uma linha (ou corda, ou fio). Cada criança coloca uma peça de lego dentro do círculo que pertence ao número que a criança gosta mais e quer dar ao monstrinho.	* Atividades a realizar durante a manhã;	<b>Humanos:</b> * Educadora Cooperante; * Educadora Estagiária; * Assistente operacional; * Grupo de crianças. <b>Materiais:</b> * Letra da canção; * Cordas; * Peças de lego.	* Observar a criatividade das crianças na atribuição de um nome ao monstrinho; * Observar o interesse demonstrado pelas crianças em iniciar este novo miniprojecto em conjunto com a família; * Observar o interesse que cada criança demonstra ao tentar cantar a canção; * Perceber quem consegue relacionar os conjuntos às respetivas quantidades.
Área De Expressão e Comunicação	- Domínios das Expressões	Expressão Musical * Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação – Interpretação e Comunicação.	Expressão Musical * Ser capaz de memorizar uma canção.		* Atividades a realizar durante a tarde.		
	- Domínio da Matemática	* Organização e Tratamento de Dados.	* Ser capaz de fazer contagem de objetos; * Comparar quantidades.				

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Planificação: 7 de maio 2013 Tema: Resolução de conflitos		Grupo alvo: Pré-Escolar 3/4 anos Espaço: Sala Azul				
Áreas de Conteúdo	Conteúdos (Integrados nas OCPE'S e metas de aprendizagem)	Objetivos	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação (Critérios de avaliação)
Área de Formação pessoal e Social	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Educação para os valores;</li> <li>* Cooperação;</li> <li>* Cidadania.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Ser capaz de ajudar os colegas a encontrar soluções para os problemas;</li> <li>* Ser capaz de revelar espírito crítico;</li> <li>* Ser capaz de refletir sobre o que fez;</li> <li>* Ser tolerante;</li> <li>* Ser capaz de cumprir regras de convivência social;</li> <li>* Ser capaz de gerir conflitos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Acolhimento/Reunião em grande grupo;</li> <li>* Resolução de conflitos com o monstinho. Os conflitos vão acontecendo e os bilhetinhos vão sendo colocados na barriga do monstinho sem que as crianças vejam. No momento de reunião de grande grupo antes da hora de almoço vamos ver se o monstinho tem algo para nos dizer;</li> <li>* Brincadeiras nas áreas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Atividades a realizar durante a manhã.</li> <li>* Atividade a realizar durante a tarde.</li> </ul>	<b>Humanos:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Educadora Cooperante;</li> <li>* Educadora Estagiária;</li> <li>* Assistente operacional;</li> <li>* Grupo de crianças;</li> <li>* Grupo de bailarinas.</li> </ul> <b>Materiais:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Monstinho;</li> <li>* Caderno de registos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Observar se as crianças envolvidas nos conflitos encontram formas de os gerir e se aceitam as propostas dos amigos;</li> <li>* Observar o interesse que as crianças demonstram durante a apresentação do espetáculo de ballet;</li> <li>* Perceber quem tem mais dificuldade em comunicar em grande grupo.</li> </ul>
Área De Expressão e Comunicação	- Domínios das Expressões	Dança <ul style="list-style-type: none"> <li>* Compreensão das artes no contexto – Fruição e contemplação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Ser capaz de assistir a um espetáculo ao vivo de ballet em silêncio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Demonstração de ballet. Com as crianças da instituição que frequentam esta atividade extracurricular.</li> <li>* Brincadeiras nas áreas.</li> </ul>		
	- Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Interação verbal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Ser capaz de usar a linguagem oral para se expressar;</li> <li>* Ser capaz de relatar experiências diárias;</li> <li>* Ser capaz de responder a uma pergunta com uma explicação;</li> <li>* Ser capaz de participar nos registos escritos.</li> </ul>			

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Planificação: 14 de maio 2013 Tema: “Quem dá um abraço ao Martim?”				Grupo alvo: Pré-Escolar 3/4 anos Espaço: Sala Azul		
Áreas de Conteúdo		Conteúdos (Integrados nas OCPE’S e metas de aprendizagem)	Objetivos	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação (Critérios de avaliação)
Área de Formação pessoal e Social		* Cooperação; * Convivência Democrática/Cidadania;	* Ser capaz de ter iniciativa; * Ser capaz de avaliar e refletir; * Ser capaz de cumprir regras de convivência social.	* Acolhimento/Reunião de grande grupo; * Conversa sobre o que o monstrinho fez na casa da MS; * Leitura e exploração da história: “Quem dá um abraço ao Martim?”	<b>Humanos:</b> * Educadora Cooperante; * Educadora Estagiária; * Assistente operacional; * Grupo de crianças. <b>Materiais:</b> * Monstrinho; * Diário do Monstrinho; * Livro da história: “Quem dá um abraço ao Martim?” * Imagens de abraços	* Perceber se todas as crianças são capazes de manifestar a sua opinião, bem como sentimentos e emoções; * Observar se todos já sabem cantar a música do monstrinho; * Observar se todos realizam os movimentos (abraços) solicitados; * Perceber quem compreendeu o que ouviu ler; * Analisar o empenho das crianças em realizar a atividade.
Área De Expressão e Comunicação	- Domínios das Expressões	Expressão Musical: * Interpretação de uma música;  Dança  Expressão Motora: * Jogos	Expressão Musical: * Ser capaz de cantar canções; * Ser capaz de cantar em grupo; * Ser capaz de estar concentrado; Expressão Motora: * Ser capaz de cumprir as regras do jogo; * Ser capaz de executar os movimentos solicitados.	* Jogo dos abraços no ginásio. Um jogo muito parecido com o jogo das cadeiras, as crianças dançam por todo o ginásio ao som da música, quando a música pára, têm de tomar atenção e ouvir o abraço que é solicitado. Se as crianças já não se lembrarem de como se faz o abraço é mostrada uma imagem; * Conversa sobre qual o abraço que gostaram mais em grande grupo; * Ensaio de uma dança para a música do monstrinho em grande grupo no ginásio.		
	- Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita	* Compreensão do discurso oral;	* Ser capaz de responder a perguntas demonstrando que compreendeu o que ouviu ler.			

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Planificação: 20 de maio 2013 Tema: Uma história inventada		Grupo alvo: Pré-Escolar 3/4 anos Espaço: Sala Azul				
Áreas de Conteúdo	Conteúdos (Integrados nas OCPE'S e metas de aprendizagem)	Objetivos	Atividades/Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação (Critérios de avaliação)
Área de Formação pessoal e Social	* Convivência Democrática/ Cidadania	* Saber identificar atitudes incorretas e propor soluções a tal.	* Acolhimento/reunião de grande grupo; * Leitura da história “Grunxo e o Roncão”;	* Atividades a realizar durante todo o dia 20.	<b>Humanos:</b> * Educadora Cooperante; * Educadora Estagiária; * Assistente operacional; * Grupo de crianças. <b>Materiais:</b> * Livro “Grunxo e Roncão”; * Marcadores; * Lápis de cor; * Folhas A <sub>4</sub> brancas.	* Observar se as crianças conseguem explicar o porquê de certas atitudes serem incorretas; * Analisar o empenho que cada criança aplica na execução do que lhe é pedido; * Observar se as crianças percebem a função dos registos que escrevo na história inventada; * Observar a criatividade das crianças nos desenhos da história; * Observar se as crianças distinguem as diferenças entre as duas histórias.
Área De Expressão e Comunicação	- Domínios das Expressões	* Expressão Plástica * Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação – Produção e Criação	* Exploração da história: * Construção de uma nova história a partir da história que ouviram anteriormente, esta nova história terá de valorizar as atitudes corretas que o “Troll” deve ter para com os outros;			
	- Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita	* Ser capaz de usar a linguagem oral para se expressar; * Ser capaz de interpretar imagens; * Ser capaz de perceber as normas convencionais da língua escrita bem como a sua função; * Ser capaz de descrever a história com a sequência apropriada; * Ser capaz de identificar diferenças nas duas histórias.	* Continuação da construção da nova história; * Novamente a leitura da história original e depois da criada pelas crianças; * Em grande grupo, comparação entre ambas as histórias;  * Decisão em grande grupo do título para a história criada pelas crianças; * Desenho da capa do livro; * Brincadeiras nas áreas.			

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Planificação: 20 de maio 2013 Tema: Uma história inventada				Grupo alvo: Pré-Escolar 3/4 anos Espaço: Sala Azul			
Áreas de Conteúdo		Conteúdos (Integrados nas OCPE'S e metas de aprendizagem)	Objetivos	Atividades/Estratégias	Recursos	Tempo	Avaliação (Critérios de avaliação)
Área de Formação pessoal e Social		* Convivência Democrática/Cidadania	* Saber identificar atitudes incorretas e propor soluções a tal.	*Continuação da construção de uma nova história a partir da história que ouviram anteriormente, esta nova história terá de valorizar as atitudes corretas que o “Troll” deve ter para com os outros; * Em grande grupo: leitura da história original e depois leitura da nova história, comparação entre as duas histórias, conversa sobre as diferenças entre ambas.  * Brincadeiras nas áreas e no recreio.	<b>Humanos:</b> * Educadora Cooperante; * Educadora Estagiária; * Assistente operacional; * Grupo de crianças. <b>Materiais:</b> * Livro “Grunxo e Roncão”; * Marcadores; * Lápis de cor; * Folhas A <sub>4</sub> brancas.	* Atividades a realizar durante a manhã.  * Atividades a realizar durante a tarde.	* Observar se as crianças conseguem explicar o porquê de certas atitudes serem incorretas; * Analisar o empenho que cada criança aplica na execução do que lhe é pedido; * Observar se as crianças percebem a função dos registos que escrevo na história inventada; * Observar a criatividade das crianças nos desenhos da história; * Perceber se as crianças distinguem as diferenças entre as duas histórias.
Área De Expressão e Comunicação	- Domínios das Expressões	Expressão Plástica * Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação – Produção e Criação	* Saber expressar-se através das suas produções; * Representa algumas figuras com alguns pormenores.				
	- Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita	*Conhecimento das Convenções Gráficas; * Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal.	* Ser capaz de usar a linguagem oral para se expressar; * Ser capaz de interpretar imagens; * Ser capaz de perceber as normas convencionais da língua escrita bem como a sua função; * Ser capaz de identificar diferenças nas duas histórias.				



**Apêndice B – Avaliação feita através da observação direta, de registos fotográficos e escritos das atividades realizadas**

- **Observação direta da reação da chegada do monstinho à sala.**

No momento da chegada do monstinho à sala as crianças ficaram muito curiosas com ele e queriam todas mexer-lhe, era o que se pretendia, que o explorassem livremente até descobrirem a carta que vinha na sua barriga. Não foi o que aconteceu, observei que as crianças não estavam a ter cuidado com o monstinho, atirando-o ao ar, puxando-lhe pelos braços, pelas pestanas,... e seria necessário conversar com as crianças acerca do monstinho para que isto não voltasse a acontecer.

- **Observação direta de uma atividade de desenho**

Enquanto as crianças desenhavam o monstinho pude observar que poucas crianças desenhavam com pormenores e também poucas conseguiram organizar o seu trabalho tendo em conta o espaço que tinham para desenhar, ou faziam o desenho grande demais ou então pequeno demais.

- **Registo escrito das observações das crianças relativamente aos desenhos do monstinho**

Apresento de seguida as críticas que as crianças fizeram aos desenhos dos colegas:

**Criança VR:** “O teu desenho é muito pequenino, mas o monstro é muito grande!”

**Criança DG:** “Eu fiz o coração da barriga, dois braços ali (direita), dois braços ali (esquerda), as pestanas, os pés que parecem corações e os botões!”

**Criança MP:** “Mas o coração não tem aquelas cores olha!”

**Criança MD:** “E as mãos também não!”

**Criança LV:** “O da SV é preto e roxo, ó SV o monstro não é preto!”

**Criança SV:** “Eu fiz como eu sei!”

**Criança TV:** “Eu fiz com cabelos castanhos!”

**Criança DG:** “O meu é o mais parecido!”

**Criança LC:** “O teu tem os dentes tortos!”

**Criança MS:** “Não tem nada, é assim que ele é, olha!”

Através destas observações consegui perceber que as crianças sabem identificar o que ficou mal naqueles desenhos para que não ficasse igual.

- **Registo das questões que as crianças colocaram na carta ao monstinho**

**Criança IT:** “Ele tem uma namorada?”

**Criança IT:** “Vamos dizer para ele portar-se bem!”

**Criança MS:** “Vamos dizer para ele não roubar os brinquedos aos amigos!”

**Criança DG:** “Ouvir muito bem e aprender muito bem.”

**Criança FP:** “Raquel, os monstros vivem aonde?”

**Criança MS:** “Na floresta.”

**Criança MP:** “Na selva.”

**Criança AA:** “Sentado a portar-se bem.”

**Criança DG:** “Eu quero saber o nome dele.”

**Criança VR:** “Eu quero saber se ele é a sério.”

**Assistente Operacional Filipa:** “Eu quero saber o que é que ele faz em casa para se portar mal?”

**Criança IT:** “Quero saber se ele é mal-educado!”

**Criança LC:** “Os monstros comem flores?”

**Criança IT:** “Quero saber se ele vai a casa dos amigos brincar.”

**Criança DG:** “Quero saber se ele almoça, janta e dorme em casa dos amigos.”

**Criança IT:** “Quero saber se ele pode trazer brinquedos e empresta aos amigos.”

**Criança DG:** “Posso levar o monstro para casa para ele tomar conta de mim?”

**Educadora Estagiária:** “Para casa? Temos de lhe perguntar se ele quer ir, não o podemos levar sem ele dizer que sim. Imagina que ele depois chora durante a noite...o que fazemos?”

**Criança MP:** “Damos-lhe uma chucha!”

**Criança IT:** “Ele faz os trabalhos que a professora manda?”

- **Registo das regras que devemos respeitar para levar o monstinho para casa para avaliar as crianças no que diz respeito à responsabilidade.**

Apresento de seguida as regras estabelecidas pelas crianças:

#### **O QUE PODEMOS FAZER COM O MONSTRO:**

**Criança MS:** “Podemos brincar.”

**Criança VR:** “Podemos fazer festinhas.”

**Criança SV:** “Ele vai ensinar os meninos a dançar.”

**Criança MA:** “Podemos abraçar, podemos dar beijinhos. Podemos ficar com ele todo o dia em casa quando é domingo e sábado, podemos brincar e podemos dar comer a ele.”

**Criança SV:** “Podemos fazer uma cama no nosso quarto. E podemos dormir com ele.”

**Criança MA:** “Ficar um bocadinho com ele e conversar com ele.”

**Criança PS:** “Pedir ao pai e à mãe para ler uma história para nós.”

**Criança DZ:** “Podemos passear com ele.”

**Criança AA:** “Podemos ir passear ao parque.”

#### **O QUE NÃO PODEMOS FAZER AO MONSTRO:**

**Criança FP:** “Não puxar a barriga!”

**Criança MS:** “Não puxar os olhos.”

**Criança FP:** “Nem estragar.”

**Criança GS:** “Nem zangar!”

**Criança DG:** “Não estragar o monstro!”

**Criança AP:** “Não fazer mal ao monstro.”

**Criança LV:** “Não se pode bater ao monstro.”

**Criança FP:** “Não se pode cuspir.”

**Criança MS:** “Não se pode tirar o boneco do monstro para ele dormir.”

**Criança RP:** “Não se pode puxar os braços do monstro.”

**Criança SV:** “Não se pode puxar os dentes do monstro senão fica estragado e ele é tão fofinho.”

**Criança MD:** “E depois vai ao dentista. Não se puxa a crista do monstro.”

**Criança PS:** “Não podemos deixar o monstro sozinho.”

**Criança DZ:** “ Não podemos gritar com ele.”

**Criança TV:** “Não podemos rasgá-lo!”

**Criança AA:** “Não podemos dar comer senão fica sujo.”

- **Registo escrito de um momento de reflexão acerca de uma história lida (“Grunxo e Roncão”)**

Refletir sobre comportamentos de duas personagens de uma história foi outra estratégia que utilizei para levar as crianças a pensar nos bons e maus momentos comportamentos.

Após a história comecei a fazer perguntas:

**Ed. Estagiária:** “Esta história fala de quem?”

**Criança DG:** “De dois monstros!”

**Ed. Estagiária:** “E a história acontece em que dia?”

**Criança GS:** “Terça-Feira!”

**Criança MS:** “O Grunxo tem sempre ranhocas verdes no nariz!”

**Criança AM:** “E a casa dele está sempre suja, deve cheirar mal.”

**Ed. Estagiária:** “E de que é que o Grunxo não gosta?”

**Todos:** “De festas!”, “De terças-feiras!”, “De visitas!”

**Ed. Estagiária:** “Ele rasgou um convite, acham que ele fez bem?”

**Todos:** “Não!”

**Criança DG:** “Ele foi comer minhocas!”

**Ed. Estagiária:** “Entretanto ele foi para a cidade que era o sítio perfeito para quê?”

**Criança AM:** “Para passear!”

**Criança MS:** “Para assustar os gatos!”

**Criança VR:** “Para portar mal!”

**Criança AA:** “Pôs o carteiro sem coiso (selo) nem nada, olha até ficou as encomendas no chão.”

**Criança MS:** “Tirou o boneco ao bebé e pôs nas calças.”

**Criança IT:** “ Saltou na lama, eu gosto de saltar na água com as minhas botas da chuva!”

**Criança TV:** “Assustou os gatos!”

**Criança DG:** “Até ficou um ali em cima olha! Agora têm de ir lá os bombeiros!”

**Ed. Estagiária:** “Acham que é assim que nos devemos comportar?”

**Todos:** “Não!”

**Ed. Estagiária:** “O carteiro disse “Boa tarde”, o que é que o Grunxo devia ter feito?”

**Criança RP:** “Devia dizer olá!”

**Ed. Estagiária:** “O Grunxo ficou contente por encontrar uma visita no jardim não ficou? O que é que ele fez?”

**Criança MS:** “Ficou furiooooooso!”

**Criança DZ:** “E rebentou os balões todos!”

**Criança FP:** “Fez assim: poc, poc, poc (gesticula)!”

**Criança AM:** “Eram do Roncão!”

**Ed. Estagiária:** “Não se faz pois não? Como é que vocês ficavam se fosse alguém à vossa festa e rebentasse todos os balões?”

**Criança AM:** “Eu ficava triste!”

**Criança DG:** “Eu também!”

**Criança SV:** “O Roncão ficou!”

**Ed. Estagiária:** “Nesta festa houve uma guerra de comida...isso faz-se? Porquê?”

**Criança MA:** “A minha mãe diz que não se pode porque há muitos meninos com muita fome!”

**Criança FP:** “A minha diz que ficamos todos sujos!”

**Criança IT:** “Pois é, às vezes ficamos sujos de sopa mas não fazemos guerras, pois não?”

**Ed. Estagiária:** “Mas depois o Grunxo provou um bolo e gostou muito não foi? Então o que aconteceu depois?”

**Criança DG:** “Brincaram aos amigos!”

**Criança MS:** “Tiraram ranhocas verdes do nariz!”

**Criança MS:** “Brincaram às batotas!”

**Criança LC:** “E fugiram do sol!”

**Ed. Estagiária:** “Mas chegou um dia em que o Roncão foi embora...porque é que ele foi embora?”

**Criança AA:** “Porque ele ia sempre às terças-feiras.”

**Criança AM:** “Porque ninguém disse para ele ficar.”

**Ed. Estagiária:** “E depois o que aconteceu?”

**Criança MD:** “O Grunxo correu atrás dele! Procurou em baixo das pedras e correu!”

**Criança AM:** “E depois encontrou.”

**Criança DG:** “E começaram a rir!”

**Ed. Estagiária:** “Ficaram amigos?”

**Criança MS:** “Sim, ficaram amigos para sempre!”

**Criança AA:** “Na casa do Grunxo.”

**Criança DG:** “A comer minhocas.”

**Ed. Estagiária:** “E o que é que eles continuaram sem fazer?”

**Criança MD:** “Não puxaram o autoclismo!”

**Criança MS:** “Nem lavaram a loiça, nem a banheira, as paredes estão muito sujas.”

**Criança DG:** “E não lavavam os dentes!”

**Ed. Estagiária:** “E agora às terças-feiras...”

**Criança GS:** “Festa!”

**Ed. Estagiária:** “É o dia em que fazem a sua festa, muito bem! Então agora, que me dizem, querem inventar uma história?”

**Todos:** “Sim!”

**Criança GS:** “Qual?”

**Ed. Estagiária:** “E se fizéssemos esta história que acabei de vos contar mas onde o Grunxo se porta bem?”

**Todos:** “Sim!”

Para a realização desta atividade foi necessário trabalhar com duas crianças de cada vez para poder dar-lhes o apoio necessário. As primeiras crianças ainda não tinham percebido muito bem o que era pretendido por isso tive de fazer algumas perguntas para que chegassem ao pretendido, por exemplo: “Se na outra história ele não gostava de terças-feiras, não gostava de visitas e não gostava de festas, na nossa história tem de ser ao contrário, como é que seria?”, para as crianças seguintes já foi mais fácil pois contava e mostrava o que os colegas já tinham feito.

Entretanto, depois da nova história terminada, lemos novamente a história original e depois a nova história de modo a conseguirmos fazer comparações entre ambas. Apresento de seguida os registos escritos das comparações feitas pelas crianças:

**Criança AM:** “Na outra história ele porta-se mal!”

**Criança IT:** “Ele já gosta de festas nesta!”

**Criança FP:** “Ele gosta do amigo aqui!”

**Criança DG:** “Ele não faz mal aos bebés na rua!”

**Criança BJ:** “Brinca com os amigos!”

**Criança LC:** “Vai ver as borboletas com os amigos!”

**Criança AA:** “Na outra, naquela (aponta) ele não tinha amigos!”

**Criança AM:** “E tinha tudo sujo!”

**Criança MA:** “Ele já não cheira mal pois não? Nesta (aponta)?”

- **Registo de observação direta no “jogo dos abraços”**

A partir da observação direta no decorrer do jogo pude observar que as crianças não estavam a respeitar as regras, então foi necessário parar, conversar e recomeçar o jogo. Correu muito melhor, aqui pretendia-se que as crianças se abraçassem umas às outras, era como que uma terapia de grupo. Assim, as crianças divertiram-se cooperando umas com as outras.

Consegui perceber que estas crianças não estão habituadas a abraçar-se nem a este tipo de atividades.

**Apêndice C – Grelhas de avaliação aplicadas às crianças**

Criança AM								
Parâmetros de avaliação	Avaliação realizada em Março				Avaliação realizada em Junho			
	NO	ANR	R	RC	NO	ANR	R	RC
1. Demonstra confiança a falar num grupo que lhe é familiar.				X				X
2. Coopera com duas ou três crianças numa atividade.			X				X	
3. Procura o adulto para resolver os problemas.		X					X	
4. Colabora com os colegas para a resolução de problemas (independentemente, verbalizando e negociando ou recorrendo a outros meios socialmente aceites).		X					X	
5. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.			X					X
6. Participa nas reflexões verbalizando sobre atitudes tomadas em sala.				X				X
Observações								
Esta criança em Março já demonstrava saber quais as atitudes aceitáveis ou não, pois verbalizava acerca delas, contudo quando surgia um conflito em que se sentia prejudicado, não recorria aos adultos nem a uma negociação, partia imediatamente para agressão física ou verbal. Em Junho já apresenta alguma evolução em relação à resolução dos problemas, procurando conversar para resolver um problema.								
Legenda: RC – Revela Completamente R – Revela ANR – Ainda Não Revela NO – Não Observável								



Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Criança LC								
Parâmetros de avaliação	Avaliação realizada em Março				Avaliação realizada em Junho			
	NO	ANR	R	RC	NO	ANR	R	RC
1. Demonstra confiança a falar num grupo que lhe é familiar.			X					X
2. Cooperar com duas ou três crianças numa atividade.		X						X
3. Procura o adulto para resolver os problemas.		X					X	
4. Colabora com os colegas para a resolução de problemas (independentemente, verbalizando e negociando ou recorrendo a outros meios socialmente aceites).		X					X	
5. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.			X					X
6. Participa nas reflexões verbalizando sobre atitudes tomadas em sala.			X					X
Observações								
Em Março esta criança revelava confiança a falar perante o grupo, por ter um sentido de liderança muito forte tinha alguma dificuldade em cooperar com os colegas o que melhorou ao longo do projeto.								
Legenda: RC – Revela Completamente R – Revela ANR – Ainda Não Revela NO – Não Observável								

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Criança BJ								
Parâmetros de avaliação	Avaliação realizada em Março				Avaliação realizada em Junho			
	NO	ANR	R	RC	NO	ANR	R	RC
1. Demonstra confiança a falar num grupo que lhe é familiar.			X					X
1. Cooperar com duas ou três crianças numa atividade.		X						X
2. Procura o adulto para resolver os problemas.		X						X
3. Colabora com os colegas para a resolução de problemas (independentemente, verbalizando e negociando ou recorrendo a outros meios socialmente aceites).		X						X
4. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.		X					X	
5. Participa nas reflexões verbalizando sobre atitudes tomadas em sala.			X					X
Observações								
Esta criança em Março apresentava alguma dificuldade em relacionar-se com os colegas, mas em Junho notou-se uma enorme evolução não só passou a recorrer ao adulto para solucionar os problemas como por vezes também tentava resolver com os colegas. As suas brincadeiras passaram a ser muito mais pacíficas.								
Legenda: RC – Revela Completamente R – Revela ANR – Ainda Não Revela NO – Não Observável								

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Criança FP								
Parâmetros de avaliação	Avaliação realizada em Março				Avaliação realizada em Junho			
	NO	ANR	R	RC	NO	ANR	R	RC
1. Demonstra confiança a falar num grupo que lhe é familiar.				X				X
2. Cooperar com duas ou três crianças numa atividade.			X					X
3. Procura o adulto para resolver os problemas.		X					X	
4. Colabora com os colegas para a resolução de problemas (independentemente, verbalizando e negociando ou recorrendo a outros meios socialmente aceites).		X					X	
5. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.			X					X
6. Participa nas reflexões verbalizando sobre atitudes tomadas em sala.				X				X
Observações								
Em Março esta criança fazia algumas birras, querendo levar sempre a sua opinião para a frente. Ao longo do desenrolar do projeto as suas atitudes melhoraram, mas ainda assim tem alguma dificuldade em colaborar com os colegas sendo necessária a intervenção do adulto para ajudar a refletir.								
Legenda: RC – Revela Completamente R – Revela ANR – Ainda Não Revela NO – Não Observável								

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Criança DZ								
Parâmetros de avaliação	Avaliação realizada em Março				Avaliação realizada em Junho			
	NO	ANR	R	RC	NO	ANR	R	RC
1. Demonstra confiança a falar num grupo que lhe é familiar.		X						X
2. Cooperava com duas ou três crianças numa atividade.			X					X
3. Procura o adulto para resolver os problemas.			X					X
4. Colabora com os colegas para a resolução de problemas (independentemente, verbalizando e negociando ou recorrendo a outros meios socialmente aceites).		X						X
5. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.				X				X
6. Participa nas reflexões verbalizando sobre atitudes tomadas em sala.			X					X
Observações								
<p>No primeiro momento de avaliação esta criança mostrava-se muito sensível, com pouca confiança, cooperava com as outras crianças mas se havia algum problema ou chorava ou sujeitava-se ao que os outros diziam. Nota-se uma grande evolução neste aspeto, passou a por vezes recorrer ao adulto e outras vezes a resolver independentemente com os colegas.</p>								
<p>Legenda:</p> <p>RC – Revela Completamente</p> <p>R – Revela</p> <p>ANR – Ainda Não Revela</p> <p>NO – Não Observável</p>								

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Criança PS								
Parâmetros de avaliação	Avaliação realizada em Março				Avaliação realizada em Junho			
	NO	ANR	R	RC	NO	ANR	R	RC
1. Demonstra confiança a falar num grupo que lhe é familiar.		X					X	
2. Cooperar com duas ou três crianças numa atividade.			X				X	
3. Procura o adulto para resolver os problemas.		X					X	
4. Colabora com os colegas para a resolução de problemas (independentemente, verbalizando e negociando ou recorrendo a outros meios socialmente aceites).		X					X	
5. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.			X				X	
6. Participa nas reflexões verbalizando sobre atitudes tomadas em sala.		X					X	
Observações								
Esta era uma criança muito isolada, falava muito pouco e por isso tinha muitas dificuldades em expressar-se, assim quando haviam conflitos não tentava resolver com as colegas nem recorria ao adulto. Entretanto começou a verbalizar sentimentos com os adultos da sala e depois gradualmente começou a ser-lhe mais fácil falar perante o grupo mas apenas quando solicitada pelo adulto.								
Legenda: RC – Revela Completamente R – Revela ANR – Ainda Não Revela NO – Não Observável								

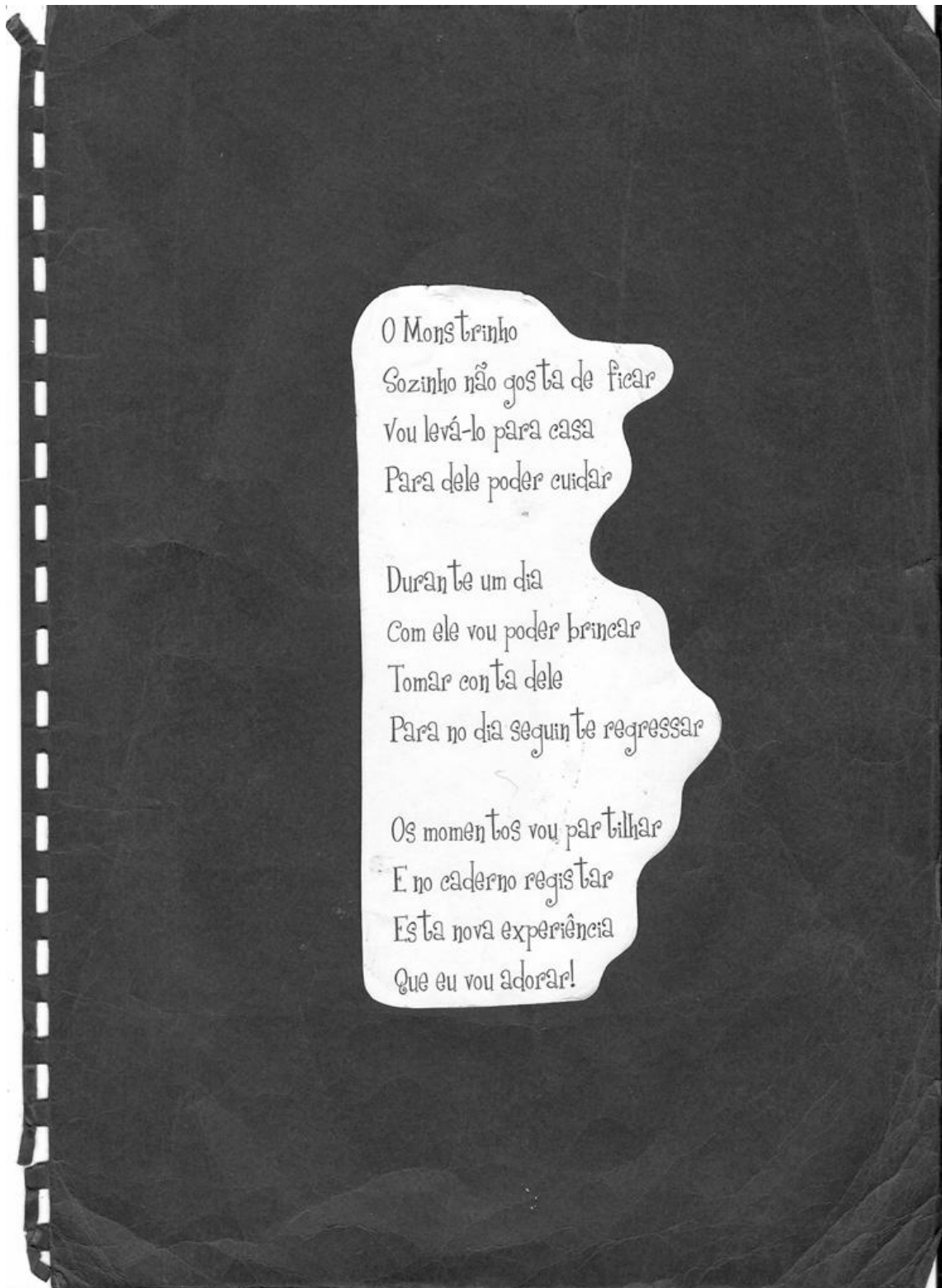
Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Criança MA								
Parâmetros de avaliação	Avaliação realizada em Março				Avaliação realizada em Junho			
	NO	ANR	R	RC	NO	ANR	R	RC
1. Demonstra confiança a falar num grupo que lhe é familiar.				X				X
2. Coopera com duas ou três crianças numa atividade.			X					X
3. Procura o adulto para resolver os problemas.		X					X	
4. Colabora com os colegas para a resolução de problemas (independentemente, verbalizando e negociando ou recorrendo a outros meios socialmente aceites).		X						X
5. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.			X					X
6. Participa nas reflexões verbalizando sobre atitudes tomadas em sala.				X				X
Observações								
No primeiro momento de avaliação esta criança recorria às birras para resolver os seus conflitos quer com os amigos, a educadora ou os próprios pais. Em Junho nota-se uma evolução favorável contudo ainda tem alguma dificuldade em expressar os seus sentimentos de um modo socialmente aceitável.								
Legenda: RC – Revela Completamente R – Revela ANR – Ainda Não Revela NO – Não Observável								

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

Criança DG								
Parâmetros de avaliação	Avaliação realizada em Março				Avaliação realizada em Junho			
	NO	ANR	R	RC	NO	ANR	R	RC
1. Demonstra confiança a falar num grupo que lhe é familiar.				X				X
2. Cooperava com duas ou três crianças numa atividade.			X					X
3. Procura o adulto para resolver os problemas.		X					X	
4. Colabora com os colegas para a resolução de problemas (independentemente, verbalizando e negociando ou recorrendo a outros meios socialmente aceites).		X					X	
5. A criança demonstra consciência dos sentimentos dos outros.			X					X
6. Participa nas reflexões verbalizando sobre atitudes tomadas em sala.				X				X
Observações								
Esta criança em Março cooperava com outras crianças mas acabava sempre por resultar um conflito, quando as coisas não corriam ao seu jeito. Em junho notou-se uma evolução também graças ao monstinho que como ele disse um dia ele via tudo e por isso ele tinha de se portar bem.								
Legenda: RC – Revela Completamente R – Revela ANR – Ainda Não Revela NO – Não Observável								

**Apêndice D – Diário do Monstrinho**





Olá crianças,  
como devem ter reparado, na terça-feira  
à tarde "desapareci". Pois é, como na noite anterior  
fiquei tão sozinho aqui, decidi saltar para  
dentro do saco da Diana enquanto ela se pre-  
parava para ir embora. A meio do caminho a  
Diana achou que o saco estava um pouco pesa-  
do e espreitou lá para dentro e lá estava eu.  
A Diana colocou-me às costas e lá fomos nós.  
Querem saber onde fomos? À escola onde a Diana  
trabalha! Até tirámos uma fotografia:



Foi uma visita muito rápida, logo a seguir eu já estava sentadinho no carro e com o cinto de segurança para irmos até Odivelas, parece que é um sítio muito perto de Lisboa!

Também fiquei a saber o que é uma auto-estrada!

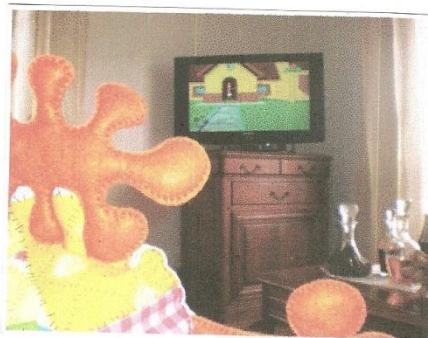


Esta auto-estrada chama-se A8!





Entretanto chegámos à escola onde a Diana estuda, e também tirámos uma fotografia!



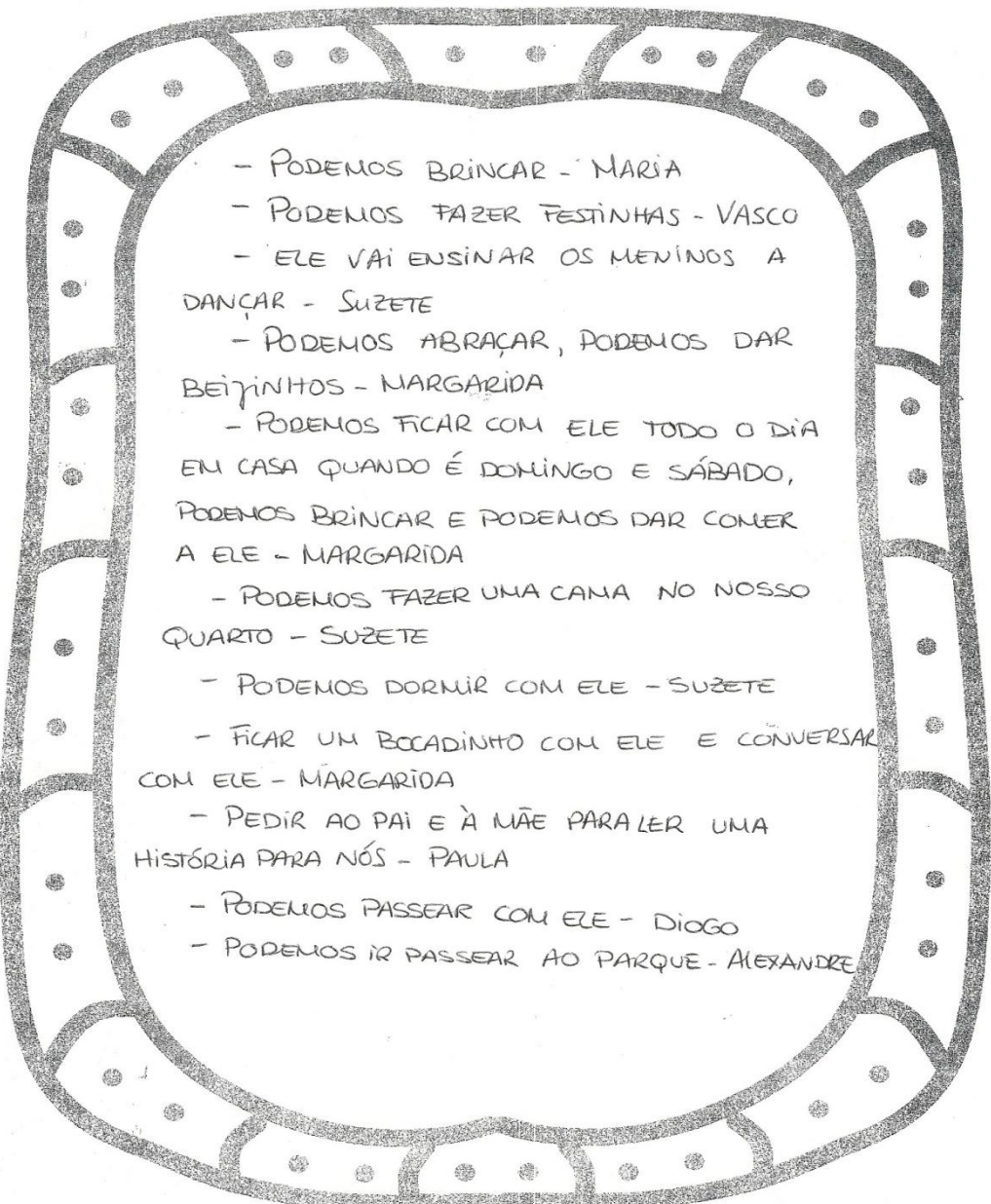
Ontem não fizemos muita coisa, enquanto a Diana estudava eu vi televisão. Mais tarde ajudei a Diana a construir um diário para

vocês registarem tudo o que acharem importante ou aprender!




Ontem também tive de ir ao hospital, tivé-  
mos de coser a minha barriga, vocês têm de  
ter mais cuidado comigo, se calhar é melhor  
combinarmos algumas regras.

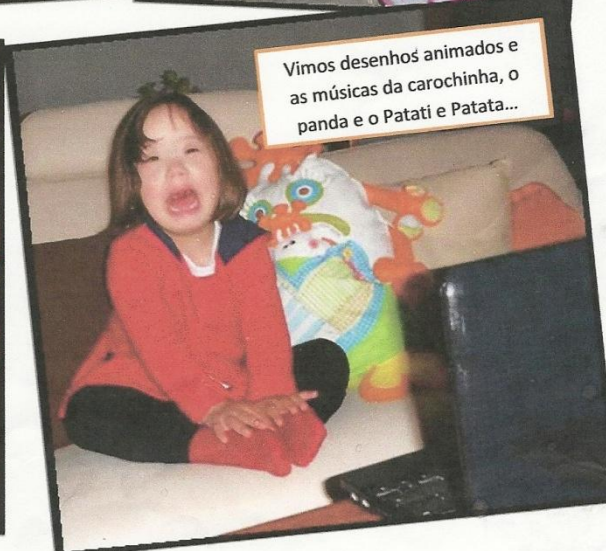
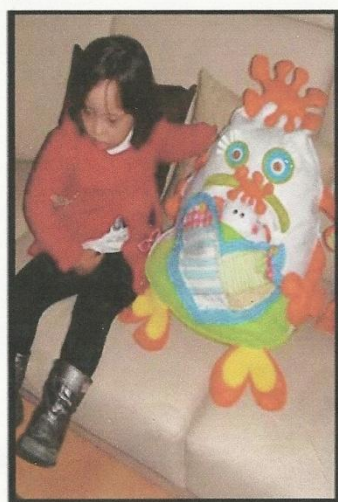
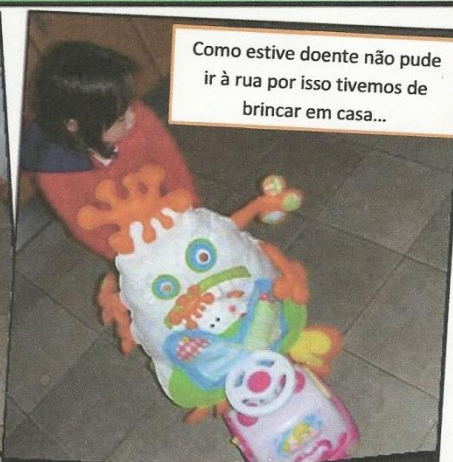
## O QUE PODEMOS FAZER COM O MONSTRO:

- 
- PODEMOS BRINCAR - MARIA
  - PODEMOS FAZER FESTINHAS - VASCO
  - ELE VAI ENSINAR OS MENINOS A DANÇAR - SUZETE
  - PODEMOS ABRAÇAR, PODEMOS DAR BEIJINHOS - MARGARIDA
  - PODEMOS FICAR COM ELE TODO O DIA EM CASA QUANDO É DOMINGO E SÁBADO, PODEMOS BRINCAR E PODEMOS DAR COMER A ELE - MARGARIDA
  - PODEMOS FAZER UMA CAMA NO NOSSO QUARTO - SUZETE
  - PODEMOS DORMIR COM ELE - SUZETE
  - FICAR UM BOCADINHO COM ELE E CONVERSAR COM ELE - MARGARIDA
  - PEDIR AO PAI E À MÃE PARA LER UMA HISTÓRIA PARA NÓS - PAULA
  - PODEMOS PASSEAR COM ELE - DIOGO
  - PODEMOS IR PASSEAR AO PARQUE - ALEXANDRE



## O QUE NÃO PODEMOS FAZER AO MONSTRO:

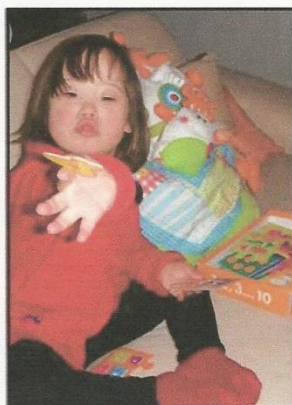
- 
- NÃO PUXAR A BARRIGA - FRANCISCO
  - NÃO PUXAR OS OLHOS - MARIA
  - NEM ESTRAGAR - FRANCISCO
  - NEM ZANGAR - GONÇALO
  - NÃO ESTRAGAR O MONSTRO - DUARTE
  - NÃO FAZER MAL AO MONSTRO - ANTON
  - NÃO SE PODE BATER AO MONSTRO - WIKENY
  - NÃO SE PODE CUSPIR - FRANCISCO
  - NÃO SE PODE TIRAR O BONECO DO MONSTRO PARA ELE DORMIR - MARIA
  - NÃO SE PODE PUXAR OS BRAÇOS DO MONSTRO - RITA
  - NÃO SE PODE PUXAR OS DENTES DO MONSTRO SENÃO FICA ESTRAGADO E ELE É TÃO FOFINHO - SUZETE
  - E DEPOIS VAI AO DENTISTA - MADALENA
  - NÃO SE PUXA A CRISTA DO MONSTRO - MADALENA
  - NÃO PODEMOS DEIXAR O MONSTRO SOZINHO - PAULA
  - NÃO PODEMOS GRITAR COM ELE - DIOGO
  - NÃO PODEMOS RASGÁ-LO - TIAGO
  - NÃO PODEMOS DAR COMER SENÃO FICA MALUJO - ALEXANDRE







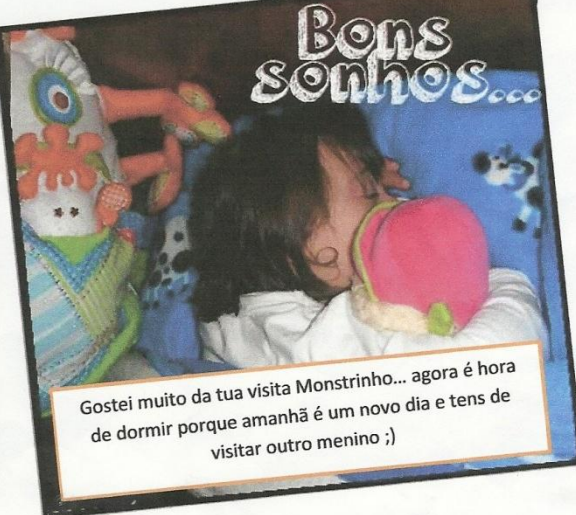
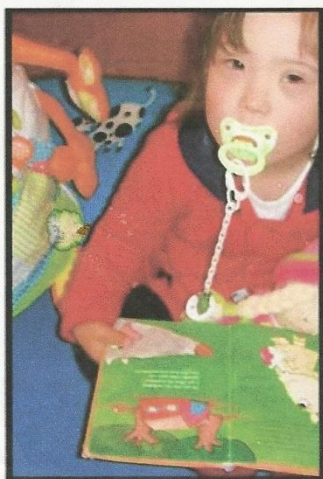
Jogamos muitos jogos,  
principalmente o meu favorito:  
o jogo dos números...☺



E assim aprendemos a  
contar!!!



No final do dia lemos  
sempre uma história...



Bons  
sonhos...

Gostei muito da tua visita Monstrinho... agora é hora  
de dormir porque amanhã é um novo dia e tens de  
visitar outro menino ;)



Sabes, eu teulei uma cama para  
ele, teulei.  
Fei a mãe que fez uma cama  
para ele.



Elenão dormiu aqui comigo ao lado  
ele dormiu ali numa cama ao lado da minha.  
Portou-se bem e não fez barulho!

Eu estava com o monstro na  
minha casa a brincar e eu empre-  
stei um brinquedo a ele (a vaca).  
Ele não fala, aquele boneco não  
consegue falar, está parado.



Brincámos com a garagem.

Parece que o monstro está a  
comer o boneco dele mas não está  
porque ele não come ninguém, ele  
disse que não come pessoas, só teuu



o boneco dele ao colo.



Olha, ele tava a dormir, esta é  
a cama dele e a miúda estava ao lado.



Ele não pode tomar banho porque  
tem uma crista.

Aqui eu estava a comer uma  
maçã ele não comeu porque ele não  
gosta de comida.



Esta fotografia é fora de casa,  
eu fui ao parque e levei a bola. E  
levei-o às costas.

Eu tinha um chapéu na cabeça mas  
o monstro não tinha porque eu esqueci-me



e ele tem uma crista.

A minha mãe veio (~~com~~) comigo o meu  
pai ficou em casa.



Olha aqui parece que está com  
um olho tapado, este é o carro do pai  
e a mãe pôs o cinto no monstinho para ele  
não fugir. Tomos a Santa Cruz brincar.



Eu vou arranjar uma cadeira igual à minha  
para ele.

Aqui nós estamos a ajudar de  
baleço os dois. É ao pé da minha casa.  
Ele saiu do baleço e a mãe apauhou.



Depois fomos almoçar e o monstinho  
ficou na sala.



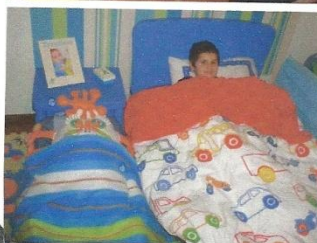
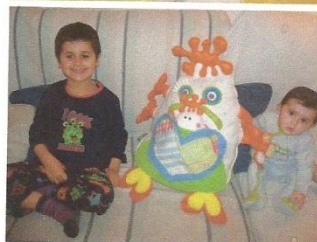




F A A U C I S C O

06/05/2013

Hoje já chegamos a casa muito tarde, só tivemos tempo de: tomar banho, jantar, dar comida aos peixes (Nemo, Kiko e Kika), ver um bocadinho de televisão e ir para a cama. O pai contou-nos a história "O Vitor na quinta" e a mana emprestou a espreguiçadeira dela para o monstrinho dormir ao lado da minha cama. Já viram que o meu pijama também tem um monstro parecido com este!





O MEU DIA COM O MONSTRINHO JOÃO - 07 DE Maio de 2013



ESCOLA



FARMÁCIA



GRAÇA



RETROSARIA



A CAMINHO DE CASA



IDA PARA O TREINO DE FUTEBOL



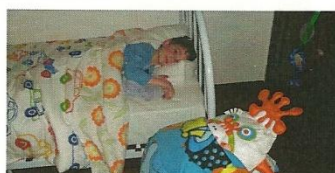
JANTAR



LAVAR OS DENTES



HISTÓRIA



OS 2 NA CAMA



A DORMIR

O meu dia com monstrinho correu muito bem e gostei muito, saíamos da escola e fomos à farmácia onde eu e o João fizemos um desenho, enquanto a minha foi comprar medicamentos, todos adoraram o meu novo amigo, depois fomos correr atrás dos pombos no Jardim da Graça e fomos também à retrosaria ao pé dos correios para a minha mãe comprar umas coisas para a minha avó Bia, lá também todos acharam o meu amigo muito giro e eu claro fiquei muito contente, de seguida fizemos a nossa caminhada até casa, que é ao pé do Pingo Doce. Quando chegamos a casa foi beber um leitinho e uma bolachinha, pois é dia de futebol, fui equipar-me e fomos até ao campo de futebol da Escola MAdeira Torres, que fica perto da nossa casa, quando chegamos já estavam todos os meus colegas sentado no campo ao pé do treinador David eu gostei muito que o meu amigo tivesse ido comigo ver ao meu treino, todos os meus colegas acharam muita piada e perguntaram-me o que era... se era uma galinha e a minha mãe teve que explicar! Terminei o treino, voltamos para casa, tomamos banho, vestimos e fomos jantar com as minhas avós o João não come, mas eu sei que ele gosta de me ver portar bem e ele também se portou muito e não houve birras, comi quase a sopa todo sozinho, enquanto viamos o Panda, vi o mundo de Mia e o PAnda boas noites e depois a minha mãe disse para ir lavar o dentes e claro o amigo também veio ver se eu os lavava bem sozinhos, fui dar beijinhos à avó Bia, avó Luz, tio João e ao pai, a minha mãe preparou a minha cama e uma cama para o meu monstrinho, mesmo ao lado da minha, eu e o monstrinho ouvimos uma história, que era "O Ruaca aprende a patinar" e nós gostámos muito, depois fui para a minha cama o monstrinho também, recebemos um abraço e beijinho muito grande da minha mãe e boa noite para todos..... :)

GONGALO

O MEU DIA COM O MONSTRINHO JOÃO - 08 DE Maio de 2013



PEQUENO ALMOÇO



VESTIR-ME



LAVAR OS DENTES



SAIR DE CASA



IR PARA A ESCOLA



ESCOLA



ESCOLA

A minha mãe hoje teve que nos acordar, fui tomar o meu pequeno almoço, claro que o monstrinho esteve sempre ao pé de mim, depois fui vestir e lavar os dentes, pois de manhã a minha mãe tem sempre muita pressa para irmos embora, lá voltamos nós a fazer a nossa caminhada diária até á escola. **ADOREI TER O MONSTRINHO JOÃO COMIGO E QUERIA SER CHEFE TODOS OS DIAS.....**

GONCALO



## Eu e o Monstrinho João



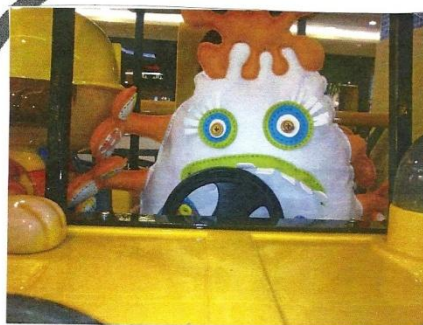
Eu levei o monstrinho consigo  
no carro. ele ia comendo de  
segurança e estava ao meu  
lado.  
Fomos de caminho para os  
comprar.



fomos à Decathlon para  
comprar sapatos mas só  
avia pequenos por isso  
não comprámos.



P/



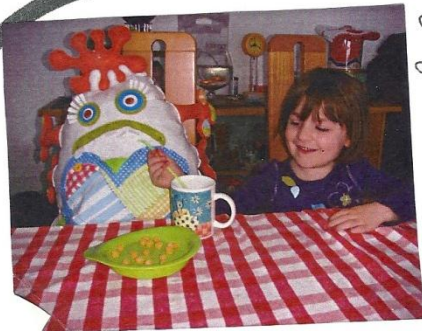
Fomos então ao  
Junto e até aproveitamos  
para brincar um  
bocado.

Eu aqui estava a  
brincar muito com o  
Monstrinho e depois  
começar batatas fritas.  
Passamos por vários  
lojas.



Depois voltamos para casa.





Quando chegámos  
à casa, fomos todos  
jantar porque já tinhamos  
fome.

Aqui estávamos a ver  
televisão, --



-- E eu dei um abraço  
ao Nostro.





A minha mãe  
também gostou do  
Monstrinho e brincou  
com ele enquanto o  
monstro dormia.



A minha mãe depois  
fez Camiso, uma Camisola  
para o monstro dormir.

...  
e dormimos os dois.



De manhã, antes de  
ir para a escola,  
enquanto a minha  
mãe preparava a  
café, eu estava a  
brincar com o  
monstro.

Eu gostei muito de ficar com o monstro porque ele brincava comigo.  
O Monstrinho portou-se bem e brincou com a minha Barbie.  
Gostava que o monstrinho ficasse mais dias na minha casa.

INES

Eu e o Monstrinho João – 08 e 09/05/2013



O Sr. Henrique tem muito trabalho e anda sempre com o portão aberto.



Fui à dentista...gosto muito da minha dentista e gosto de deitar-me na cadeira para ela tratar dos meus dentes. Como me portei bem recebi um diploma.



Gostei de mostrar os feijões ao meu amigo Monstrinho.



Amostrei o Panda ao Monstrinho e ele gostou muito.  
Ele não sabia que na minha casa havia o Panda.



Gostei de mostrar os meus bonecos e gostei de dar um abraço,  
agora vamos dormir os dois na minha cama.  
Gostei muito do Monstrinho cá em casa, gostava de  
tê-lo aqui todos os dias.



Hoje tive companhia enquanto tava  
a comer o meu chocapic.



Gostei muito do meu Monstrinho.

INES



A MÃE PAROU O CARRO PARA TIRAR  
ESTA FOTO. DEPOIS FOMOS A UMA LOJA E  
DEPOIS É QUE FOMOS PARA CASA. O MONSTRO  
NÃO TINHA CINTO DE SEGURANÇA PORQUE A  
CASA ERA MESMO LÁ EM CIMA.



ESTE É O PORTÃO DA TIA, FUI À  
CASA DELA SÓ PARA DAR UM BEIQUINHO. A  
MANA LUANA ESTAVA AQUI (APONTA PARA O CANTO  
DA FOTOGRAFIA) MAS A MÃE NÃO DEIXAVA ELA IR  
AO PÉ DE MIM PORQUE ERA EU SÓ NA FOTOGRAFIA.





AQUI EU TAVA PARADO, A MÃE TIROU UMA FOTO  
E DEPOIS EU ANDEI MAIS. O PNEU TÁ FURADO. O  
MONSTRINHO GOSTOU DE ANDAR DE BICICLETA.



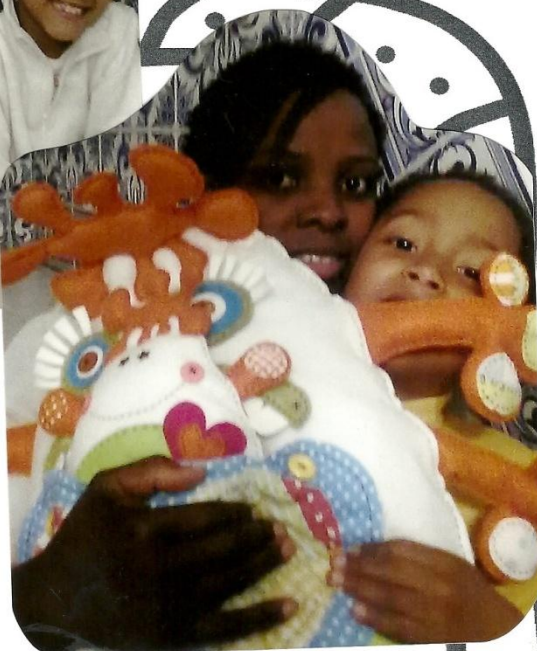


ESTE É O AROLD, EU, A MINHA MANA E O  
MONSTRO. O AROLD TAVA NO COMPUTADOR.



TIREI UMA FOTO  
COM A MÃE, A TERESA.  
ESTAVAMOS A DAR UM  
ABRACINHO AO MONS-  
TRO. A LUANA TIROU  
A FOTO.

TAMBÉM TIREI UMA  
COM A MANA, A LUANA.







ESTA EU ESTAVA NA SALA E VI TELEVISÃO  
COM ELE.





AQUI EU TAVA  
A CONTAR UMA  
HISTÓRIA AO MONSTRO.  
A HISTÓRIA ERA O  
"RATO RENATO NÃO  
QUER LAVAR OS DENTES"

AQUI EU ESTAVA  
A DORMIR A SÉRIO.







AQUI EU TAVA A IR PARA A ESCOLA, A MÃE  
TIROU UMA FOTO.

A MÃE DIZ QUE EU PORTEI-ME MAL MAS O  
MONSTRINHO NÃO.

LUKENY

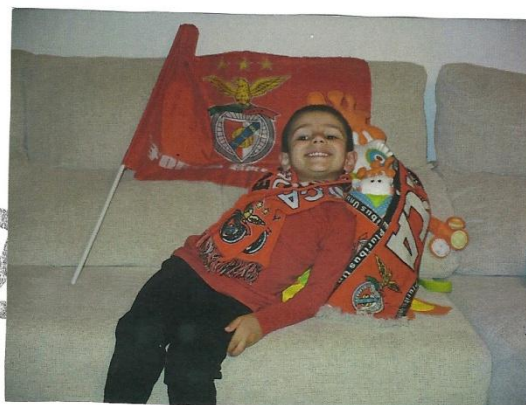
O Monstrinho na casa do Miguel Pereira, no dia 15 de maio de 2013.

Quando cheguei a casa fui mostrar o monstrinho à minha mãe e à minha mana.

Na hora do banho da mana eu peguei no monstrinho ao lado para ele poder vê-la também.



De seguida eu o pai e  
o monstinho equipámo-nos  
a rigor e fomos ver o Benfica  
a jogar para a taça da liga.  
O Monstinho é um Benfiquista  
à sério.





O Benfica não ganhou,  
mas divertimo-nos na mesma.

Hoje de manhã eu e o monstri-  
nho, antes de irmos para a  
escola, ainda tivemos tempo  
de ver um episódio da Vila  
Mideza.



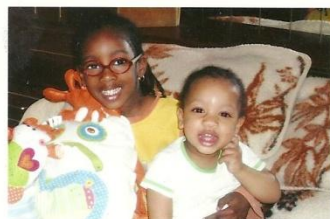
E assim foi o dia em  
que o monstinho chegou  
a minha casa e a minha  
família.

Agora vamos os dois para  
a escola em segurança, para  
conheceres melhor as famílias  
dos meus amigos. ☺









EU E A MINHA MANA  
ESTAVAMOS A TIRAR  
FOFOS NO QUARTO DA  
MINHA MÃE.



EU ESTAVA A VER  
TELEVISÃO NA SALA



EU ESTAVA A ESCOVAR  
OS DENTES AO MONSTRO,  
A mim! E a minha MANA,  
ESTÁ A ESCOVAR OS DENTES  
SOZINHA.



ESTAVA NO MEU QUARTO.  
E, ELE ADORMECEU



AQUI IA DORMIR



NA COZINHA A TOMAR  
O PEQUENO ALMOÇO.  
ELE ESTAVA A COMER IOGURTE  
DE MORANGO E EU A BEBER LEITE



AQUI ESTAVA A IR PARA  
A ESCOLA E PASSAR NO  
JARDIM DA GRACA

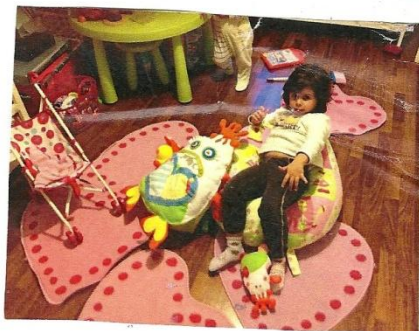
MADALENA



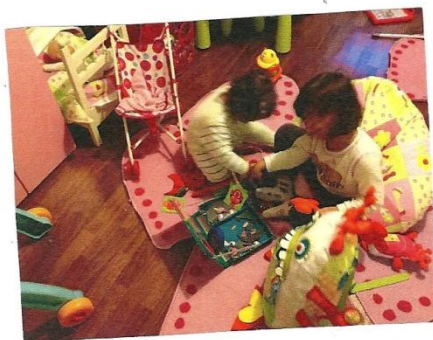


O monstquinho  
no quarto da  
Márcia.

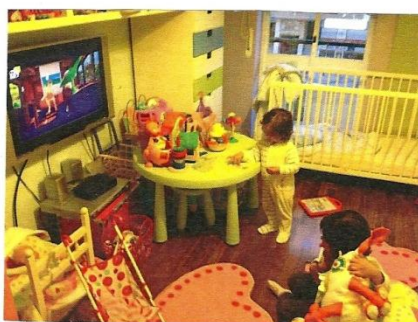
Eu fiz jogos  
com o monstro,  
dormi como mon-  
stro, jantei com  
o monstro e ele  
não comeu nada.



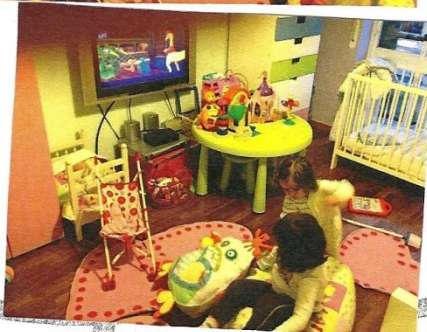
Aqui estava a  
fazer o jogo das  
caras.



Eu vi o  
Pauda com  
o monstro,  
vi o cabelo  
dos dinossauros.

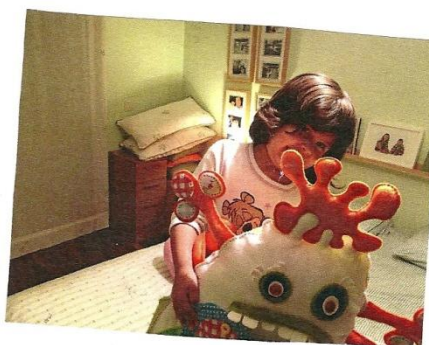


olha eu a  
ver televisão  
com o  
monstro.









Aqui eu  
ia dormir,  
este é o  
quarto da  
vovó uia.



A vovó  
uia, a  
vovó  
uia e o  
maestro.

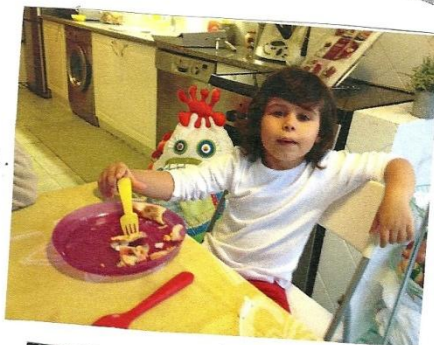








Aqui  
eu estou a  
comer pizza.



E aqui eu estava na casa da minha  
madrinha. Ela fazia 33 anos.

MARIA



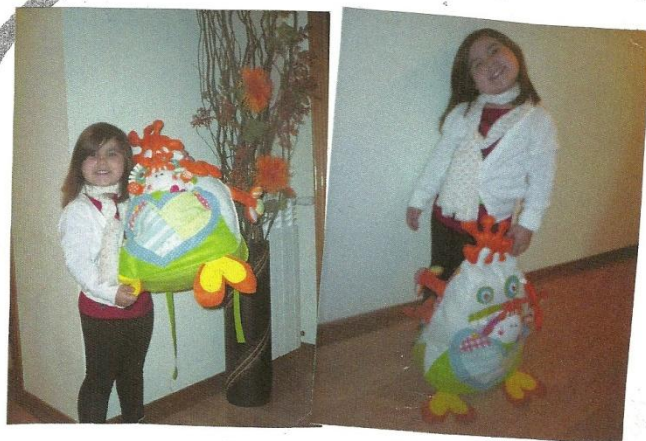
Fui à casa  
da vovó Ana  
tirar uma fo-  
tografia e na  
minha casa  
também.

Olha o boneco do monstquinho tem os  
meus óculos, tá giro não tá?





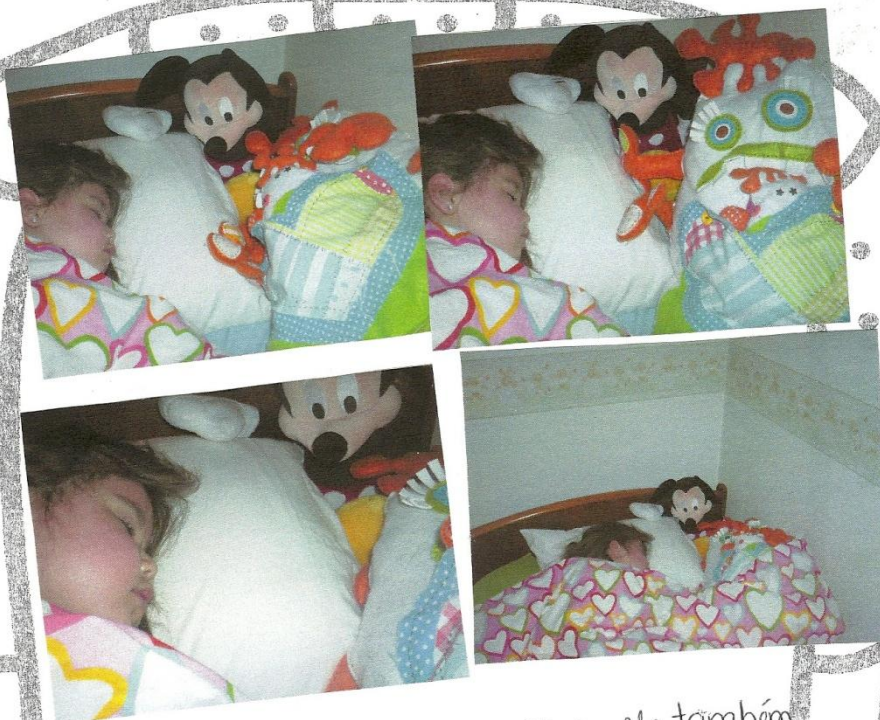
A minha mãe tava a dizer que o meu quarto tá todo desarrumado, o bebé tá ao meu colo.



Aqui é o  
meu carro.







Aqui eu estava a dormir e ele também.

LEONOR

### A Beatriz e o seu novo amiguinho: o Monstrinho João

27/05/2013



Finalmente chegou o meu dia de levar o meu amigo monstrinho João para a minha casa. Estou muito contente!...

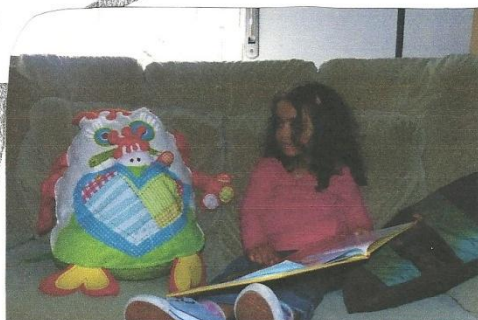
Vês monstrinho, chegámos á minha casa...



Queres que eu te conte uma História?

Vou-te contar uma das minhas histórias preferidas "O Rato Renato – não quer dormir".





O Rato Renato....

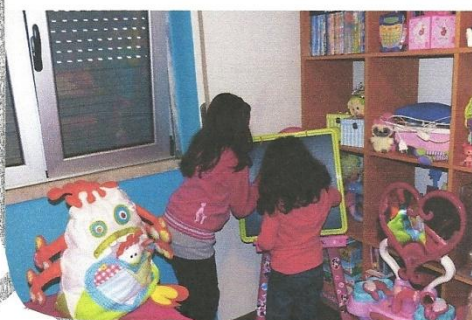
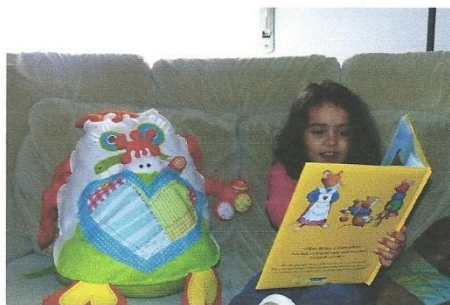
Oh Monstrinho estás a ouvir?

Ouve com muita atenção a história, tá bem?

E o monstrinho João ouviu com muita atenção a história que eu lhe li...

vitória, vitória acabou-se a história...

Adorei contar esta história para ti!



Monstrinho João, a minha mana já acabou de fazer os trabalhos da escola. Vamos brincar com a Inês?

Nós adoramos brincar às professoras, queres que eu te ensine as letras e os números?

A B C D 1 2 3 ...



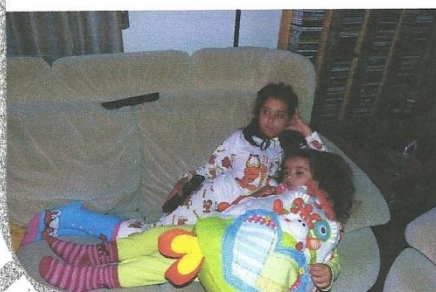
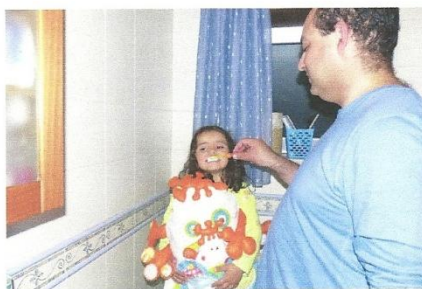
Hoje temos companhia ao jantar, vês como eu como a minha sopinha sozinha!

Hum! Já estava com a minha barriguinha a dar horas...

Depois vamos come o 2º prato e no final a frutinha, está bem, monstinho?!...

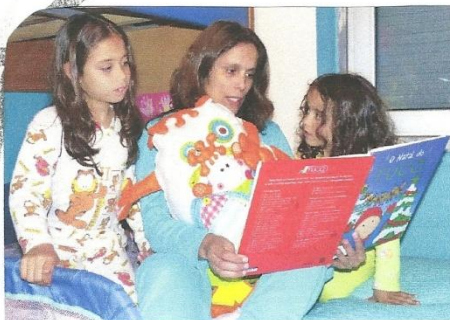
Depois do pijama vestir, está na hora de lavar os dentinhos...

E para isso tenho a ajuda do meu papá...



Antes de irmos dormir, eu, a minha mana e o monstinho vimos um pouco de televisão até chegar a hora de ir dormir, pois amanhã é dia de escola e por isso não podemos deitar tarde.

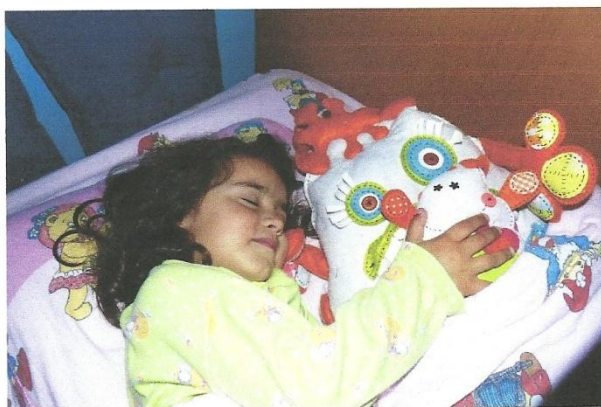




E chegou a hora de irmos dormir....

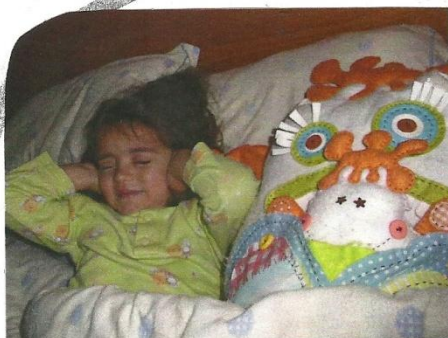
A minha mamã contou-nos uma história: "O Natal do RUCA", a história que eu e o monstinho escolhemos.

Adorámos este momento...



Até amanhã, mana, mamã, papá... um beijinho de boa noite!

...e finalmente adormecemos os dois bem juntinhos...



Olá! muito bom dia, Monstrinho!  
Adorei dormir contigo...



...mas como temos muito soninho, a minha mamã dá-nos a papinha na caminha...  
como nos custa abrir os olhos... Aaaahhhh que sono....



Está na hora de irmos para a escola,  
vamos brincar com os amigos...  
O meu papá vai-nos levar para a escola.





E, chegamos á nossa sala.



Adorei levar o monstinho João  
para casa e poder brincar com ele.  
A minha mamã, o meu papá e  
a minha mana gostaram muito de  
te conhecer.  
Foi muito divertido...  
Adoro-te meu monstinho,  
sou tua amiga....

BEATRIZ

O MONSTRINHO FOI À MINHA CASA  
MARGARIDA - 27.05.2013

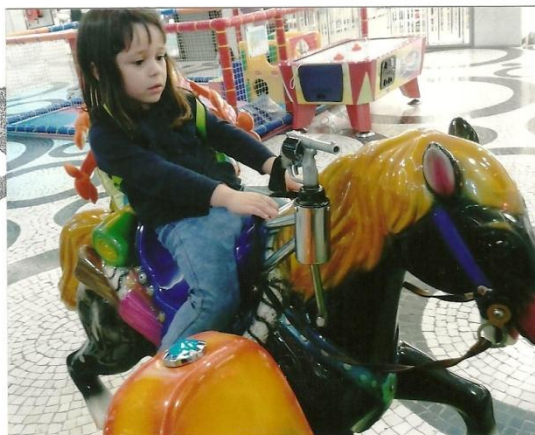


Eu pus o cinto quando saímos da escola.  
E fomos para o Arena.



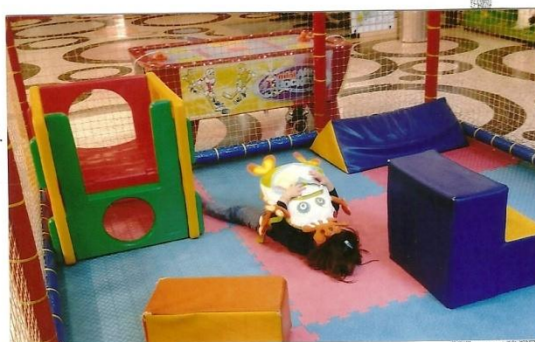
Fomos jogar.  
Parece ser  
raquetes ou  
qualquer coisa,  
mas não é.





Eu andei no cavaliúlo e ele gostou porque  
foi a sério, ele nunca mais parava. Eu gosto muito  
de andar aqui.

Audámos a  
brincar aos dragões.  
E aqui parece que  
estamos na praia  
a ver o solúlo.



Eu  
gosto muito  
de gomas. Eu  
comprei porque  
eu gostei daquele  
desenho. Mas comprei poucas.



Fomos ver os  
peixinhos.









Eu  
adamo  
dormir. E  
tava a dormir  
sossegadiuka uão  
tava?..

Isto era quau  
eu estava a penteá-lo  
para ele ficar mais  
bouito e uão ter crista.



Aqui eu uulea  
para a escola!







Aqui uós vínhamos para a escola, ele  
nunca tinha andado de autocarro. E  
gostou de andar.

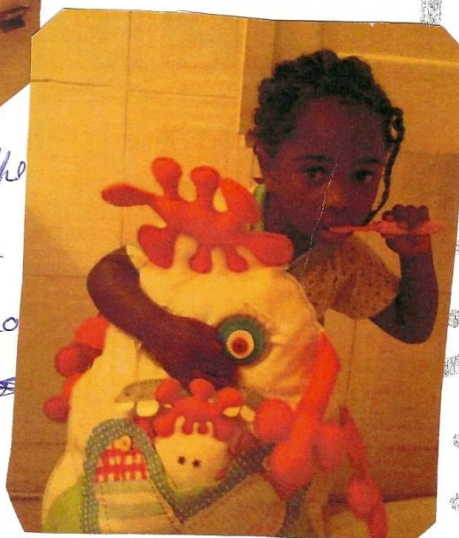
MARGARIDA



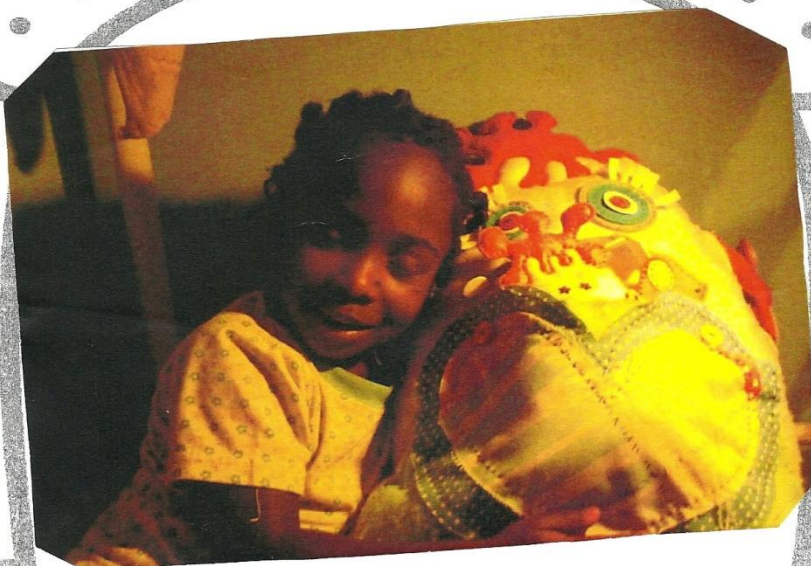


O Monstrinho  
foi para casa  
de Banco para  
queria lavar a boca  
mas eu não dei

Por isso ensinei  
a lavar a boca  
Para no próximo  
dia ele poder  
lavar a boca







E por fim fui dormir aconsegada  
Com o meu brinquedo gostei muito de  
passar a tarde e a noite com o  
meu brinquedo e obrigada pelo esta  
experiencia BJS.

UZETE



# O TIAGO E O MONSTRINHO

## João

terça - feira - 4/6/2013

Hoje é o meu dia com o Monstrinho...



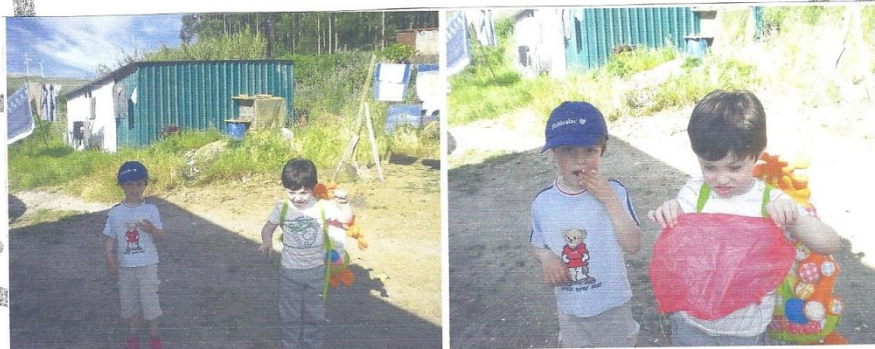
Chegámos a casa! Ele veio às minhas cavalitas :)



Mostrei-o à mana e brincámos os dois um bocadinho, ela gostou muito dele.



Fui brincar para a rua e levei-o a dar uma volta  
de moto comigo, ele adorou!



Entretanto chegou o meu primo Rúben e  
brincámos os três: à apanhada e com o  
pára-quedas que fiz na escola.

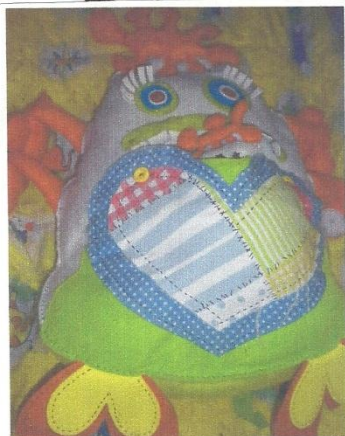




Mais tarde fomos ver desenhos animados...



Depois do jantar fui lavar os dentes e o  
Monstrinho também quis lavar os dele,  
foi muito giro!



De manhã ele estava a dormir e eu tive <sup>que</sup> ~~acordar~~ o acordar para irmos para a escola.



Hoje é dia do Monstrinho ir para a casa de outro amigo... por isso despedi-me dele com um grande abraço.

A mãe e o pai também gostaram muito de ter o Monstrinho cá em casa ...

TIA D



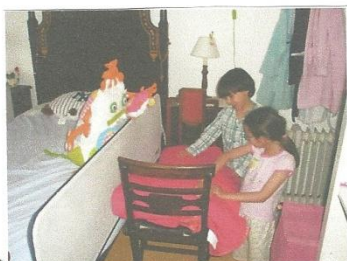
O MONSTRO JORD  
FOI PASSAR UM  
FIM-DE-SEMANA  
PROLONGADO A CASA  
DO VASCO E DOS AVÓS  
DO VASCO.

DE 5 a 10/6/2013



JANTOU À NOSSA MESA  
E DORMIU NUMA CAMA  
AO LADO DA DO VASCO.

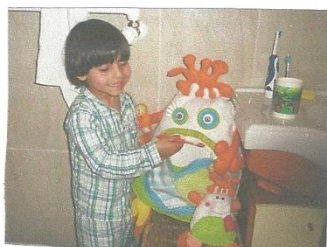
ESTA, FOI PREPARADA  
PELO VASCO E PELA  
MADALENA (MANA).



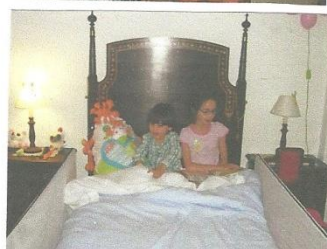




ANTES DE IR  
PARA CASA, VIMOS  
UM BECADINHO DO PANDA!  
ESTAVA A DAR UMA SÉRIE  
DO "ITATTI HEATTER CRONCHES"



COM OS DENTES BEM LAVADOS,  
<sup>PRONTOS</sup>  
ESTÁVAMOS PARA IR  
OUVIR UMA HISTÓRIA!



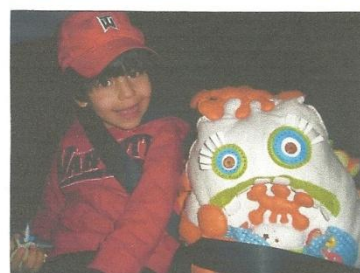
A MADALENA LEU-NOS A  
HISTÓRIA DA ANITA  
BABY SITTER. FOI BEM  
DIVERTIDA E COM MUITA  
HALLOWEEN !!!



DEITEI O JOÃO ...  
BOA NOITE ...



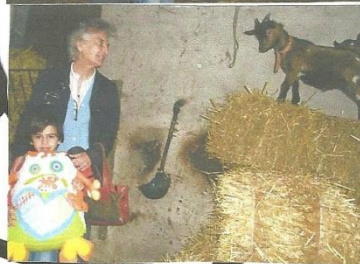
MAIS UM DIA!  
VAMOS PASSEAR,  
A MÃE FEZ NOS UMA  
SURPRESA!!!  
O QUE SERÁ?



A CAMINHO DO  
CAMPO..... COM O JOÃO,  
A MADALENA, A MÃE, E A  
AVÓ MALINA...



FOMOS VER UM  
BEZERRO !



E UM BODE E UMA  
CABRA BÊBÊS !  
QUE QUERIDAS...



NO FIM-DE-SEMANA  
FOMOS PARA CASA DOS  
AVÓS, ONDE O TONSTRINHO  
DORMIU NO BERÇO QUE  
JÁ TINHA SIDO DO MEU  
AVÔ ZÉ.



ANTES DE VOLTAR PARA  
CASA FOMOS ANDAR DE  
MOTA COM O AVÔ ZÉ,  
'A VOLTA DA CASA.

FOI RADICAL !!!

ADEUS MEU AMIGO TONSTRINHO JOÃO! ATÉ A PRÓXIMA !!!

VASCO

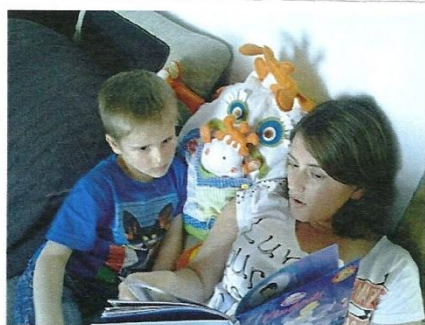








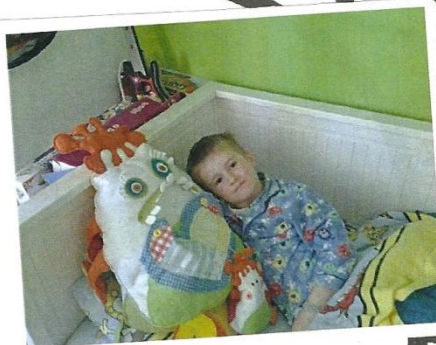
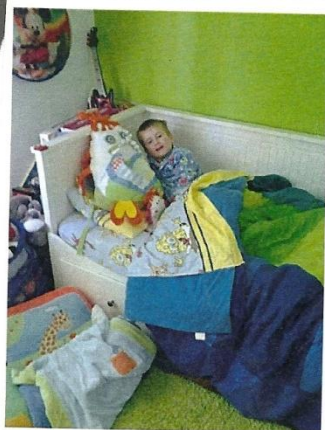
A minha mãe contou-me uma história  
da cinderela.



E depois fui tomar  
banhinho.



E depois lavei os  
dentes.



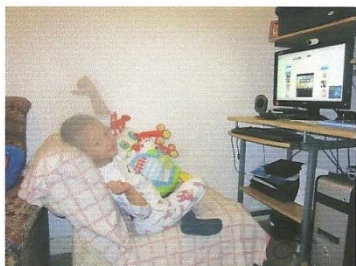
E depois dormi e  
depois tive fotografias  
quando estava acordado!



## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças



Acordamos e para o pequeno-almoço gostamos de comer cereais com leite para carregar as baterias com muita energia.



Gostamos de ver os desenhos-animados,



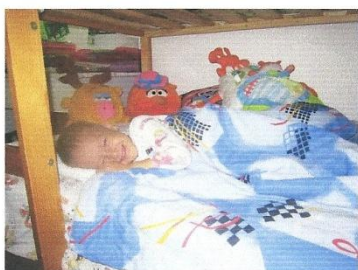
Ler,



Brincar ou as vezes



Estudar.



A noite chegou o cansaço.

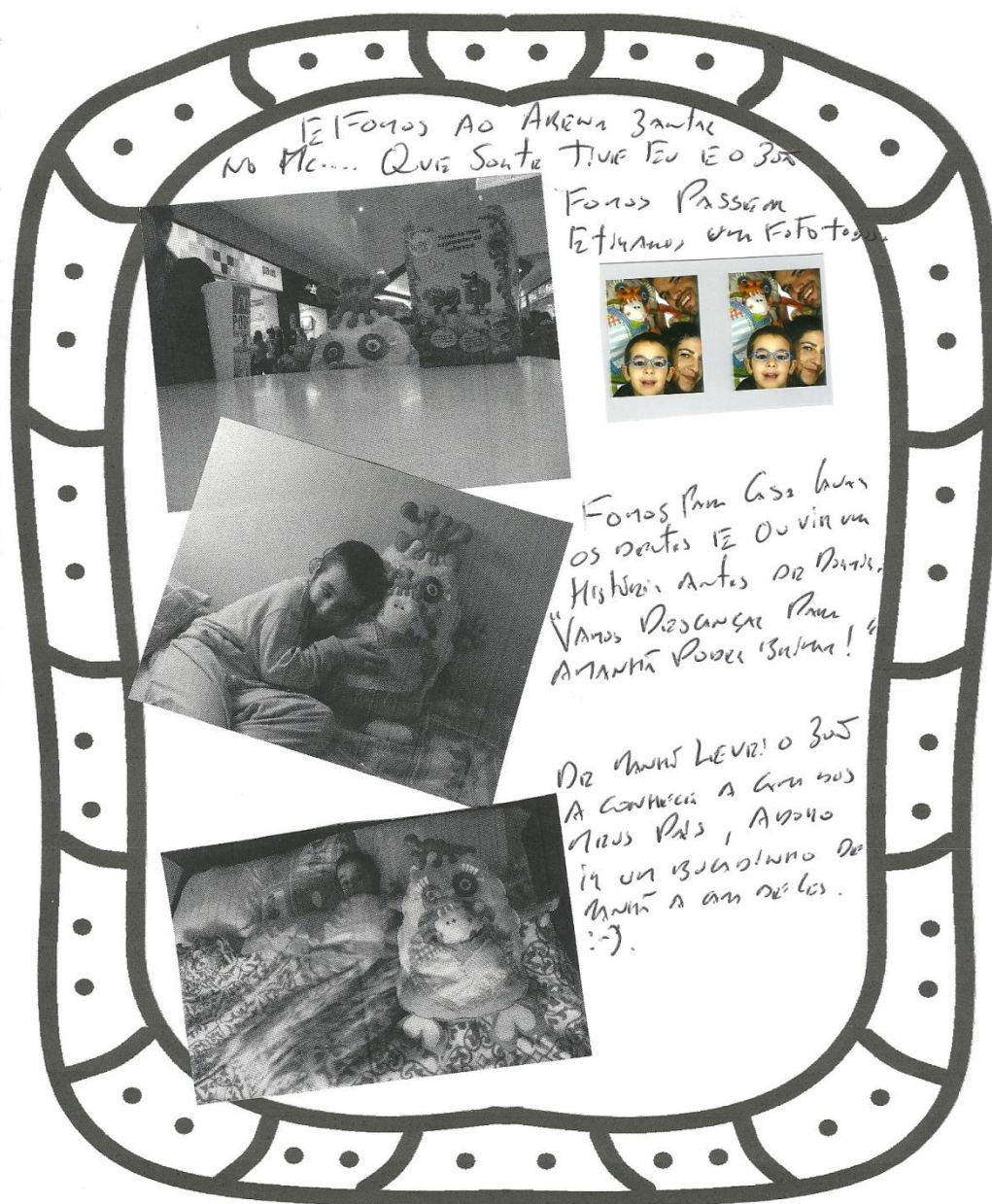




DUARTE







**Apêndice E– Primeira carta do Monstrinho**

Ola meninos, eu sou o monstrinho.

Estive numa escola de monstros mas fui tão mal comportado, tão mauzinho para os meus amigos que quando dei conta, não tinha amigos! Ninguém queria brincar comigo porque eu acabava sempre por bater em alguém ou tirar um brinquedo. Em casa também me portava mal... Mas também me sei portar bem.

Queria por tudo isto pedir-vos ajuda, querem ajudar-me? Eu gostava de voltar a ter amigos, querem ser meus amigos?

Mas para voltar a ter amigos vou ter de aprender novamente a ser bem-educado, em casa e na escola, ajudam-me? Ensinam-me?

Monstrinho

**Apêndice F - Resposta das crianças à carta do monstrinho**

Olá Monstrinho,

Gostámos muito de ti, por isso queremos ser teus amigos! Até podias vir às nossas casas, o que achas? O Miguel diz que se quiseres ele dá-te uma chucha da mana para dormires melhor.

A Inês gostava de saber se tens namorada e se és mal-educado. E o Francisco gostava de saber onde vives... Na floresta? Na selva?

Gostávamos de saber mais coisas sobre ti, tens nome? O que comes? Comes pessoas?

A Raquel também te quer convidar para ires à casa dela!

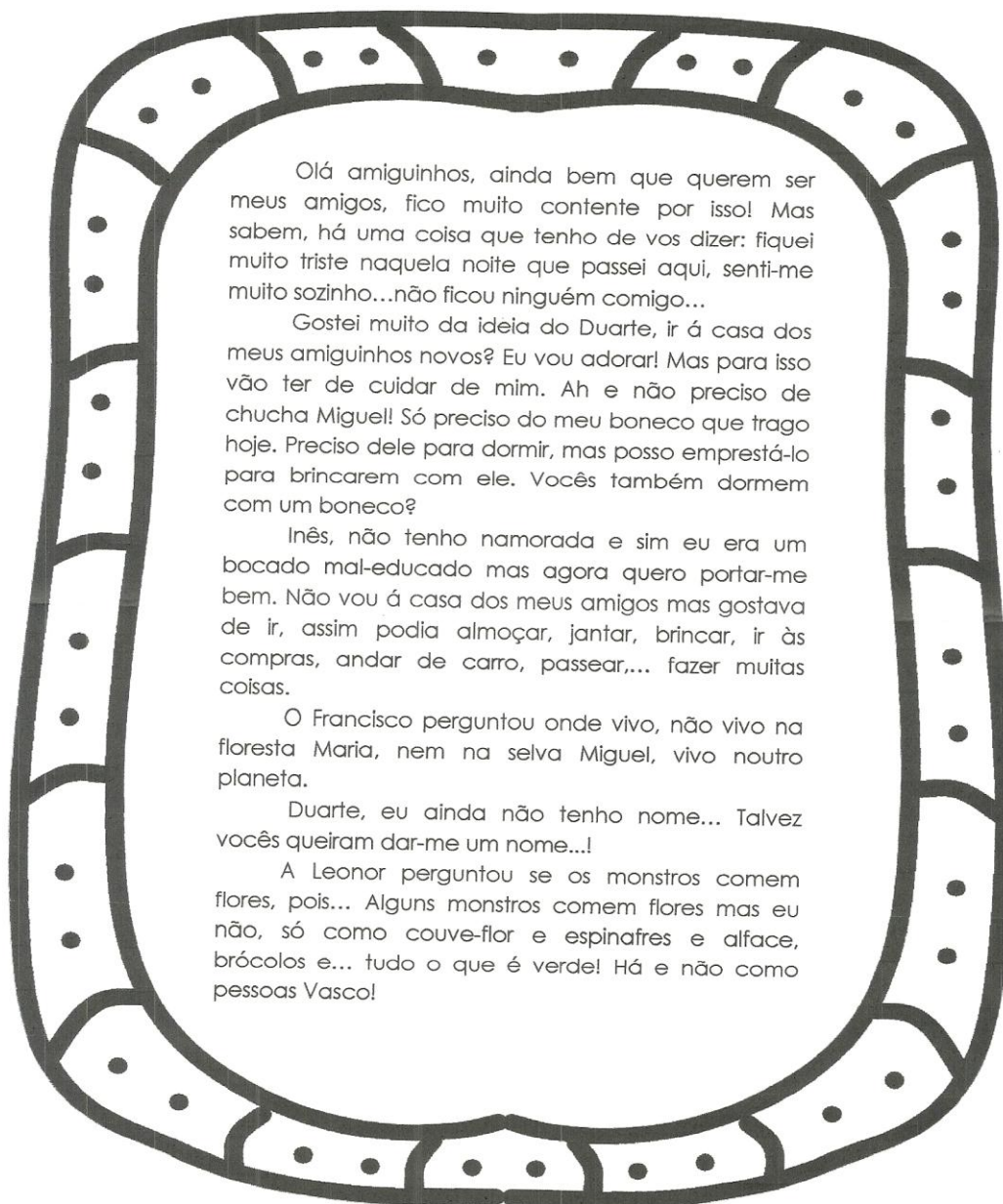
O que é que fazias em casa quando te portavas mal?

Beijinhos,

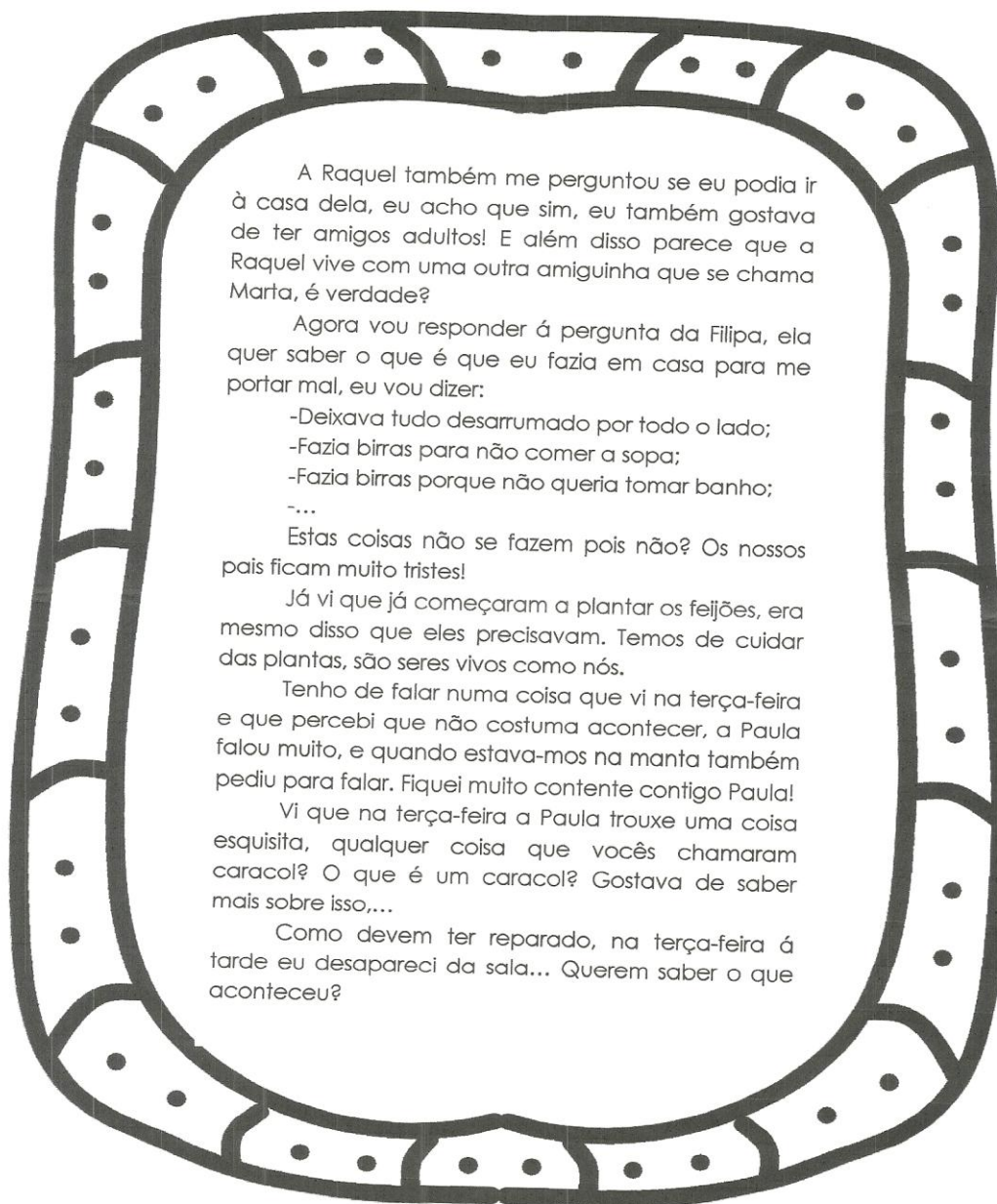
os meninos da sala azul

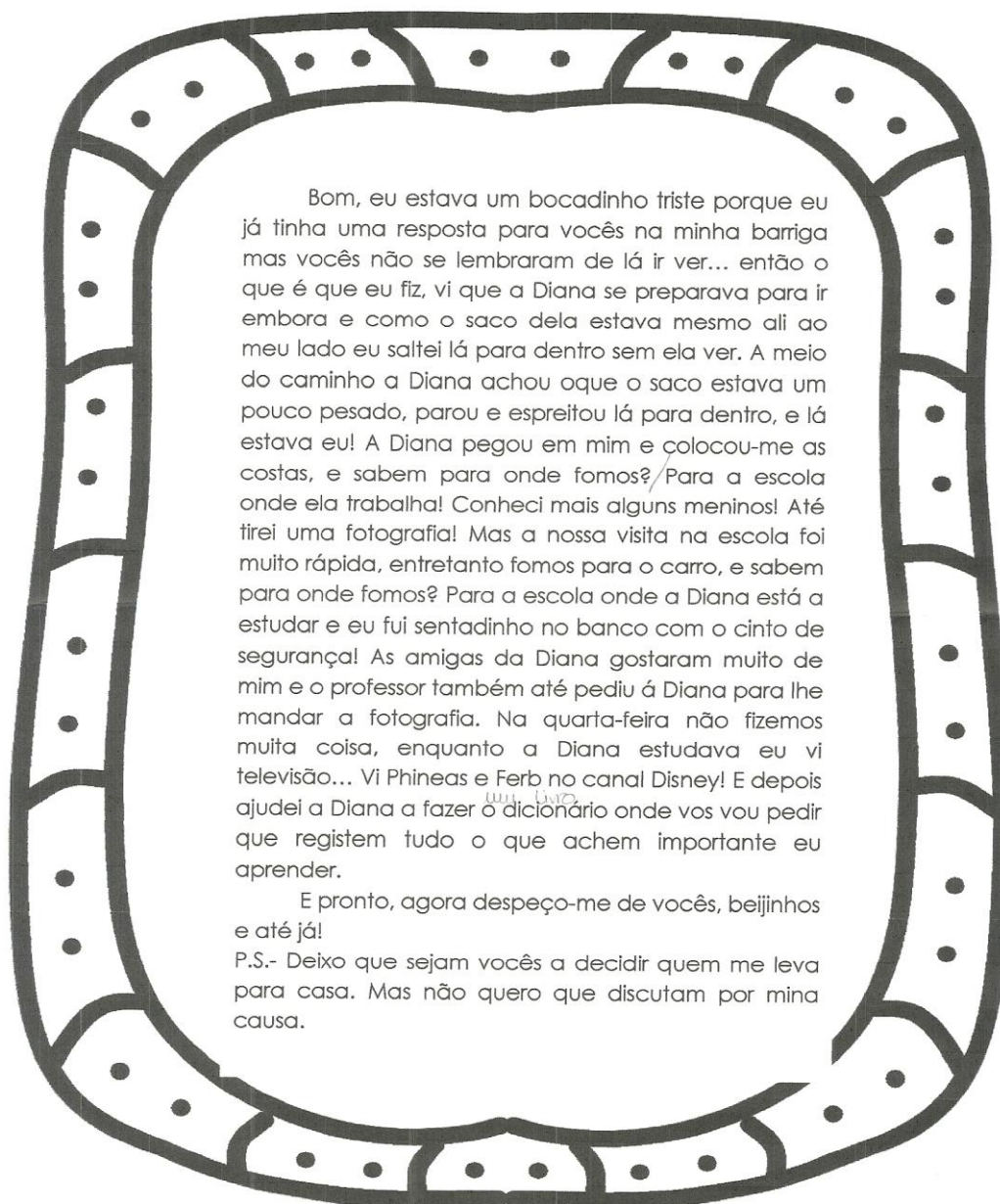


**Apêndice G - Resposta do Monstrinho às crianças**









## **Apêndice H - Uma música para o monstrinho**

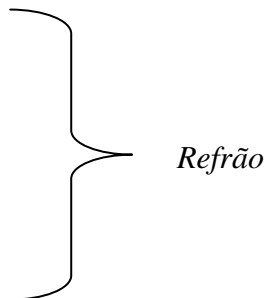
### **Monstro Monstrinho**

Monstro monstrinho

Nós vamos te ensinar

Como é ser bem educado

E ter amigos para brincar



A sopa tu sabes que deves comer

Não esquecendo os legumes

Que te fazem crescer

Os brinquedos tu sabes que deves arrumar

Depois de brincadeira

Não queres ouvir ralhar

O banho tu sabes que deves tomar

Não deves fazer birras

Para o corpo bem cheirar

Os dentes tu sabes que tens de escovar

Depois das refeições

Para pôr os dentes a brilhar

*Autora : Inês Marinheiro (Auxiliar estagiária)*

**Apêndice I - Nova história: “Grunxo e Roncão a portar bem”**



Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

ERA TERÇA-FEIRA, UM DIA BONITO. ESTAVA UM PAPEL ESTRANHO NA ENTRADA BONITA DA CASA DO GRUNXO. "O QUE É ISTO?", COÇA A CABEÇA E VAI LER. ERA PARA IR PARA UMA FESTA.





Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças



"QUEM SERÁ QUE DEIXOU ISTO AQUI?" GOSTO DE TERÇAS-FEIRAS, EU GOSTO DE VISITAS E GOSTO DE FESTAS. POR ISSO EU VOU! O GRUNXO NÃO RASGOU O PAPEL, FECHOU A PORTA DEVAGARINHO E FOI COMER.



GONÇALP

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

PORQUE É IMPORTANTE, O GRUNXO FOI LAVAR OS DENTES, LIMPOU A BANHEIRA, LAVOU A LOIÇA E PUXOU O AUTOCLISMO PORQUE SE NÃO PUXAMOS O AUTOCLISMO FICA A CHEIRAR MAL. DEPOIS ELE FOI Á RUA.



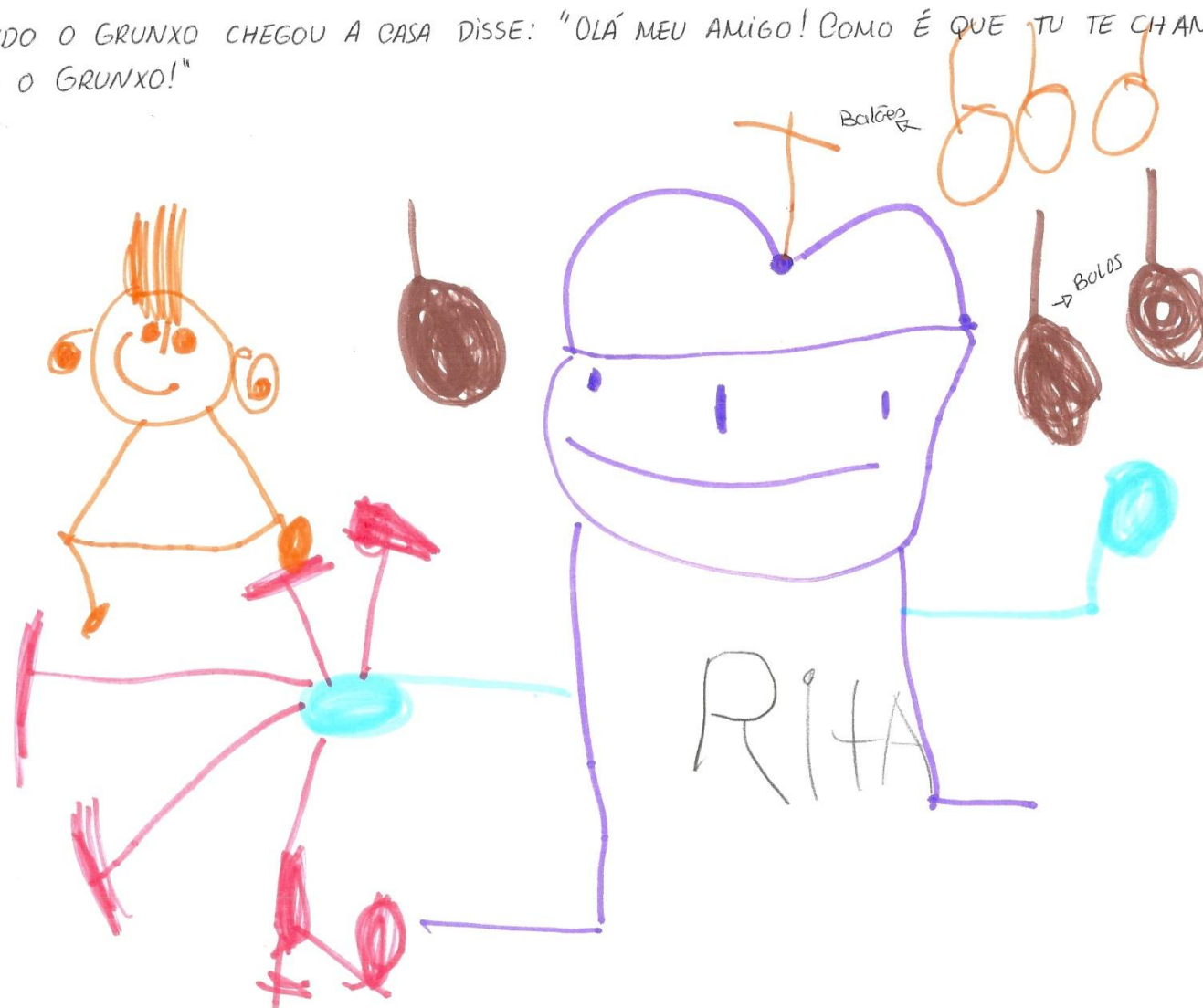
Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

NA RUA, ELE FOI UM MONSTRO BOM. NÃO SALTOU NAS POÇAS DE LAMA, NÃO ASSUSTOU OS GATINHOS E AGARROU-OS PARA DAR FESTINHAS, DEU O BRINQUEDO AO BEBÊ. PORTOU-SE BEM E NÃO PÔS O CARTEIRO NO CORREIO. DISSE-LHE OLÁ.



Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

QUANDO O GRUNXO CHEGOU A CASA DISSSE: "OLÁ MEU AMIGO! COMO É QUE TU TE CHAMAS?  
EU SOU O GRUNXO!"



Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

"EU SOU O RONÇÃO!" DISSE O RONÇÃO. "PORQUE EU SOU TEU AMIGO VOU AJUDAR-TE A ENCHER  
MAIS BALÕES, MAIS E MAIS E MAIS!" DISSE O GRUNXO.



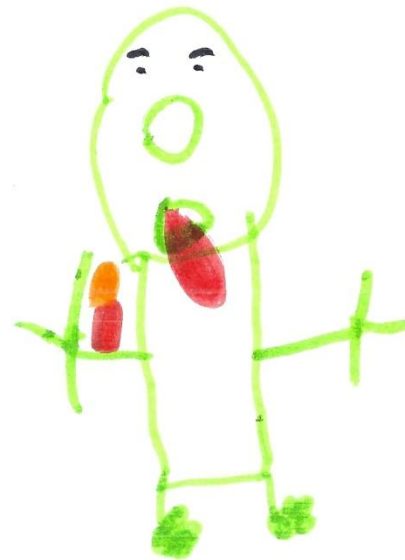


Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

DEPOIS O RONCÃO VAI DAR UM BOLO AO GRUNXO. E O GRUNXO DÁ DOIS BOLINHOS AO RONCÃO.



DUARTEG.



Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

DEPOIS SENTARAM-SE A COMER OS BOLOS.

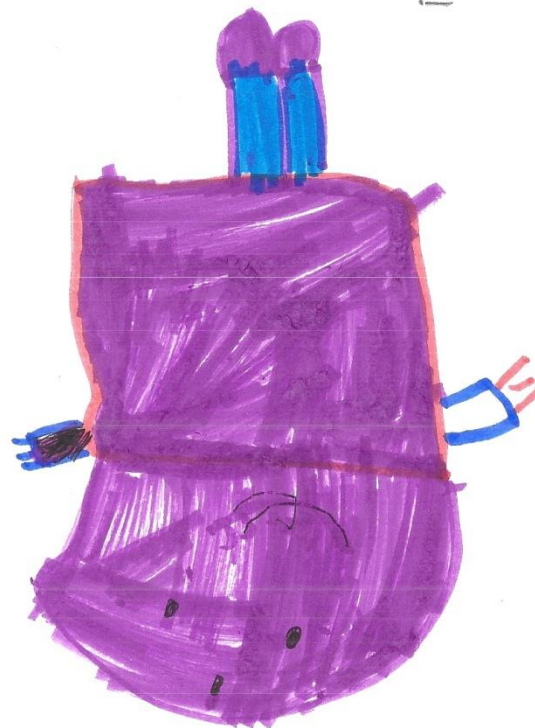


Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

O GRUNXO PERGUNTOU: "O QUE VAMOS FAZER AGORA?"

"PODEMOS IR BRINCAR, PODEMOS FAZER JOGOS, PODEMOS IR VER AS BORBOLETAS, PODEMOS ASSOAR O NARIZ COM O PAPEL E PÔR O PAPEL NO LIXO..."

LEGNOR



Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

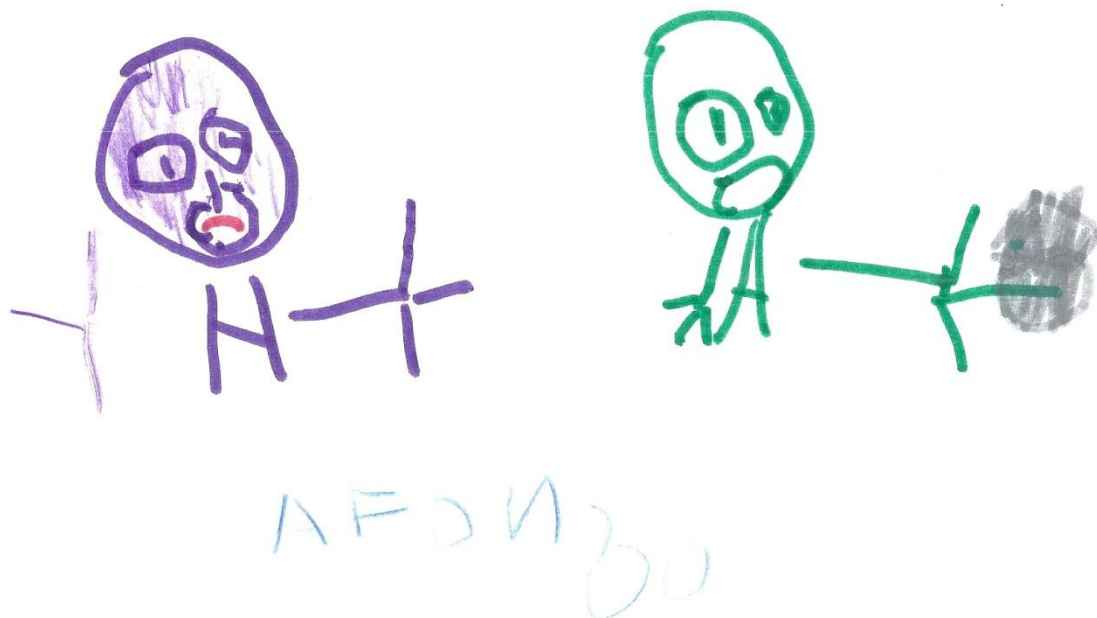
O GRUNXO ESTAVA A LAVAR A ROUPA E O RONCÃO ESTAVA TRISTE PORQUE TINHA DE IR EMBORA.



ANTON

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

O RONCÃO DIZ ADEUS AO GRUNXO, E O GRUNXO VAI À PROCURA DO RONCÃO.





Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

O GRUNXO QUERIA QUE O RONÇÃO FICASSE EM SUA CASA. PARA FICAREM JUNTOS E BRINCAREM E  
DIVERSI-REM-SE.



Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

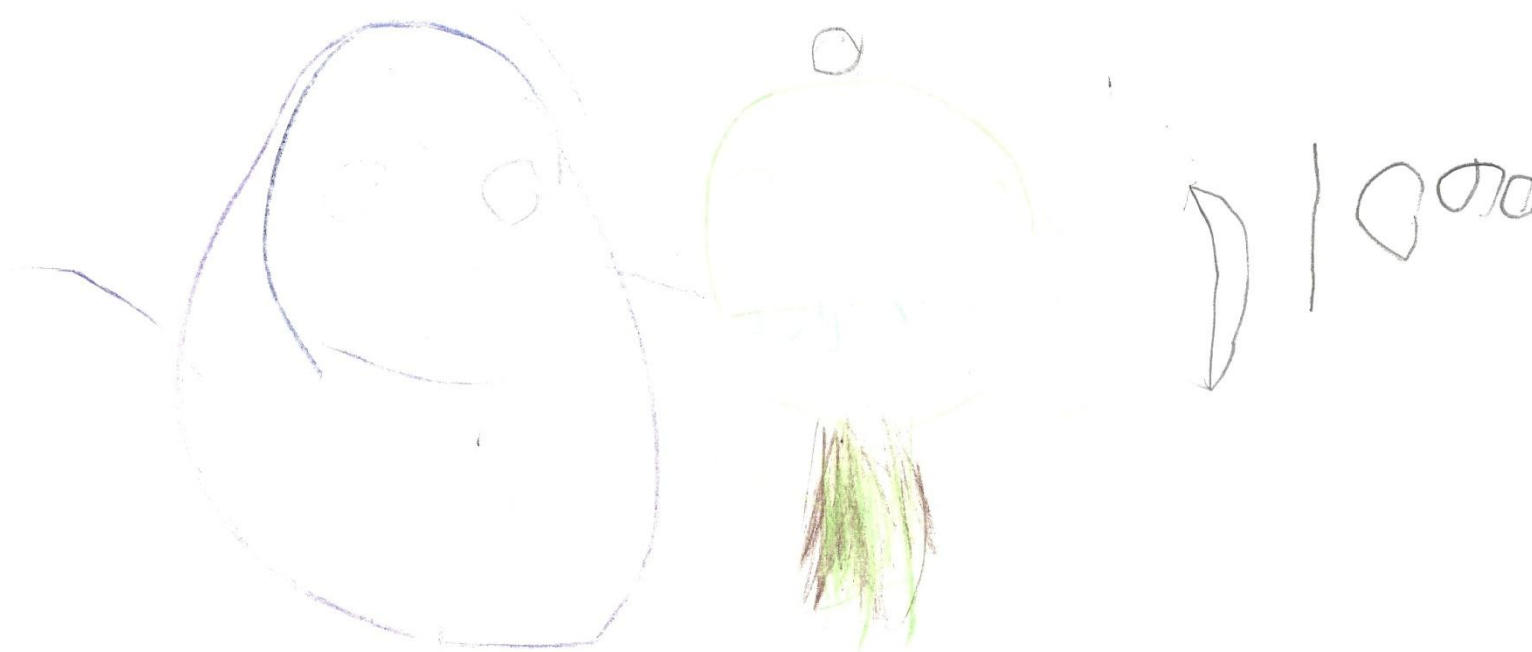
ELE CORREU, CORREU E DEPOIS ELE PROCUROU EM BAIXO DAS PEDRAS. ELE TINHA CORRIDO MAS  
NÃO TINHA ENCONTRADO.

MADALENA



Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

FICARAM OS DOIS CONTENTES PORQUE O GRUNXO ESTAVA COM SAUDADES DELE E ENCONTROU O  
RONCÃO. DERAM UM ABRACINHO.



Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

AGORA ELES ESTAVAM FELIZES. ELES LIMPAVAM TUDO SOZINHOS, BRINCAVAM JUNTOS ÀS ESCONDIDAS,  
ÀS APANHADAS E NÃO ESTRAGAVAM NADA.

2UZETE1



## **Apêndice J - Entrevistas às crianças**

### **Entrevista criança AM**

Educadora Estagiária: “Quem é que é o monstinho João?”

Criança AM: (Aponta para o monstinho) “É este!”

Educadora Estagiária: “É esse sim. E o que é que ele faz? O que é que ele veio fazer aqui à nossa escola?”

Criança AM: “Ver se os meninos se portam bem, e...é o monstinho que ouve tudo, vê tudo, e não se mexe!”

Educadora Estagiária: “E não se mexe, pois não... E ele veio fazer o quê à nossa escola?”

Criança AM: “Ver se os meninos se portam bem!”

Educadora Estagiária: “E ele também precisava de aprender a portar-se bem ou não?”

Criança AM: “Sim!”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança AM: “Porque...ele...nunca aprendeu!”

Educadora Estagiária: “Olha, já o levaste para casa?”

Criança AM: “Sim!”

Educadora Estagiária: “E o que é que fizeste com ele?”

Criança AM: “Tirei fotografias na minha cama, na cama do meu pai e da minha mãe, e... também... tirei deitado na cama, e tirei na rua, no trabalho da mãe,...e também tirei no Arena Shopping!”

Educadora Estagiária: “Pois, essas fotografias eu já vi! Estão ali na sala não estão?”

Criança AM: “Estão!”

Educadora Estagiária: “Olha, ele portou-se bem na tua casa? Diz a verdade!”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Portou-se mesmo bem?”

Criança AM: “Portou!”

Educadora Estagiária: “Mesmo, mesmo?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E tu portaste-te bem?”

Criança AM: (hesita um pouco) “Sim!”

Educadora Estagiária: “Não fizeste birras?”

Criança AM: (Acena negativamente com a cabeça)



Educadora Estagiária: “Olha e o que é que tu lhe ensinaste? Na tua casa?”

Criança AM: “Ensinei a portar bem!”

Educadora Estagiária: “E mais?”

Criança AM: “Também ensinei a tomar banho! Ensinei-o...a comer fruta! ”

Educadora Estagiária: “Fruta? Hum...e ele gostou a fruta?”

Criança AM: “Ele não comeu!”

Educadora Estagiária: “Não comeu? Porquê? Fez birra?”

Criança AM: “Não, não vês que a boca não se mexe?”

Educadora Estagiária: “Ah, pois não...mas ele tem uns dentes grandes, conseguia comer a fruta não era?”

Criança AM: “Eu acho que o Grunxo (história lida nesta semana), não percebo porque é que o Gruncho na história tem uns dentes para cima e uns pra baixo...”

Educadora Estagiária: “Pois tem, este só tem pra baixo não é?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Pois é, o Grunxo é da outra história não é?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Olha o que é que tu lhe ensinaste mais? Ensinaste a portar bem, a comer fruta, a tomar banho, mais alguma coisa? Ensinaste-lhe mais alguma coisa?”

Criança AM: “A dormir.”

Educadora Estagiária: “E onde é que ele dormiu?”

Criança AM: “Dormiu na...na...em cima das minhas almofadas de trás da cama, lá ao fundo!”

Educadora Estagiária: “ Tu gostaste de o levar para casa?”

Criança AM: “Gostei.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança AM: “Porque... Gostei porque ele também gostou de me ver!”

Educadora Estagiária: “Ele também gostou de te ver?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: Tu gostaste porque ele também gostou de ir contigo é isso?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Então e achas que ele gostou de conhecer os meninos da nossa sala?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança AM: “Eu acho que ele gosta mais dos que se portam bem!”

Educadora Estagiária: “Gosta mais dos que se portam bem?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E achas que agora os meninos todos se portam bem?”

Criança AM: “Agora à fruta não!”

Educadora Estagiária: “Agora à fruta não pois não?”

Criança AM: “Eu acho que o monstro não viu. Ele não tava lá!”

Educadora Estagiária: “Mas eu fui lá busca-lo agora!”

Criança AM: “Pois mas ele ouviu tudo daqui!”

Educadora Estagiária: “Pois... será que ele depois vai ter alguma coisa para dizer aos meninos?”

Criança AM: “Não (espreita para a barriga do monstro) ele não tem.”

Educadora Estagiária: “Daqui a bocado temos de ver se ele tem um carta ou não. Não é?”

Criança AM: “Pois.”

Educadora Estagiária: “Pois é. E o que é que tu aprendeste com ele?”

Criança AM: “Aprendi... hum...”

Educadora Estagiária: “O que é que tu aprendeste com ele? O que é que ele te ensinou?”

Criança AM: “Hum... (Encolhe os ombros) Eu sei que ele ensinou!”

Educadora Estagiária: “Então? O que é que tu aprendeste com ele?”

Criança AM: “Aprendi a... fazer coisas como ele!”

Educadora Estagiária: “E como é que ele faz as coisas?”

Criança AM: “Ouve tudo e vê tudo!”

Educadora Estagiária: “E tu agora ouves tudo e vês tudo?”

Criança AM: “Eu acho que sim!”

Educadora Estagiária: “Olha e achas que ele aprendeu a portar-se bem?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Então tu também aprendeste a portar-te bem ou não?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E portas-te sempre bem agora?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Olha então tu aprendeste algumas coisas com ele e achas que os meninos também aprenderam alguma coisa com ele?”

Criança AM: “Hum... (encolhe os ombros) Não sei.”

Educadora Estagiária: “Então, o monstro veio cá para ensinar o quê? Para ensinar...”

Criança AM: “Para aprender coisas!”

Educadora Estagiária: “Para aprender a portar-se bem não foi? E para ensinar também os meninos que se portavam mal aqui da sala não era? E achas que ele conseguiu? Achas que os meninos da sala aprenderam alguma coisa?”

Criança AM: “Eu acho que sim.”

Educadora Estagiária: “Achas? Achas que eles agora portam-se melhor?”

Criança AM: (Acena afirmativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Olha gostavas que ele continuasse na nossa sala? Gostavas que ele ficasse cá?”

Criança AM: “Gostava.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança AM: “Porque assim nós víamos sempre as cartas que ele pusia na barriga.”

Educadora Estagiária: “Tu gostas das cartas que ele põe na barriga?”

Criança AM: “Eu acho que sim.”

Educadora Estagiária: “Gostas? Porque é que tu gostas das cartas dele?”

Criança AM: “Eu gosto mais daquelas que os meninos portam-se bem. E gosto pouco das que os meninos portam-se mal.”

Educadora Estagiária: “Porque é que tu gostas pouco das que os meninos se portam mal?”

Criança AM: “Porque se portarem mal, ele faz uma carta do portar mal. Dos brinquedos ou bater...”

Educadora Estagiária: “Pois, e depois nós temos de conversar sobre isso não é?”

Criança AM: “É.”

Educadora Estagiária: “E depois conseguimos resolver as coisas ou não? Depois de falarmos.”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Os meninos depois começam a portar-se bem? Depois de falarmos?”

Criança AM: (Acena afirmativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Achas que todos os meninos agora se portam bem?”

Criança AM: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Obrigada, já acabámos!”

Criança AM: “De nada.”

**Entrevista criança DZ**

Educadora Estagiária: “Quem é o monstrinho João? O que é que ele faz, o que é que tu sabes sobre ele?”

Criança DZ: “Aam...brinca...acho que também aprende a ler, faz os trabalhos...”

Educadora Estagiária: “E mais? O que é que tu sabes sobre ele?”

Criança DZ: “Ele sabe tudo...”

Educadora Estagiária: “E mais? O que é que ele veio fazer à nossa sala?”

Criança DZ: “Ver!”

Educadora Estagiária: “Ver o quê?”

Criança DZ: “Nós!”

Educadora Estagiária: “Só?”

Criança DZ: “Sim!”

Educadora Estagiária: “E veio ver-nos porquê?”

Criança DZ: “Porque ele gosta de ver-nos! A ler, a escrever, a brincar!”

Educadora Estagiária: “Já o levaste para casa?”

Criança DZ: “Acho que sim!”

Educadora Estagiária: “Achas que sim?”

Criança DZ: “Sim, eu acho que eu levei!”

Educadora Estagiária: “Achas ou levaste?”

Criança DZ: “Levei! Levei, mas foi há muito tempo!”

Educadora Estagiária: “Pois, já foi há muito tempo pois foi! E o que é que tu fizeste com ele?”

Criança DZ: “Brinquei com ele, ...e...”

Educadora Estagiária: “Só brincaste com ele? Não fizeste mais nada? Eu vi tantas fotografias de tantas coisas que tu fizeste com ele!”

Criança DZ: “Eu fui no carro do pai e ele foi ao pé de mim!”

Educadora Estagiária: “Ele foi ao pé de ti? E como é que ele foi?”

Criança DZ: “Foi atrás! Acho que fomos a SanCuz (Santa Cruz)!”

Educadora Estagiária: “Santa Cruz? Fazer o quê?”

Criança DZ: “Acho que...ver as casas! As tendas, não foi as casas, as tendas!”

Educadora Estagiária: “Ah as tendas! Foram ao Parque de Campismo? E depois?”

Criança DZ: “Sim, e depois aam...”

Educadora Estagiária: “Não te lembras? Foi um fim de semana inteiro, fizeram tantas coisas! Eu acho que vocês foram a um parque andar de baloiço!”

Criança DZ: “Sim, eu fui ao parque mas foi ao pé da minha casa! Foi ao pé do Pingo Doce e do Continente!”

Educadora Estagiária: “E o Monstrinho foi ou não?”

Criança DZ: “Foi”

Educadora Estagiária: “Foi? E o que é que ele fez?”

Criança DZ: “Aam...andou de baloiço! E escorregou pelo escorrega!”

Educadora Estagiária: “Foi? Mais nada? Eu ouvi dizer que ele caiu do baloiço...”

Criança DZ: “Acho que ele caiu e a mãe apanhou!”

Educadora Estagiária: “Foi? E ele magoou-se?”

Criança DZ: “Não”

Educadora Estagiária: “Olha e ele portou-se bem na tua casa?”

Criança DZ: “Sim!”

Educadora Estagiária: “O que é que ele fez? Não fez maldades?”

Criança DZ: “Não!”

Educadora Estagiária: “Nem birras...”

Criança DZ: “Não!”

Criança DZ: “Não fez nada!”

Educadora Estagiária: “E tu portaste-te bem?”

Criança DZ: “Sim”

Educadora Estagiária: “E o que é que tu ensinaste ao monstrinho? O que é que ele aprendeu quando foi à tua casa?”

Criança DZ: “Eu ensinei a andar de baloiço! É só segurar no ferro e depois baloiçar!”

Educadora Estagiária: “Pois é, e mais o que é que tu ensinaste mais?”

Criança DZ: “A escorregar!”

### **Entrevista criança DG**

Educadora Estagiária: “O que é que este monstrinho veio cá fazer à nossa sala?”

Criança DG: “Para os meninos portassem bem, para brincar.”

Educadora Estagiária: “Sim...e ele também precisava de aprender a portar-se bem ou não?”



Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança DG: “Porque ele tem que se portar bem para não fazer as coisas mal.”

Educadora Estagiária: “Pois, exatamente. Olha e tu levaste-o para casa?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E gostaste?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “O que é que fizeste com ele?”

Criança DG: “Aaaam...dormi com ele...aaaam...ele não comeu.”

Educadora Estagiária: “Ele não comeu?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E mais?”

Criança DG: “Aaaam...ele dormiu ao pé de mim.”

Educadora Estagiária: “E mais? O que é que ele fez mais? Não fez mais nada?”

Criança DG: “Fez.”

Educadora Estagiária: “O que é que ele fez?”

Criança DG: “Viu o filme.”

Educadora Estagiária: “Qual filme?”

Criança DG: “O do Splash.”

Educadora Estagiária: “Viu o filme do Splash?”

Criança DG: “Sim, ele sentou-se connosco.”

Educadora Estagiária: “E ele gostou de ver o Splash?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “O que é que ele viu mais?”

Criança DG: “Viu o fato do menino...”

Educadora Estagiária: “Viu o fato do menino, qual menino?”

Criança DG: “O grande, o fato era de super herói.”

Educadora Estagiária: “Então diz-me lá, ele portou-se bem na tua casa?”

Criança DG: “Sim portou-se. Eu não portei mal.”

Educadora Estagiária: “Tu não te portaste mal?”

Criança DG: “Não. Só que o Lukeny portou-se.”

Educadora Estagiária: “Olha e o que é que tu lhe ensinaste? O que é que ele aprendeu contigo?”

Criança DG: “Aaaam...aaaaam...não sei.”

Educadora Estagiária: “Não sabes o que é que ele aprendeu contigo? O que é que tu fizeste com ele que ele ainda não sabia fazer? O que é que ele nunca tinha feito?”

Criança DG: “Jogar ao jogo dos...dos...daquele dos patos.”

Educadora Estagiária: “Ele não sabia jogar?”

Criança DG: “Não, aqueles dos patos mandarem tiros aos animais.”

Educadora Estagiária: “Com tiros? Ensinaste-lhe um jogo com tiros?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Mas esses jogos não são para a tua idade...”

Criança DG: “São sim.”

Educadora Estagiária: “Para meninos tão pequeninos?”

Criança DG: “Mas eu gosto daquele jogo!”

Educadora Estagiária: “Gostas?”

Criança DG: “Sim e daquele de construir os carros.”

Educadora Estagiária: “Ah, esse deve ser mais giro! Gosto mais desse. Olha e o que é que tu lhe ensinaste mais, o que é que ele aprendeu mais?”

Criança DG: “Aaaam...tava na casa da avó a ver o filme da Branca de Neve.”

Educadora Estagiária: “Foi? Ele também viu o filme da Branca de Neve? Nunca tinha visto?”

Criança DG: “Sim e ali no dia da natação ele tava com uma touca na cabeça.”

Educadora Estagiária: “Foi? Tiraste uma fotografia a ele com uma touca na cabeça?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Então e ele também aprendeu a nadar? Ou não, ficou só a ver?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E explicaste-lhe como é que se nada? Ele secalhar nada melhor do que tu, tem quatro braços! Tu só tens 2...”

Criança DG: “Mas eu consigo mergulhar assim, muito depressa.”

Educadora Estagiária: “Ah, então tu ensinaste-lhe muitas coisas. Ensinaste-lhe também que ele tem de levar sempre uma touca para a natação foi?”

Criança DG: “Hum hum.”

Educadora Estagiária: “E uns chinelos, arranjaste uns chinelos para ele?”

Criança DG: “Não.”

Educadora Estagiária: “Também não...por isso é que ele não foi para dentro da piscina não é?”

Criança DG: “E nem comprámos óculos para ele.”

Educadora Estagiária: “Ah pois é, os óculos também são precisos, pois é...”

Criança DG: “O meu pai tem de construir umas calças, uns chinelos e temos de comprar uns óculos para o monstro.”

Educadora Estagiária: “Pois é, também acho. Olha e gostaste de o levar para casa?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança DG: “Porque...aaaam...porque a Raquel mandou.”

Educadora Estagiária: “Tu gostaste de levar o monstro para casa porque a Raquel mandou? Não acredito. Tu não querias levar?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Pois eu também achava que tu querias levar, tu até quiseste levar no dia que foste para a natação, não foi?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Tu pediste para levar só no dia que fosses para a natação não foi?”

Criança DG: “Hum hum.”

Educadora Estagiária: “Então tu gostaste de o levar para casa não foi?”

Criança DG: “Sim, e mais nada.”

Educadora Estagiária: “E achas que ele gostou de nos conhecer? Os meninos da sala azul?”

Criança DG: “E nós comemos os bolos.”

Educadora Estagiária: “Os bolos?”

Criança DG: “Sim, ele não comeu o bolo de chocolate que tem bolachas de chocolate.”

Educadora Estagiária: “E esse bolo de chocolate, quem é que fez?”

Criança DG: “Não sei.”

Educadora Estagiária: “Olha achas que ele gostou de conhecer os meninos da sala azul?”

Criança DG: “Quem são os meninos da sala azul?”

Educadora Estagiária: “Quem são os meninos da sala azul?”

Criança DG: “Tu também trabalhas?”

Educadora Estagiária: “Sim, somos nós todos, achas que ele gostou de nos conhecer?”

Criança DG: “Hum hum.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança DG: “Porque nós portámos bem.”

Educadora Estagiária: “Foi? Também acho que sim.”

Criança DG: “Já está? Já não quero falar mais...”

Educadora Estagiária: “Está quase, o que é que tu aprendeste com ele?”

Criança DG: “Aaaam...nós estávamos acordados, a mãe tirou uma fotografia e também tirou uma fotografia no carro quando a mãe tirou uma fotografia no carro, na cadeira, eu na cadeira e ele. O monstro e eu na minha cadeira.”

Educadora Estagiária: “Muito bem mas o que é que tu aprendeste com ele? O que é que ele te ensinou? O que é que ele ensinou aos meninos da sala azul?”

Criança DG: “Portarem-se bem.”

Educadora Estagiária: “Ensinou a portar bem não foi?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E o que é que vocês ensinaram a ele?”

Criança DG: “Portar-se bem.”

Educadora Estagiária: “Também ensinaram a portar-se bem, muito bem. Ele ensinou os meninos a portarem-se bem e vocês ensinaram o monstrinho a portar-se bem não foi?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E ajudaram-no ao levá-lo para casa para ele não ficar sozinho na sala não foi? Porque ele ficou triste ou ficou contente naquela noite que ele ficou cá sozinho?”

Criança DG: “Triste.”

Educadora Estagiária: “Ele ficava triste não foi? Por isso é que ele foi no meu saco e foi comigo para casa não foi? Porque ele ia ficar muito triste se ficasse aqui na escola sozinho.”

Criança DG: “Mas porque é que tá assim? (Aponta para a boca do monstro que está triste)”

Educadora Estagiária: “Pois é, temos que mudar isso não é?”

Criança DG: “Hum hum.”

Educadora Estagiária: “Ele agora deve estar contente.”

Criança DG: “Sim, tá feliz por ver-me.”

Educadora Estagiária: “E por ver os meninos todos não é?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Olha tu gostavas que ele continuasse na nossa sala?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança DG: “Porque...para nós todos aprender a portar bem.”

Educadora Estagiária: “Ainda não aprendeste tudo? Achas que tens que aprender mais coisas?”

Criança DG: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E os outros meninos também precisam de aprender mais coisas?”

Criança DG: (Acena positivamente com a cabeça) “E o Afonso também porque porta-se mal às vezes.”

Educadora Estagiária: “Então se calhar é melhor o monstinho ficar cá, temos que pensar nisso!”

Criança DG: “Pois é.”

### **Entrevista Criança FP**

Educadora Estagiária: “Quem é o monstinho João?”

Criança FP: (Aponta)

Educadora Estagiária: “E porque é que ele veio cá para a escola?”

Criança FP: “Porque os meninos não gostavam dele.”

Educadora Estagiária: “Os amigos não gostavam dele?”

Criança FP: “Não.”

Educadora Estagiária: “Então o que é que aconteceu depois? Ele veio para cá para quê?”

Criança FP: “Para fazer-nos companhia.”

Educadora Estagiária: “E mais? Ele queria aprender alguma coisa?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “O quê? Diz-me lá, o que é que ele queria aprender? Os meninos não gostavam dele pois não? Porquê?”

Criança FP: “Porque ele se portava mal.”

Educadora Estagiária: “Então ele veio para cá para aprender o quê?”

Criança FP: “Fazer as coisas bem.”

Educadora Estagiária: “Tu já o levaste para casa?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E o que é que tu fizeste com ele?”

Criança FP: “Ele dormiu na espreguiçadeira da mana, porque a mana emprestou a espreguiçadeira a ele.”



Educadora Estagiária: “Foi? E mais?”

Criança FP: “Ele dormiu ao pé de mim na minha cama.”

Educadora Estagiária: “E depois, o que é que aconteceu mais?”

Criança FP: “Tava a ver televisão com ele na minha casa de noite.”

Educadora Estagiária: “E o que é que ele viu na televisão?”

Criança FP: “O Panda.”

Educadora Estagiária: “O Panda? Hum, e fizeste mais alguma coisa com ele?”

Criança FP: “Sim. Tirei uma fotografia ao pé dos peixinhos antes de eu dar comida a eles.”

Educadora Estagiária: “Ah, pois foi, eu vi essa fotografia e mais? Eu também vi o teu pijama...”

Criança FP: “O meu pijama tinha um monstro igual...igual...igual a ele.”

Educadora Estagiária: “Tinhas? Tinhas um monstro mas não era igual a ele pois não?”

Criança FP: “Não.”

Educadora Estagiária: “Era parecido.”

Criança FP: “Olha ele não juntou porque ele não come.”

Educadora Estagiária: “Não come?!”

Criança FP: “Ele não juntou.”

Educadora Estagiária: “Aaah, ficou com fome?”

Criança FP: “Não.”

Educadora Estagiária: “Não?! Então?”

Criança FP: “Eu dei o lanche a ele.”

Educadora Estagiária: “E ele comeu...”

Criança FP: “Sim, iogurte, pão.”

Educadora Estagiária: “E ele portou-se bem na tua casa?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E tu portaste-te bem?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Eu também já ouvi dizer que sim, que nesse dia te portaste muito bem, não fizeste birras pois não? Assim é que é! Olha, diz-me lá, o que é que o monstrinho aprendeu contigo?”

Criança FP: “Na minha casa? Aprendeu a brincar, a pintar o livro do Faísca assim (gesticula) com lápis de cera. Ensinei a ver o DVD das letras que eu tenho o jogo das letras e também o DVD das letras.”

Educadora Estagiária: “Não ensinaste mais nada?”

Criança FP: “Não.”

Educadora Estagiária: “Não o ensinaste a portar bem?”

Criança FP: “Eu disse: ‘Porta-te bem!’”

Educadora Estagiária: “Olha e deixaste-o sozinho?”

Criança FP: “Não!”

Educadora Estagiária: “Nunca o deixaste sozinho?”

Criança FP: “Não.”

Educadora Estagiária: “Olha e tu gostaste de o levar para casa?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança FP: “Porque ele é giro!”

Educadora Estagiária: “É giro?”

Criança FP: (Acena positivamente com a cabeça)”

Educadora Estagiária: “Achas que ele gostou de conhecer os meninos da nossa sala?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança FP: “Porque ele adora.”

Educadora Estagiária: “Ele adora o quê?”

Criança FP: “Eles todos!”

Educadora Estagiária: “Ah é? E será que eles também gostam dele?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Sim? Mas ele é um monstro!”

Criança FP: “Pois é. E já viste as minhas calças?”

Educadora Estagiária: “Já, estão muito giras. Olha e o que é que tu aprendeste com ele? O que é que o monstrinho te ensinou?”

Criança FP: “A ler histórias. O pai contou a história do ‘Vitor na quinta’!”

Educadora Estagiária: “E o que é que o monstrinho te ensinou?”

Criança FP: “A não tentar mexer no computador do pai e tentar mexer no meu computador.”

Educadora Estagiária: “Pois, o do pai não...pode estragar-se.”

Criança FP: “Sabes eu gosto muito de jogar o jogo do rato a fugir das enguias.”

Educadora Estagiária: “Mas esse jogo está no computador do pai é?”

Criança FP: “Não, é no meu.”

Educadora Estagiária: “Ah está bem. E tu ensinaste o monstinho a jogar com esse jogo?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E ele aprendeu?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E o que é que ele ensinou aos meninos da sala azul? O que é que os meninos da nossa sala aprenderam com o monstinho?”

Criança FP: “Aprenderam a escrever no livro da Mica e mais nada.”

Educadora Estagiária: “Mais nada? Os meninos não aprenderam mais nada?”

Criança FP: “Eu não queria falar mais nada...”

Educadora Estagiária: “Olha tu gostavas que ele ficasse na nossa sala?”

Criança FP: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança FP: “Para fazer-nos companhia. Porque é que ele tem botões nos olhos?”

Educadora Estagiária: “São os olhos dele!”

Criança FP: “E este tem estrelas.”

### **Entrevista criança PS**

Educadora Estagiária: “Quem é que é o monstinho João?”

Criança PS: “O monstinho João é...é...” (aponta)

Educadora Estagiária: “O que é que ele veio cá fazer à escola? O que é que tu sabes sobre ele? É o monstro que...”

Criança PS: “Ele dorme.”

Educadora Estagiária: “Sim, porque é que ele veio cá para a escola?”

Criança PS: “Para ir para a casa dos meninos.”

Educadora Estagiária: “E porquê?”

Criança PS: “Porque quem portava-se bem, o monstro ia a casa.”

Educadora Estagiária: “Sim e ele veio cá para aprender o quê?”

Criança PS: “Aprender...aprender...para aprender a portar bem.”

Educadora Estagiária: “E para ajudar os meninos a portar bem também ou não?”

Criança PS: “Ham ham.”

Educadora Estagiária: “Foi? E achas que ele conseguiu?”

Criança PS: (Acena positivamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “E tu já o levaste para casa?”

Criança PS: “Já.”

Educadora Estagiária: “E o que é que tu fizeste com ele?”

Criança PS: “Brinquei muito com ele! E depois disse à minha mãe que queria ficar com ele na minha casa.”

Educadora Estagiária: “Querias ficar com ele na tua casa?”

Criança PS: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Tu não querias trazê-lo para a escola?”

Criança PS: (Acena negativamente com a cabeça).

Educadora Estagiária: “Não? Então e depois os teus amigos? Os teus amigos depois também queriam levar para casa... como é que eles faziam?”

Criança PS: “Arranjavam um.”

Educadora Estagiária: “Ai era? Mas eles queriam era este!”

Criança PS: “Faziam... faziam um monstro igual a este!”

Educadora Estagiária: “Então e o que é que tu fizeste mais com ele em casa?”

Criança PS: “Brinquei muito com ele e quando eu tive o monstro em casa o meu pai tinha ido ao inglês.”

Educadora Estagiária: “Foi? E mais, o que é que ele fez mais? Ele não foi só à tua casa e brincaste só com ele, o que é que tu fizeste mais?”

Criança PS: “Vi a Mia enquanto a mãe tava a ver o telejornal na...na...na...no quarto dela!”

Educadora Estagiária: “E mais?”

Criança PS: “E...e... no quarto ela tava a ver jornais também e quando tava a ver os jornais eu tava a ver o Panda que era a Mia com ele. E depois fui com ele aos feijões e aos morangos.”

Educadora Estagiária: “Pois foi, eu vi essas fotografias. E mais coisas que tu fizeste com ele?”

Criança PS: “A mãe tirou fotografias com ele na cama comigo. E depois quando eu ia sair da escola o monstinho foi tirar uma fotografia ali com o senhor Henrique.”

Educadora Estagiária: “Ali na entrada? No portão?”

Criança PS: “Sim, quando saí da escola para ir brincar com o monstinho lá para casa!

Educadora Estagiária: “E depois no outro dia?”

Criança PS: “No outro dia fui tirar uma fotografia com ele no dentista.”

Educadora Estagiária: “Foste com ele ao dentista?”

Criança PS: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E o dentista viu-lhe os dentes?”

Criança PS: “Não!”

Educadora Estagiária: “Não?! O dentista não viu se os dentes dele estavam bons?”

Criança PS: “Foi rápido porque a senhora do dentista disse: “Olha como tu portaste bem, dou-te um diploma!” Mas aquilo foi muito rápido!”

Educadora Estagiária: “Então tu portaste-te bem no dentista foi?”

Criança PS: “O dentista viu os dentes, viu só os dentes, que não tinha se passado nada e depois fui logo para casa! Porque o dentista não disse nada e depois a mãe também disse que eu não podia ter a medalha e o diploma, não podia ter as duas coisas mas eu queria as duas coisas.”

Educadora Estagiária: “Foi? O dentista deu-te uma medalha e um diploma?”

Criança PS: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Boa.”

Criança PS: “E uma coisa do diploma era uma...uma...era um selo. E eu coleí, eu coleí a medalha no diploma.”

Educadora Estagiária: “E ele portou-se bem na tua casa?”

Criança PS: “Portou. Sim e depois tirei aqui uma fotografia com aquelas almofadinhas com o monstro.”

Educadora Estagiária: “Olha e tu portaste-te bem? Ensinaste o monstrinho a portar-se bem?”

Criança PS: “Sim mas ele não teve tempo de ver o Panda.”

Educadora Estagiária: “Então mas tu há bocadinho disseste que viste o Panda com ele.

Criança PS: “Não, só vi o Panda à noite.”

Educadora Estagiária: “Pois à noite. De manhã é tudo a correr para vir para a escola não é? De manhã não dá...”

Criança PS: “Eu de manhã eu acordo cedo...eu da outra vez quando o monstro foi à minha casa dormi com ele na minha cama.”

Educadora Estagiária: “E ele portou-se bem? Dormiu bem?”

Criança PS: “Sim, mas nesse dia não tinha o meu gatinho ainda.”

Educadora Estagiária: “O teu gatinho? “



Criança PS: “Comprei...fui busca-lo da outra vez mas não comprei, onde eu fui buscar o gatinho não é preciso dinheiro. Tava aqui ao pé da escola.”

Educadora Estagiária: “Olha tu portaste-te bem quando levaste o monstrinho para casa?”

Criança PS: (Acena afirmativamente com a cabeça) “Mas o monstrinho não levou cinto, foi ao meu colo.”

Educadora Estagiária: “Foi no carro sem cinto?! Foi?”

Criança PS: “Foi ao meu colo!”

Educadora Estagiária: “E se houvesse um acidente? Já viste o que é que acontecia? Coitadinho. Olha o que é que tu lhe ensinaste? O que é que ele aprendeu contigo?”

Criança PS: “Aprendeu a portar-se bem no dentista. A mãe prendeu-o lá em cima naqueles coisinhos que o dentista tinha lá, umas coisinhas assim para pendurar as mochilas e a mãe pendurou aí o monstrinho.”

Educadora Estagiária: “Para ele ver bem? Então olha mais coisas que tu ensinaste a ele?”

Criança PS: “E depois a dentista puxou a cadeira para trás assim e o monstro começou a ver.”

Educadora Estagiária: “O que é que tu ensinaste mais a ele?”

Criança PS: “Ensinei...a ver os bonecos sossegado. Ensinei a dormir. E também ensinei-o a tirar fotografias sossegado.”

Educadora Estagiária: “Pois, senão elas ficam estragadas. E gostaste de o levar para casa?”

Criança PS: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança PS: “Porque gostei muito e eu disse logo à minha mãe quando acordei: “Mãe posso ter o monstro mais em casa?” E quando era noite, quando tinha o monstro na minha casa, depois quando a minha mãe tava a recolher a roupa eu disse à minha mãe: “Ó mãe...” a chorar assim: “Ó mãe eu quero o monstro mais em casa...” e a mãe disse que os amigos também têm que ter em casa.”

Educadora Estagiária: “Pois, os amigos também queriam levar não era? E achas que ele gostou de conhecer os meninos da sala azul?”

Criança PS: “Ham ham.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança PS: “Porque ele gostou muito que os meninos portassem bem. E quando ia no caminho contigo achou que eles iam portar mal.”

Educadora Estagiária: “Quando ele ia no caminho comigo achou que eles iam portar mal?”

Criança PS: “Quando ele ia para a escola contigo.”

Educadora Estagiária: “Sabes o que é que ele achou? Ele achou foi que vocês se tinham esquecido dele e ele ia ficar uma noite sozinho na escola...e ele não gosta de ficar sozinho, por isso é que ele foi comigo. Porque vocês esqueceram-se dele. Não foi?”

Criança PS: (Acena positivamente com a cabeça) “Mas eu não me esqueci.”

Educadora Estagiária: “Naquele dia esqueceste-te! Olha o que é que tu aprendeste com ele? O que é que ele te ensinou?”

Criança PS: “Ensinou a portar bem. Eu também ensinei-o.”

Educadora Estagiária: “E o que é que ele ensinou aos meninos todos da sala azul?”

Criança PS: “Ensinou os meninos a dormirem sossegados. Os meninos também aprenderam a portar bem. E o monstro aprendeu num instante para portar bem.”

Educadora Estagiária: “Aprendeu num instante não foi? Porquê?”

Criança PS: “Porque nós ensinámos.”

Educadora Estagiária: “Pois foi, vocês conversavam com ele não era?”

Criança PS: (Acena positivamente com a cabeça).

Educadora Estagiária: “Ele deixava os bilhetinhos na barriga e depois nós conversávamos com ele, não era?”

Criança PS: “Sim. E da outra vez ele tinha aqui uma carta e hoje não tem nada.”

Educadora Estagiária: “Tu gostavas que ele continuasse na nossa sala?”

Criança PS: “Ham ham.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança PS: “Porque eu gosto dele em casa e gosto muito que ele tá na nossa sala. Gosto quando os meninos levam o monstro e depois gosto que é a minha vez de levar o monstro.”

Educadora Estagiária: “Muito bem, já está, obrigada!”

### **Entrevista criança LC**

Educadora Estagiária: “Quem é que é o monstrinho João?”

Criança LC: (Aponta para o boneco do monstrinho)

Educadora Estagiária: “Esse é o monstrinho João?”

Criança LC: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Então esse não é o boneco do monstrinho João?”

Criança LC: (Aponta para o monstrinho)

Educadora Estagiária: “Ah, esse é que é o monstrinho João não é? Então olha lá, porque é que ele veio para a nossa sala?”

Criança LC: “Porque ele tava a bater aos amigos. E depois foi para outra escola porque já não tinha amigos!”

Educadora Estagiária: “Então ele veio para a nossa sala para...”

Criança LC: “...para ter mais amigos e para aprender a portar-se bem!”

Educadora Estagiária: “Tu já o levaste para casa?”

Criança LC: (Acena afirmativamente)

Educadora Estagiária: “E gostaste? O que é que tu fizeste co ele?”

Criança LC: “Vi as quatro bailarinas e a tirou uma fotografia com ele, uma fotografia no carro, mas não foi lá dentro, foi cá fora! Brinquei com ele, dei cócegas...”

Educadora Estagiária: “Fizeste cócegas? E ele tem cócegas?”

Criança LC: “Hum hum!”

Educadora Estagiária: “E mais?”

Criança LC: “E depois fui pa cama e dormi com o Mickey e com o Monstro!”

Educadora Estagiária: “E mais?”

Criança LC: “Mais nada!”

Educadora Estagiária: “Mais nada? No outro dia de manhã quando tu acordaste o que é que aconteceu?”

Criança LC: “Am, fui pa escola!”

Educadora Estagiária: “Vieste para a escola, e ele tomou o pequeno-almoço contigo?”

Criança LC: “Sim! Comeu pão e eu comi sopa!”

Educadora Estagiária: “Sopa? Ao pequeno-almoço?”

Criança LC: “Aam, não, foi papa! Não, não, leite, foi leite! Ele também queria provar o leite e eu dei um bocadinho!”

Educadora Estagiária: “Foi? E ele gostou?”

Criança LC: “Sim!”

Educadora Estagiária: “Olha e ele portou-se bem na tua casa?”

Criança LC: “Sim!”

Educadora Estagiária: “Mesmo?”

Criança LC: (Acena afirmativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Muito bem?”

Criança LC: (Acena afirmativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Não fez birras?”

Criança LC: (acena negativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Não se zangou?”

Criança LC: (acena negativamente com a cabeça) “Nem bateu-me!”

Educadora Estagiária: “Ah, assim é que ele é um monstro lindo! Então e tu portaste-te bem?”

Criança LC: (Acena afirmativamente com a cabeça) “Portei a sério.”

Educadora Estagiária: “Não fizeste mal a ele?”

Criança LC: “Não!”

Educadora Estagiária: “E fizeste birras?”

Criança LC: “Não!”

Educadora Estagiária: “Ah isso é que é muito importante!”

Educadora Estagiária: “O que é que tu lhe ensinaste? O que é que ele aprendeu contigo?”

Criança LC: “Aaam, ginástica!”

Educadora Estagiária: “Ginástica? Como é que foi isso? Conta-me lá!”

Criança LC: “Lá em casa no meu quarto!”

Educadora Estagiária: “E o que é que tu fizeste?”

Criança LC: “Brinquei com ele!”

Educadora Estagiária: “A fazer ginástica?”

Criança LC: “Ham ham! Uma vez era ginástica e uma vez era brincar!”

Educadora Estagiária: “E ele gostou da ginástica? Conseguiu fazer?”

Criança LC: (Acena afirmativamente com a cabeça) “Sim, eu disse: Abre as pernas, abre e fecha, abre e fecha, abre e fecha! E ele conseguiu!”

Educadora Estagiária: “Aaah, muito bem!”

Criança LC: “Mas o pequenote tava a dormir ainda!”

Educadora Estagiária: “Esse estava a dormir ainda? Malandreco!”

Criança LC: “Ele tava com um cadinho de sono, eu disse: Acorda preguiçoso! Acorda preguiçoso! Acorda preguiçoso!”

Educadora Estagiária: “Olha e gostaste de o levar para casa? Porquê?”

Criança LC: “Sim! Porque ele é fofinho!”

Educadora Estagiária: “Achas que ele gostou de conhecer os meninos da nossa sala?”

Criança LC: “Aam, eu penso que sim! Eu penso que ele conhece o meu nome! Ele disse: ‘Leonor’!”

Educadora Estagiária: “Mas porque é que tu achas que ele gostou de nos conhecer?”

Criança LC: “Porque ele é um monstro muito lindo!”

Educadora Estagiária: “E o que é que tu aprendeste com ele? O que é que ele te ensinou?”

Criança LC: “Ele ensinou-me a portar... ele disse para eu portar mal!”

Educadora Estagiária: “Ele disse para tu te portares mal?”

Criança LC: “Ham ham!”

Educadora Estagiária: “Não acredito!”

Criança LC: “Ele portou muito mal na minha casa! A sério!”

Educadora Estagiária: “A sério?”

Criança LC: “Ya”

Educadora Estagiária: “Mas tu tinhas dito que ele portou-se bem! Tens que me contar isso!”

Criança LC: “Ele disse que portou-se mal!”

Educadora Estagiária: “Portou-se mal porquê?”

Criança LC: “Porque ele queria ir pa cama outra vez! E bebeu leite e não podia porque vomitou na minha cama!”

Educadora Estagiária: “Oh, e depois?”

Criança LC: Depois a minha mãe teve que tirar os lençóis e depois eu não podia dormir, tinha de dormir no chão! Que é outra cama! Por baixo! E tinha de dormir lá!”

Educadora Estagiária: “E ficaste zangada com ele?”

Criança LC: (Acena afirmativamente com a cabeça) “Dei-lhe palmadas no rabo!”

Educadora Estagiária: “Olha mas isso não se faz, não é assim, ele coitadinho vomitou mas não tinha culpa... E tu deste-lhe palmadas? Afinal eu acho que tu não sabes portar bem...”

Criança LC: (Diz segredinhos ao monstro) “Eu disse a ele que tu és muito bonita!”

Educadora Estagiária: “Disseste a ele que eu sou muito bonita? Muito obrigada! Olha o que é que tu aprendeste com ele? Aprendeste a portar bem? Foi?”

Criança LC: “Sim!”

Educadora Estagiária: “Mas olha que o bater no rabo dele, isso não é lá muito bem!”

Criança LC: “Mas a minha mãe bate no rabo dele! A minha mãe bate no rabinho dele! Porque ele portou-se mal e vomitou no chão e vomitou no pijama da minha mãe!”

Educadora Estagiária: “Olha mas diz-me lá o que é que ele ensinou aos meninos da nossa sala?”

Criança LC: “Portarem-se bem!”



Educadora Estagiária: “E tu gostavas que ele ficasse na nossa sala?”

Criança LC: “Siiiiim!”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança LC: “Porque ele é muito fofinho! É muito bonito e eu gosto de dar abraços! Ele é uma menina!”

Educadora Estagiária: “Uma menina? Então mas ele é um monstro! É o João! João é nome de menina?”

Criança LC: “é uma menina Joana!”

Educadora Estagiária: “Ah, Joana podia ser, mas ele é João!”

Criança LC: “Mas agora é Joana, ele vai para a casa da Bia, tem que ser Joana!”

Educadora Estagiária: “Não, ele é João!”

Criança LC: “Quando ele vai pa casa das meninas ele tem que ser Joana!”

Educadora Estagiária: “Ele é sempre João! Olha tu não és Leonor? Tu és todos os dias Leonor não és? E ele é sempre João! Olha queres dizer mais alguma coisa sobre o monstro?”

Criança LC: “Não!”

### **Entrevista criança MA**

Educadora Estagiária: “Quem é o monstrinho João?”

Criança MA: (Olha e aponta para o monstrinho)

Educadora Estagiária: “É ele não é?”

Criança MA: “Não, esse é ele (aponta para o boneco do monstrinho), porque este é Ricardo.”

Educadora Estagiária: “Esse é Ricardo? Não, este é o João, não foi o que nós decidimos?”

Criança MA: “Mas eu escolhi Ricardo.”

Educadora Estagiária: “Tu deste um nome para escolhermos, mas os meninos todos escolheram João, não foi?”

Criança MA: (Acena positivamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Olha, o que é que tu sabes sobre esse monstro? Quem é ele?”

Criança MA: “João.”

Educadora Estagiária: “E porque é que ele veio cá para esta escola?”

Criança MA: “Para...porque ele não tinha amigos lá na escola dele. Mas ele é só a fingir. Ele não tem escola nenhuma.”

Educadora Estagiária: “Não? Como é que tu sabes?”

Criança MA: “Porque ele é um boneco.”

Educadora Estagiária: “Ah.”

Criança MA: “E é de trazer às costas. Como é que eu sabia? Alguém me respondeu! Ele não responde.”

Educadora Estagiária: “Ele não responde? Mas ele responde nas cartas!”

Criança MA: “Os meninos vão pôr lá as cartas aqui dentro ao monstro.”

Educadora Estagiária: “Ai é? E depois ele responde?”

Criança MA: “E depois os amigos não sabiam que tava lá uma carta.”

Educadora Estagiária: “Olha então ele veio cá para aprender a portar-se bem foi isso?”

Criança MA: (Acena positivamente com a cabeça).

Educadora Estagiária: “Porque não tinha amigos, não tinha amigos por causa disso?”

Criança MA: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Já o levaste para casa?”

Criança MA: “Já.”

Educadora Estagiária: “E o que é que tu fizeste com ele?”

Criança MA: “Ai não, não, o AM é que levou para casa!”

Educadora Estagiária: “E tu não levaste?”

Criança MA: “Eu levei quando era o outro dia!”

Educadora Estagiária: “E o que é que tu fizeste com ele?”

Criança MA: “Dei comer e pus aqui dentro e depois tirei. A comida, porque era a fingir, o monstro não comia.”

Educadora Estagiária: “E mais, o que é que ele fez mais na tua casa?”

Criança MA: “Aprendeu a tomar banho! A minha mãe deu-me banho.”

Educadora Estagiária: “E a ele não deu?”

Criança MA: “Aaam...ele é um monstro.”

Educadora Estagiária: “Então mas os monstros não tomam banho?”

Criança MA: “Nós tomamos e o monstro não porque ele não é só meu e depois estraga-se.”

Educadora Estagiária: “Então e o que é que ele fez mais na tua casa?”

Criança MA: “Já não me lembro...”

Educadora Estagiária: “Já não te lembras?”

Criança MA: “Vimos os desenhos animados com o meu pai e ele tava lá em cima naquela coisa e depois caía. E eu não queria porque ficava com ferida.”

Educadora Estagiária: “Ele caiu?”

Criança MA: “Não, eu segurei-o. Ai não, não segurei porque onde ele tava não caía.”

Educadora Estagiária: “Ele não caía dali? Então e o que é que tu fizeste mais com ele?

Levaste-o para casa não foi? E depois o que é que vocês fizeram lá?”

Criança MA: “Fizemos...brincámos, eu não brinquei.”

Educadora Estagiária: “Tu não brincaste? Foi ele sozinho que brincou?”

Criança MA: “Não, eu não queria brincar...eu já não me lembro o que é que eu fiz...”

Educadora Estagiária: “Então eu ajudo-te! Dormiste com ele?”

Criança MA: “Dormi.”

Educadora Estagiária: “Onde é que ele dormiu?”

Criança MA: “Na minha cama!”

Educadora Estagiária: “Foi? Contigo? E ele dormiu bem?”

Criança MA: “Aaam...sim, eu queria abraçá-lo mas ele não queria, mas não podia porque tinha a bá.”

Educadora Estagiária: “Tinha o quê?”

Criança MA: “Uma bá.”

Educadora Estagiária: “O que é issoooo?!”

Criança MA: (Ri-se) “É uma chucha para dormir.”

Educadora Estagiária: “Tu ensinaste o monstro a usar uma chucha?!”

Criança MA: “Não.”

Educadora Estagiária: “Mas ele viu!”

Criança MA: “Não faz mal.”

Educadora Estagiária: “E agora, se ele quer uma chucha?”

Criança MA: “Ele também gosta...ele é só um monstro!”

Educadora Estagiária: “Mas ele agora secalhar vai querer uma chucha...”

Criança MA: “Ah, olha lá a boca dele, nem tem uma boca pa pôr...só tem dentes!”

Educadora Estagiária: “Se calhar com esses dentes ele estraga a chucha...”

Criança MA: “Ele não deve gostar de chuchas para monstro. Põe-se aqui na barriga! E faz de conta que ele tá a chuchar na barriga que era boca dele.”

Educadora Estagiária: “Mas aquilo não era a boca, aquilo era a barriga dele.”

Criança MA: “Faz de conta que era a boca.”

Educadora Estagiária: “Ah, faz de conta! Olha o que é que fizeste mais com ele? Quando tu acordaste, o que é que vocês foram fazer?”

Criança MA: “Eu já não me lembro se vesti sozinha. “

Educadora Estagiária: “Ensinaste-o a vestir sozinho?”

Criança MA: (Acena negativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Não?”

Criança MA: “A minha mãe ajudou!”

Educadora Estagiária: “E mais? Depois de te vestires, o que é que foste fazer?”

Criança MA: “Fui à escola. Ai não, não falámos do pijama.”

Educadora Estagiária: “Então o que é que aconteceu com o pijama? Deste um pijama a ele?”

Criança MA: (Acena negativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Não? Então?”

Criança MA: “Fui comprar!”

Educadora Estagiária: “Foste comprar um pijama?”

Criança MA: “Vou comprar hoje!”

Educadora Estagiária: “Um pijama para ti?”

Criança MA: “Não, para ele, eu já tenho! Na feira! Tenho que ir lá procurar!”

Educadora Estagiária: “Olha mas tens que ter atenção porque ele tem quatro braços...tem que ser um pijama com quatro braços.”

Criança MA: “Pode ser só com um braço, porque...porque...porque metemos os braços assim.”

Educadora Estagiária: “Ah, está bem. Então depois vieste para a escola com ele não foi? Vieste de carro?”

Criança MA: “Sim, vim.”

Educadora Estagiária: “E ele veio no carro contigo? Como é que ele veio no carro?”

Criança MA: “Eu acho que fomos de autocarro, ou de carro?”

Educadora Estagiária: “Foi de autocarro?”

Criança MA: “Foi. Quando eu era o chefe!”

Educadora Estagiária: “Então diz-me lá, ele portou-se bem na tua casa?”

Criança MA: “Portou-se.”

Educadora Estagiária: “E tu portaste-te bem?”

Criança MA: “A sério, deixa-me só rir um bocadinho e depois já falo.”

Educadora Estagiária: “Portaste-te bem? Diz-me lá, ou sim ou não! Portaste-te bem? Quando levaste o monstinho para casa. Ou ele viu-te a portar mal?”

Criança MA: (Acena negativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Não? Portaste-te bem? “

Criança MA: “Mas ele não me viu a portar mal!”

Educadora Estagiária: “Mas tu portaste-te mal?”

Criança MA: (Acena negativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Olha que ele vê tudo!”

Criança MA: “É só que os olhos dele são botões, ele não consegue ver nada!”

Educadora Estagiária: “Consegue, consegue! Então mas diz-me lá, portaste-te bem ou não?”

Criança MA: “Eu sempre porto-me mal! Mas eu agora tou a começar a portar bem!”

Educadora Estagiária: “Ah é? Tu portas-te sempre mal?”

Criança MA: “Sim, eu agora tou a começar a portar bem!”

Educadora Estagiária: “Acho que fazes muito bem! Olha então diz-me lá o que é que tu ensinaste ao monstinho? O que é que ele aprendeu contigo?”

Criança MA: “Já disse muitas coisas! Tou cansada de tar aqui!”

Educadora Estagiária: “Nós já vamos para lá para fora! O que é que ele aprendeu contigo?”

Criança MA: “Aprendeu a tomar banho!”

Educadora Estagiária: “E mais?”

Criança MA: “A ir de autocarro!”

Educadora Estagiária: “A ir de autocarro? Ele não sabia o que era um autocarro?”

Criança MA: (Acena negativamente com a cabeça) “Ele vai dizer à mãe dele! Ele não tem mãe!”

Educadora Estagiária: “Se calhar tem!”

Criança MA: “Temos de comprar uma! Aprendeu a ver desenhos animados!”

Educadora Estagiária: “Como é que tu lhe ensinaste?”

Criança MA: “Ensinei-o a sentar-se! E a dobrar as pernas!”

Educadora Estagiária: “Ensinaste a quê?”

Criança MA: “Ele tem que ter pernas porque as pessoas têm pernas, e depois cortar este braço e este braço...”

Educadora Estagiária: “Cortar o braço? Coitadinho!”

Criança MA: “É assim que fica uma pessoa!”

Educadora Estagiária: “Mas ele não é uma pessoa, ele é um monstro!”

Criança MA: “Mas eu queria que ele fosse...”



Educadora Estagiária: “Querias que ele fosse uma pessoa? Então mas ele é um monstro, não pode ser uma pessoa!”

Criança MA: “Oh, coitadinho...os monstros...ele gosta dos monstros, os monstros bons!”

Educadora Estagiária: “E ele não é um monstro bom? Ele agora é um monstro bom ou não? Ele faz mal?”

Criança MA: (Acena negativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Pois não, então é um monstro bom!”

Criança MA: “É só que os monstros são todos maus!”

Educadora Estagiária: “Não são nada!”

Criança MA: “Não são?”

Educadora Estagiária: “Este não é mau!”

Criança MA: “É só nos desenhos animados!”

Educadora Estagiária: “Olha diz-me lá, gostaste de o levar para casa?”

Criança MA: “Gostei muito, eu gostei de ter ele na minha casa!”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança MA: “Porque eu adorei, porque ele, porque eu destapei-o e tava a tentar puxar para cima.”

Educadora Estagiária: “O quê?”

Criança MA: “O lençol. Porque ele tava destapado, só tava até aqui, aos pés.”

Educadora Estagiária: “Coitadinho, estava com frio?”

Criança MA: “Tava, ele tava a fazer assim às mãos.” (agarra nas mãos do monstro e esfrega-as).

Educadora Estagiária: “Achas que ele gostou de conhecer os meninos da sala azul?”

Criança MA: “Qual é a sala azul?”

Educadora Estagiária: “É a nossa sala!”

Criança MA: “Ah, gostou!”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança MA: “Porque eu gosto muito dele! É um querido!”

Educadora Estagiária: “E ele gostou dos meninos? Achas que gostou dos meninos da nossa sala?”

Criança MA: (Acena negativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança MA: “Porque eles às vezes gritam e o monstro não gosta...”

Educadora Estagiária: “Então achas que ele não gostou dos meninos!”

Criança MA: (Acena negativamente com a cabeça) “Acho que gostou mas às vezes eles gritam quando estão a comer o pão.”

Educadora Estagiária: “O que é que tu aprendeste com ele? O que é que ele te ensinou?”

Criança MA: “Não ensinou nada? Ele não ensina nada, porque olha, ele não se mexe! Sou eu a mexer, olha!”

Educadora Estagiária: “Então mas ele não te ensinou a portar bem?”

Criança MA: “Eu ensinei-o. Ele não ensinou porque ele é só um boneco.”

Educadora Estagiária: “Então e aos meninos da sala azul, o que é que ele ensinou?”

Criança MA: “Ensinou a portarem-se bem. E a comer em silêncio.”

Educadora Estagiária: “Muito bem, foi isso mesmo, mais alguma coisa? Não? Gostavas que ele ficasse na nossa sala?”

Criança MA: “Eu gostava que ele ficasse na minha casa! Porque é muito lindo.”

### **Entrevista criança BJ**

Educadora Estagiária: “Quem é que é o monstrinho João?”

Criança BJ: (Aponta para o monstrinho)

Educadora Estagiária: “Quem é ele, o que é que tu sabes sobre ele?”

Criança BJ: “Brincou comigo.”

Educadora Estagiária: “Brincou contigo? E o que é que ele veio fazer à nossa escola?”

Criança BJ: “Brincou.”

Educadora Estagiária: “Veio brincar, mais? Porque é que ele veio para cá para a nossa sala?”

Criança BJ: “Foi dormir!”

Educadora Estagiária: “Dormir? E mais?”

Criança BJ: “Eu dormi com o monstrinho na cama.”

Educadora Estagiária: “Isso foi o que tu fizeste em casa! Eu quero saber o que é que ele veio fazer para a nossa sala!”

Criança BJ: “Porque sim!”

Educadora Estagiária: “Porque sim? O que é isso porque sim?”

Criança BJ: “Ele gosta de ir pa escola!”

Educadora Estagiária: “Ele gosta de ir para a escola? Mas ele andava noutra escola antes de vir para esta não andava?”

Criança BJ: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E tinha amigos?”

Criança BJ: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Tinha? E ele portava-se bem na outra escola?”

Criança BJ: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Eu acho que não... Então porque é que ele veio para a nossa escola?”

Criança BJ: “Porque ele gosta de jogar.”

Educadora Estagiária: “Porque ele portava-se mal na outra escola não era? E ficou sem...”

Criança BJ: “...amigos!”

Educadora Estagiária: “Por isso é que ele veio para aqui ou não?”

Criança BJ: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E aprender a quê?”

Criança BJ: “A escrever.”

Educadora Estagiária: “E?”

Criança BJ: “Brincar!”

Educadora Estagiária: “E?”

Criança BJ: “Aaaam...fazer jogos!”

Educadora Estagiária: “E...portar...”

Criança BJ: “...bem!”

Educadora Estagiária: “Estás esquecida! Já o levaste para casa?”

Criança BJ: (Acena positivamente com a cabeça) “Sim.”

Educadora Estagiária: “E o que é que tu fizeste com ele?”

Criança BJ: “Brinquei. O monstro também dormiu na minha cama e eu escrevi no quadro.”

Educadora Estagiária: “Foi? Para ele aprender? O que é que escreveste no quadro?”

Criança BJ: “Fiz um desenho para ele!”

Educadora Estagiária: “Foi? O que é que tu desenhaste?”

Criança BJ: “Uma cobra.”

Educadora Estagiária: “Ele gosta de cobras?”

Criança BJ: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Olha e o que é que tu fizeste mais, dizes que brincaste com ele, brincaste com quê?”

Criança BJ: “Eu contei uma história para ele!”

Educadora Estagiária: “Qual era a história?”

Criança BJ: “O Rato Renato não quer comer!”

Educadora Estagiária: “E o monstinho gostou da história?”

Criança BJ: “Sim.”

Educadora Estagiária: “E depois? O que é que fizeste mais com ele?”

Criança BJ: “Eu dormi sozinha com o monstro.”

Educadora Estagiária: “E ele portou-se bem?”

Criança BJ: “Sim. Segurei assim para ele não cair.”

Educadora Estagiária: “E tu portaste-te bem? Não fizeste birras?”

Criança BJ: (Acena negativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Olha diz-me lá, o que é que tu ensinaste ao monstinho?”

Criança BJ: “A sentar-se. A jantar. Ele gostou de brincar.”

Educadora Estagiária: “Olha e tu gostaste de o levar para casa?”

Criança BJ: (Acena afirmativamente a cabeça)

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança BJ: “Porque ele foi dormir perto de mim. E o bebé dormiu aqui (aponta para a barriga do monstinho) no colo.”

Educadora Estagiária: “Não é um bebé, é um boneco, é o boneco para ele dormir não é? Olha tu foste para casa a pé ou de carro?”

Criança BJ: “De carro.”

Educadora Estagiária: “E ele foi contigo? Foi ao teu colo?”

Criança BJ: “Foi pa avó ao meu colo.”

Educadora Estagiária: “Ele foi no teu colo? Então não o sentaste no carro?”

Criança BJ: “Ele foi noutra cadeira, porque eu tenho uma, ele sentou numa ao pé de mim!”

Educadora Estagiária: “Foi? Tu tinhas uma cadeira para o monstro? De quem era essa cadeira?”

Criança BJ: “É meu?”

Educadora Estagiária: “São tuas? Tu tens duas cadeiras? E ele levou o cinto de segurança?”

Criança BJ: “Não. O pai disse: “Não é preciso!” porque eu segurei!”

Educadora Estagiária: “Seguraste? Achas que ele gostou de conhecer os meninos da nossa sala?”

Criança BJ: (Acena positivamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança BJ: “Porque...Não tem aqui carta nenhuma...”

Educadora Estagiária: “Agora não tem aí carta nenhuma, mas porque é que achas que o monstinho gostou de conhecer os meninos?”

Criança BJ: “Porque...”

Educadora Estagiária: “Não sabes?”

Criança BJ: “Não.”

Educadora Estagiária: “Olha, o que é que tu aprendeste com o monstinho?”

Criança BJ: “Brinquei.”

Educadora Estagiária: “Aprendeste a brincar? E mais? Mais nada?”

Criança BJ: (Acena negativamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “E o que é que ele ensinou aos meninos da nossa sala? Ele ensinou muitas coisas aos meninos da nossa sala não foi?”

Criança BJ: “E a mim não!”

Educadora Estagiária: “A ti não? Tu não és da sala?”

Criança BJ: (Acena positivamente com a cabeça)

Educadora Estagiária: “Então o que é que ele ensinou aos meninos da sala?”

Criança BJ: “Ensinou a fazer trabalhos.”

Educadora Estagiária: “E mais? Ensinou a...”

Criança BJ: “...a ler...”

Educadora Estagiária: “Acho que não, sabes ler? Os meninos da sala sabem ler?”

Criança BJ: “Não.”

Educadora Estagiária: “O que é que ele ensinou aos meninos da sala? O que é que ele tinha dentro da barriga dele?”

Criança BJ: “Uma carta.”

Educadora Estagiária: “Cartas, tinha muitas cartas não era? E para que eram essas cartas? Para ensinar os meninos a...”

Criança BJ: “...brincar...fazer trabalhos...joga...saltar...correr...”

Educadora Estagiária: “...a portar...”

Criança BJ: “...bem!”

Educadora Estagiária: “Bem! Tu estás muito esquecida! O que é que aconteceu?”

Criança BJ: “Eu tava a dormir e eu não sabia!”

Educadora Estagiária: “Olha tu gostavas que ele ficasse na nossa sala?”



Criança BJ: “Sim.”

Educadora Estagiária: “Porquê?”

Criança BJ: “Porque sim.”

Educadora Estagiária: “Porque sim? Isso não sei o que é...”

Criança BJ: “Para ajudar a fazer os trabalhos da Mica!”

Educadora Estagiária: “Para ajudar os maninhos a fazer o quê mais?”

Criança BJ: “Ajudar os meninos a brincar com os amigos.”

Educadora Estagiária: “E pronto já está.”

## Apêndice K - Análise de conteúdo da entrevista realizada às crianças

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Frequência	Total
Formação Pessoal e Social	Porque veio o monstinho	<p>“Ver se os meninos se portam bem!”</p> <p>“Tirei fotografias na minha cama, na cama do meu pai e da minha mãe, e... também... tirei deitado na cama, e tirei na rua, no trabalho da mãe,...e também tirei no Arena Shopping!”</p> <p>“Para aprender coisas!”</p> <p>“Aam...brinca...acho que também aprende a ler, faz os trabalhos...”</p> <p>“Ver!”</p> <p>“Porque ele gosta de ver-nos! A ler, a escrever, a brincar!”</p> <p>“Para os meninos portassem bem, para brincar.”</p> <p>“Porque ele tem que se portar bem para não fazer as coisas mal.”</p> <p>“Porque...para nós todos aprender a portar bem.”</p> <p>“Porque os meninos não gostavam dele.”</p> <p>“Para fazer-nos companhia.”</p> <p>Porque ele se portava mal.</p> <p>Para ir para a casa dos meninos.</p> <p>Aprender...aprender...para aprender a portar bem.</p> <p>“Porque ele tava a bater aos amigos. E depois foi para outra escola porque já não tinha amigos!”</p> <p>“...para ter mais amigos e para aprender a portar-se bem!”</p> <p>“Ele gosta de ir pa escola!”</p>	<p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>2</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>2</p> <p>1</p>	16
	O que fizeram	<p>“Brinquei com ele ...”</p> <p>“Eu fui no carro do pai e ele foi ao pé de mim!”</p> <p>“Acho que fomos a SanCuz (Santa Cruz)!”</p> <p>“Ele dormiu ao pé de mim na minha cama.”</p> <p>“...dei o lanche a ele.”</p> <p>“Brinquei muito com ele!”</p> <p>“...a ver o Panda que era a Mia com ele. E depois fui com ele aos feijões e aos morangos.”</p> <p>“Vi as quatro bailarinas e a tirou uma fotografia com ele, uma fotografia no carro, mas não foi lá dentro, foi cá fora! Brinquei com ele, dei cócegas...”</p> <p>“Ele também queria provar o leite e eu dei um bocadinho!”</p> <p>“Aaam, ginástica!”</p> <p>“...eu disse: Abre as pernas, abre e fecha, abre e fecha, abre e fecha! E ele conseguiu!”</p> <p>“Dei comer e pus aqui dentro e depois tirei. A comida, porque era a fingir, o monstro não comia.”</p> <p>“...contei uma história para ele!”</p>	<p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>1</p>	13

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

	Comportamento do monstro	“Não fez nada!” “Sim portou-se [bem].” Eu disse: ‘Porta-te bem!’ “Nem bateu-me!”	1 8 1 1	11
	Comportamento das crianças	“Eu não portei mal.” “Não. Só que o LV portou-se[mal].” “Porque nós portámos bem.” “E o AM também porque porta-se mal às vezes.” “Portei [bem] a sério.” “Dei-lhe palmadas no rabo!” “Eu sempre porto-me mal! Mas eu agora tou a começar a portar bem!”	1 1 1 1 4 1 1	10
	Conhecimentos adquiridos pelo monstrinho	“Ensinei a portar bem!” “Também ensinei a tomar banho! Ensinei-o...a comer fruta!” “A dormir.” “Eu ensinei a andar de baloiço! É só segurar no ferro e depois baloiçar!” “A escorregar!” “Jogar ao jogo dos...dos...daquele dos patos.” “Portar-se bem.” “Na minha casa? Aprendeu a brincar, a pintar o livro do Faísca assim (gesticula) com lápis de cera. Ensinei a ver o DVD das letras que eu tenho o jogo das letras e também o DVD das letras.” “Aprendeu a portar-se bem no dentista.” ”Ensinei...a ver os bonecos sossegado. Ensinei a dormir. E também ensinei-o a tirar fotografias sossegado.” “E o monstro aprendeu num instante para portar bem.” “Ele portou muito mal na minha casa! A sério!” “Aprendeu a tomar banho!” “Eu ensinei-o. Ele não ensinou porque ele é só um boneco.”	1 1 1 1 1 1 4  1 1  1 1 1 1 1 1	17
	Conhecimentos adquiridos pelas crianças	“Portarem-se bem.” “A não tentar mexer no computador do pai e tentar mexer no meu computador.” “Aprenderam a escrever no livro da Mica...” “Ensinou os meninos a dormirem sossegados.” “Ele ensinou-me a portar... ele disse para eu portar mal!” “Eu ensinei-o. Ele não ensinou porque ele é só um boneco.” ”...a comer em silêncio.” “...a fazer trabalhos.”	5 1 2 1 1 1 1 1 1	13

Importância do projeto	“Gostei.”	1	
	“Gostei porque ele também gostou de me ver!”	1	
	“Porque assim nós víamos sempre as cartas que ele pusia na barriga.”	1	
	“Porque ele é giro!”	1	
	“Porque gostei muito e eu disse logo à minha mãe quando acordei: “Mãe posso ter o monstro mais em casa?” E quando era noite, quando tinha o monstro na minha casa, depois quando a minha mãe tava a recolher a roupa eu disse à minha mãe: “Ó mãe...” a chorar assim: “Ó mãe eu quero o monstro mais em casa...” e a mãe disse que os amigos também têm que ter em casa.”	1	
	“...ele gostou muito que os meninos portassem bem. E quando ia no caminho contigo achou que eles iam portar mal.”	1	
	“...eu gosto dele em casa e gosto muito que ele tá na nossa sala. Gosto quando os meninos levam o monstro e depois gosto que é a minha vez de levar o monstro.”	1	
	“Porque ele é fofinho!”	1	
	“Gostei muito, eu gostei de ter ele na minha casa!”	1	
	“...eu gosto muito dele! É um querido!”	1	
	“Eu gostava que ele ficasse na minha casa! Porque é muito lindo.”	1	
			11

**Apêndice L - Questionários aos pais**

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Sim, Ajuda a entender como socializa e a ter um  
responsabilidade de culpar de alguém sempre com a  
vidente a Brinquedos.

2. Quando o seu educando levou o monstinho e andou pelas ruas, percebeu  
alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

Sim uns olhares, uns poucos piangidos, penso que  
que não.

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstinho  
para casa?

Foi contente e teve-o sempre com ele em todos  
os momentos.

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Sim, gostou muito e explicou-me o porquê  
nos "monstros" que ele viu a casa de todos os  
amigos.

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

Pens. de ele aprendeu que deve em atenção  
a quem precisa.



## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Sim, Para ser na Culo Expresso de tempo  
no Conselho, fizemos na Culo, com Tapaite  
as fotos, ficou na espera de outra IGC.

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Muito obrigada pela disponibilidade.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Sim, considero importante porque tem sempre um fundamento moral e elas aprendem sempre algumas coisas.

2. Quando o seu educando levou o monstinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

O monstinho chamou muita atenção por parte das pessoas, porque é colorido, grande e bonito. Muitas pessoas tiveram a curiosidade de perguntar o que era. E a mãe respondeu com "ar importante" que era o monstinho e que ia para casa dele e dormir com ele.

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstinho para casa?

O meu educando foi muito zeloso, cuidadoso e acima de tudo muito responsável, mais parecia se tratar de um verdadeiro ser humano.

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Muito empenho, desde o início. Abrecoo este projeto como se fosse o seu.

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

Aprendeu a ser responsável, cuidadoso e zeloso. Mas acima de tudo o sentido da responsabilidade.

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Gostei muito de participar, porque tem um objectivo.  
Gostei que houvesse mais projectos destes.

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Este projecto também foi bom, para vermos e  
conhecermos melhor os nossos filhos.

A maneira como ensinam o sentido da responsabili-  
dade, os regras a ter, a preocupação pelo Doutrinado.  
Foi muito bom de ver disto isso.

Desejamos tudo de bom para a Dina e muito  
sucesso na vida pessoal e profissional.

Muito obrigada pela disponibilidade.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Sim. Porque eles vão aprender a ter mais responsabilidade.

2. Quando o seu educando levou o monstinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

Sim. As pessoas olhavam e ele sorria e ficava orgulhoso por ter o monstinho.

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstinho para casa?

Brincou muito com ele.

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Sim. Ele preocupou-se em não estragar e em lhe fazer companhia.

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

Aprendeu a ser mais responsável e mais cuidadoso.

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Sim - Acho que as crianças  
precisam de alguma coisa que  
as faça sentir-se úteis e  
orgulhosas.

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Acho que foi uma ideia boa e por  
isso está de parabéns por este  
projecto.

Muito obrigada pela disponibilidade.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Sim, considero-os importantes na medida em que vivemos numa sociedade que, cada vez mais, se de filhos únicos e só com iniciativas ditas e se aprendem a existir e responsabilizar-se pelas outras.

2. Quando o seu educando levou o monstinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

Embora muitas pensassem que se tratava de uma mochila, houve muitas que perguntavam o que é que ele levava e ele respondia que era o amigo monstro e explicava que era mal educado. Tinha de aprender a portar-se bem.

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstinho para casa?

Embora tivesse orgulho de trazer o monstinho para casa, tinha o cuidado de não o deixar sozinho, por vezes chateava-se porque "o monstro não fala".

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Sim. Tive o cuidado de nunca o deixar, de não o deixar e tentar criar situações em que o pudesse utilizar. Na sua vida se esquecia dele e quando se sentia cansado por o ter aí costava pedir-lhe desculpa e pedir-lhe para o levar.

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

Uma de tudo, acho que inventou a relação dele com outras pessoas e aprendeu o seu sentido de responsabilidade.



6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Sim, gostamos de participar. De esta forma  
o projeto também nos fez ver que o nosso  
filho tem já uma grande capacidade de  
leridas.

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Muito obrigada pela disponibilidade.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Sim. Porque é uma forma de começarem a aprender a ser responsáveis.

2. Quando o seu educando levou o monstinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

Não

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstinho para casa?

Curiosamente, nesse dia não houve bairros para tomar banho, lavar os dentes e ir para a cama.

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Sim. Sentiu-se muito importante ao levar o monstinho para casa e responsável por ele. Nunca o deixou sozinho e sabia muito bem o que o monstinho podia ou não fazer.

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

Aprendeu a ser responsável por algo que, não sendo pessoa, significou muito para ele. Não querendo exagerar acho que até pareceu que era família.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

---

---

---

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Achei o projecto muito interessante, principalmente por ver o contentamento e o empenho do meu filho em cuidar do monstrinho e a sua preocupação pelo bem estar do mesmo. Gostei imenso de participar.

---

---

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Como gosto imenso de fazer actividades com o meu filho, só lamento não haver mais projetos deste género.

---

---

---

---

---

---

---

Muito obrigada pela disponibilidade.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

PENSO QUE É IMPORTANTE POIS DÁ-LHES UMA CERTA RESPONSABILIDADE POR TEREM DE CUIDAR DO MONSTRINHO,

2. Quando o seu educando levou o monstrinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

REPERCEBI EM ALGUNS OLHARES DAS PESSOAS, PARA TENTAREM PERCEBER DO QUE SE TRATAVA MAS NINGUÉM SE APROXIMOU. A MARGARIDA VIRAVA O BONECO PARA QUE AS PESSOAS VISSEM MELHOR.

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstrinho para casa?

FOI PRATICAMENTE IGUAL AOS OUTROS DIAS NO QUE RESPEITA A DESOBEDIÊNCIA PARA CONNOSCO (PAIS) RELATAVA TUDO O QUE IA FAZENDO AO MONSTRINHO, MOSTROU SEMPRE PREOCUPAÇÃO COM O BEM ESTAR DO "AMIGUINHO". TALVEZ ADORAR TER TANTO MAIS FÁCIL PORQUE ESTAVA PREOCUPADA SE ELE NÃO IA DORMIR O SUFICIENTE.

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

SIM, TODOS OS DIAS FICAVA TRISTE POR NÃO SER ELA A LEVÁ-LO PARA CASA. NO DIA QUE O LEVOU FEZ QUESTÃO QUE ELE PARTICIPASSE EM TUDO.

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

NÃO SEI DIZER CONCRETAMENTE MAS PERCEBI QUE A MARGARIDA SABE AS REGRAS QUE LHE IMPOŊEM EM CASA POIS FEZ EXATAMENTE ISSO AO MONSTRINHO. POR EXEMPLO, COLOCAR O CINTO DE SEGURANÇA

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

NO CARRO, LAVAR OS DENTES AO DEITAR E ACORDAR, ETC.

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

ACHEI UM PROJETO INTERESSANTE. FOI ENGRACADO VER O EMPENHO E RESPONSABILIDADE QUE A MARGARIDA MOSTROU PARA QUE NADA FALTASSE AO MONSTRINHO E TODAS AS EXPLICAÇÕES QUE LHE DAVA PARA LHE TRADUZIR O DIA A DIA.

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Muito obrigada pela disponibilidade.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Sim. Ajuda-as a lidar com os outros,  
a ter responsabilidades de dar o exemplo.

2. Quando o seu educando levou o monstinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

Mostre-se orgulhoso, era a "chefe" e  
tinha um amigo a quem ensinava coisas.

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstinho para casa?

Sim. Deve ter sido o seu melhor  
dia. fazia tudo o que lhe dizia,  
Dava o exemplo em todas as  
circunstâncias.

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Sim. não.

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

A partilhar, a dar exemplo



## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Gostei. foi interessante. podia repetir-se.

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Obrigada por ajudarem a Leonor a adaptar-se tão bem. E por lhe mostrarem que é importante ajudar os outros e se integram.

Muito obrigada pela disponibilidade.

Rita Coelho  
(mãe Leonor Coelho)

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Sim. Porque é responsável tratar os  
otips. e o monstro morto o meu filho em  
exemplo.

2. Quando o seu educando levou o monstrinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

Não é nada especial. Os vizinhos dizem  
que o boneco de Alexandre é fixe.

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstrinho para casa?

É mais dedicado o monstro e mais  
responsável

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Sim. Queria levar o seu amigo novo  
para todo lado. Não largou por pouco

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

Afinal os monstros não fazem mal

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

achei uma boa iniciativa. e foi um  
Bia diferente dos outros.

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Muito obrigada pela disponibilidade.

Oléna Brysokryeva  
mãe do Alexandre

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Sim, considero importante, pois incute nas crianças o sentido de responsabilidade ao tomar conta de um "monstrinho" que é de todos.

2. Quando o seu educando levou o monstrinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

Sim, o acompanhei em andas para casas de particulares, pelo que ali sim, houve uma reação de admiração, seguida de perguntas etc...

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstrinho para casa?

Nunca o deixava sozinho e fazia-o participar nas suas actividades e outros diários.

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Sim

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

A ser responsável por algo diferente que não os seus bonecos de montar.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

---

---

---

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Considero o projeto interessante,  
original e divertido. Claro que  
gostei de participar.

---

---

---

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Muito obrigada pela disponibilidade.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Sim, acho importante para eles porque estimula o sentido da responsabilidade no menor filho e considero importante também para nós pais porque no meu caso fez-me ver a importância que ele dá aos momentos em que estamos juntos e que por vezes nós pais por falta de tempo não damos importância.

2. Quando o seu educando levou o monstinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

Sim, as pessoas perguntavam o que era ao que ele respondia que era o monstinho e que ia levá-lo à matilha e depois para casa para brincar e para ensinar a portar-se bem.

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstinho para casa?

O comportamento foi muito bom, porque como ele disse: "o monstinho não tudo e soube tudo".

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Sim, foi curioso ver como ele fez questão que tudo o que ele fizesse o monstinho também tivesse que fazer, na festa de anos do pai e da mãe o monstinho também teve de se sentar à mesa e cantar os parabéns.

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

Penso que aprendeu a ser responsável por algo que não lhe pertence (pertence a todo o grupo) mas que naquela tarde e noite era ele que tinha de cuidar do monstinho. Como a avó lhe disse: "é



## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

uma grande responsabilidade ensinar o menestrinho a portar-se bem, também tens de te portar bem que é para ele fazer o mesmo que tu!" Ele respondeu à avó que sim porque no dia seguinte ele iria contar tudo o que tinha acontecido aos amigos.

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Gostei muito de participar neste projeto e o Duarte também, até quis arranjar uma touca para o menestrinho ir à mataçã e já pediu ao pai um toulo, uns calções de banho e para construir uns chinelo para o menestrinho porque os pés dele são diferentes dos meus.

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Muito obrigada pela disponibilidade.

## Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

1. Considera importante este tipo de projetos com crianças desta idade? Porquê?

Considero, Porque além de todos os dias têm uma criança que ficava responsável pelo monstinho. Também na escola se falava diariamente sobre os comportamentos de cada um. Afinal (final) eram todos responsáveis pelo monstinho e tinham de ser exemplo.

2. Quando o seu educando levou o monstinho e andou pelas ruas, percebeu alguma reação das pessoas? Se sim, o que dizia/fazia o seu filho?

Não houve reação das pessoas. Porque fomos de carro.

3. Como foi o comportamento do seu educando no dia em que levou o monstinho para casa?

A Rita teve um comportamento normal, mas notei que enquanto fazia o jantar, o meu marido estava a ver o telejornal e a Rita pegou no monstinho e disse: "Vamos brincar para o nosso quarto e perguntar-lhe se gostava de brincar com bonecas, mas deve ter chegado à conclusão que ele devia gostar mais de carros porque pouco depois estava rodeado de carros."

4. Sentiu empenho no seu educando em relação a este projeto?

Sim, pelo caminho para casa contou-nos tudo o que aconteceu naquele dia e o que queria fazer, mas que tinha de se portar bem. Para o monstinho aprender.

5. O que acha que o seu filho aprendeu com este projeto?

Não só a dar o exemplo, mas a partilhar, a cuidar e a ser responsável.

---

---

---

6. O que achou deste projeto? Gostou de participar?

Gostei muito de Participar Porque Percebi como a Rita já Percebe quais as regras cá em casa ao explicar Tudo ao meu irmão.

---

---

---

7. Reservo este espaço para algo mais que queira partilhar.

Aproveito Para lançar o desafio a um novo Projeto destes.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Muito obrigada pela disponibilidade.

**Apêndice M - Análise de conteúdo dos questionários realizados aos pais**

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Frequência	Total
Formação Pessoal e Social	Responsabilidade	“...ter uma responsabilidade de cuidar de alguém...” “...muito responsável...” “Aprendeu a ser responsável...” “...sentido de responsabilidade.”	3 2 9 4	
	Partilha	“Brincou muito com ele.” “A partilhar.” “...deve ter chegado à conclusão que ele devia gostar mais de carros porque pouco depois estava rodeado de carros.”	1 2 1	
	Cuidado	“...foi muito atencioso, cuidadoso...” “...mais cuidadoso.” “...estava preocupada se ele não ia dormir o suficiente.”	2 2 1	
	Socialização	“...ajuda a entender como socializar..” “Várias pessoas tiveram a curiosidade de perguntar o que era. E a IT respondeu com ‘ar importante’ que era o monstinho e que ia para casa dela e dormir com ela.” “...ele respondia que era o amigo monstro e explicava que era mal educado. Tinha de aprender a portar-se bem.” “...incentivou a relação com outras pessoas.”	1 1 1 1	
	Regras	“...a maneira como encaram (...) as regras a ter...” “...sabia muito bem o que o monstinho podia ou não fazer.” “...percebi que (...) sabe as regras que lhe impomos em casa pois fez exatamente isso com o monstinho.” “...tinha um amigo a quem ensinar regras.”	1 1 1 1	
	Comportamento	“...preocupou-se em não estragar...” “...quando se sentia cansado por o ter às costas pedia-lhe desculpa e pedia-nos para o levar.” “Curiosamente, nesse dia não houve birras...” “Foi praticamente igual aos outros dias no que respeita a desobediência...” “Deve ter sido o seu melhor dia. Fazia tudo o que se lhe dizia...” “...tinha de se portar bem. Para o monstinho aprender.”	1 1 1 1 1 1	
Projeto	Duração do Plano de Ação	“...pena ser num curto espaço de tempo...”	1	

Contributo de um fantoche para o desenvolvimento de um grupo de crianças

	Empenhamento por parte das crianças	“Ficou contente e teve-o sempre com ele em todos os momentos.”	1	
		“...gostou muito...”	1	
		“...mais parecia se tratar de um verdadeiro ser humano.!”	1	
		“Muito empenho desde o início. Abraçou este projeto como se fosse o seu.”	1	
		“...ficava orgulhoso por ter o monstinho.”	1	
		“...sentiu-se muito importante ao levar o monstinho para casa...”	1	
		“...significou muito para ele.”	1	
		“...acho que até parecia que era da família.”	1	
		“A MA virava o boneco para que as pessoas vissem melhor.”	1	
		“...ficava triste por não ser ela a levá-lo para casa.”	1	
	Importância dada ao projeto	“...considero importante porque tem sempre um fundamento moral...”	1	
		“Gostei muito de participar.”	2	
		“...foi uma ideia gira e por isso está de parabéns por este projeto.”	1	
		“Achei o projeto muito interessante (...). Gostei imenso de participar.”	1	
		“...lamento não haver mais projetos deste género.”	1	
		“Penso que é importante pois dá-lhes uma certa responsabilidade por terem de cuidar do monstinho.”	1	
		“Gostei. Foi interessante. Podia repetir-se.”	1	
		“Considere o projeto interessante, original e divertido. Claro que gostei de participar.”	1	

## **Apêndice N - Entrevista à educadora cooperante**

### **1. Qual a metodologia que utiliza na sua prática pedagógica?**

Na verdade, como sabes utilizo um pouco de cada metodologia: High Scoope e Movimento Escola Moderna. Aquela formação que tive este ano acerca do MEM elucidou-me muito acerca de certas dúvidas que eu tinha e fiquei muito entusiasmada para implementar os projetos, por exemplo. Tu viste, agarrei logo a oportunidade para desenvolver o projeto da chuva. Mas considero que não dá para implementar um método só. Temos de utilizar um pouco de cada consoante o que se adequa ao nosso grupo.

### **2. Na sua opinião acha que fez sentido todas as conversas de grupo acerca dos seus comportamentos?**

Acho que sim, acho que faz todo o sentido, é nestas idades que eles desenvolvem as suas competências sociais e por isso acho de todo importante fazê-los pensar e refletir acerca das suas atitudes. Acho que conseguiste fazê-los colocarem-se no lugar do outro e essencialmente conseguiste fazê-los procurar soluções alternativas para os problemas. Foi uma excelente ideia o monstinho para os levar a falar, de certa forma ele funcionou como um mediador.

### **3. Na sua opinião o que pode proporcionar à criança a utilização de um boneco de trapos?**

Olha, em alguns casos proporcionou confiança e auto-estima para falarem em grupo, como a PS. Para outros foi uma forma de ao invés de fazerem “queixinhas” (gesticula as aspas) a nós adultos, escreviam um bilhetinho ao monstinho e depois esperavam uma resposta dele, foi muito interessante ver isso. Já os outros que gostam e participam muito nas conversas, porque já faz parte da sua natureza, o falar, falar, falar, esses queriam mesmo era levar o monstinho para casa. Ao longo da semana, mesmo nos dias que não estavas eles recorriam muito ao monstro e faziam imensos planos para quando o levassem a casa.

### **4. E em relação ao envolvimento parental, qual a sua opinião acerca da sua importância?**

Considero muito importante claro, influencia em muito o processo de aprendizagem e é uma forma de as crianças sentirem o seu trabalho valorizado



pelos pais. E uma grande motivação também. Já te tinha dito e continuo a dizer, não esperava tanto envolvimento dos pais, ou melhor, de alguns pais. Sou sincera. Fiquei espantada mas ao mesmo tempo muito motivada para no próximo ano fazer um projeto do género. Vou-te copiar (risos).

**5. Como descreve o grau de interesse das crianças face a este projeto?**

O grau de interesse face a este projeto? Devo-te dizer, e tu sabes, que as crianças estiveram sempre empenhadíssimas e penso que isso se deveu muito também ao facto da presença do monstinho, porque apesar de saberem que era um boneco, viram-no como um amiguinho que precisava de ajuda e que cuidassem dele. Foi muito interessante ver a preocupação que eles tinham pelo bem-estar dele. Até nos adultos se sentiu um empenho imenso, foi realmente pena foi o monstinho não poder passar mais tempo em casa de cada criança.

**Apêndice O - Análise de conteúdo da entrevista realizada à educadora**

Categories	Subcategorias	Indicadores	Frequência	Total
Metodologia da Prática Pedagógica	High Scoope	“...utilizo um pouco de cada metodologia: high scoope...”	1	1
	Movimento Escola Moderna	“...implementar projetos...” “...oportunidade para desenvolver o projeto da chuva.”	1 1	2
Importância da Formação Pessoal e Social – Processo de ensino aprendizagem	Envolvimento das crianças	“...as crianças estiveram sempre empenhadíssimas...” “...escreviam um bilhetinho e depois esperavam uma resposta...” “...recorriam muito ao monstro...”	1 1 1	3
	Envolvimento parental	“Considero muito importante...” “...influencia em muito o processo de aprendizagem...” “...as crianças sentem o seu trabalho valorizado pelos pais.” “...grande motivação...” “...não esperava tanto envolvimento dos pais...”	1 1 1 1 1	5
	Personagem mediadora	“...proporcionou confiança e autoestima para falarem em grupo...” “...ao invés de fazerem ‘queixinhas’ (...) escreviam um bilhetinho ao monstrinho...” “...queriam mesmo era levar o monstrinho para casa.” “...recorriam muito ao monstro...” “...faziam imensos planos para quando o levassem a casa.” “Foi uma excelente ideia o monstrinho para os levar a falar...” “...funcionou como um mediador.” “...apesar de saberem que era um boneco, viram-no como um amiguinho que precisava de ajuda...” “...pena foi o monstrinho não poder passar mais tempo em casa de cada criança.”	1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	9
	Aprendizagens nas crianças	“...é nestas idades que eles desenvolvem as suas competências sociais...” “...fazê-los pensar e refletir acerca das suas atitudes.” “...conseguiste fazê-los colocarem-se no lugar do outro...” “...fazê-los procurar soluções alternativas para os problemas.” “...confiança e autoestima...”	1 1 1 1 1	5